

UNIVERSIDADE ABERTA



“Estudo etnográfico sobre a morte e o morrer na freguesia dos
Canhas”

Gabriel Rodriguez Rodriguez

MESTRADO EM RELAÇÕES INTERCULTURAIS

2021

UNIVERSIDADE ABERTA



Estudo etnográfico sobre a morte e o morrer na freguesia dos
Canhas

Gabriel Rodriguez Rodriguez

MESTRADO EM RELAÇÕES INTERCULTURAIS

Dissertação de mestrado orientada pela:

Professora Doutora Teresa Joaquim

2021

Dedico aos meus pais, por sempre me terem feito acreditar

AGRADECIMENTOS

À minha irmã e conselheira e ao meu cunhado por estar sempre presentes.

Aos meus sobrinhos, Pedro e Micaela, aos meus afilhados e afilhadas, por serem a minha inspiração

A todas pessoas que aceitaram ser entrevistadas, assim como, as que cederam os registos fotográficos. Sr^a Teresa Barros, Sr^a Deolinda Loreto, Sr Inês Barros; Sr^a Conceição Rodrigues, Sr^o Leonel Marcos; Sr^a Conceição Castanho; Sr^a Conceição Bairos; Sr Padre António Paulo Sousa, Sr^a Rita Dionísio, Sr^a Matilde Coelho.

Aos amigos: Jerónimo Figueira, Dália Figueira, Carmelita Moura, Rosa Vieira, Sofia Ferreira e Bento Silva por me terem incentivado a concluir este trabalho, quando por vezes vacilei, aprendi e aprendo muito convosco.

À minha catequista de infância: Eugénia Álvaro, obrigado pelos seus ensinamentos

RESUMO

A morte e a ideia de mortalidade são uma realidade com que todas as pessoas têm de conviver. Já os mais antigos diziam que: “a única certeza que existe é a da morte”. No dia-a-dia, as pessoas têm dificuldade em entender esta realidade e enfrentá-la como um acontecimento integrante da existência do ser humano, tal como o nascimento. O tema da morte é, portanto, transversal a todas as culturas, sendo importante, à luz das relações transculturais, perceber de que forma as pessoas lidam com a morte, quais os rituais associados à mesma e de que forma estes evoluem à medida que a sociedade e as mentalidades evoluem também. Deste modo, o objetivo do presente estudo é conhecer a evolução que tem ocorrido nos rituais, percepções e vivências sobre a morte e o morrer, na freguesia dos Canhas, que é uma pequena freguesia do concelho da Ponta do Sol, situada na Região Autónoma da Madeira, e que nos últimos anos tem visto a sua população diminuir progressivamente. As causas desta diminuição são o aumento da taxa de desemprego e a procura de melhores condições de vida, levando a um elevado movimento de emigração. No passado, os principais destinos eram África do Sul, Brasil, Curaçau e, especialmente, Venezuela. No presente, o principal destino de emigração é Inglaterra. Para cumprir o objetivo proposto, foi adotada uma abordagem qualitativa, tendo-se realizado entrevistas aos habitantes da freguesia dos Canhas, de forma a conhecer os antigos rituais fúnebres da freguesia, assim como a situação atual e os motivos da sua evolução. As respostas revelaram que os rituais associados à morte e ao morrer nesta freguesia sofreram grandes modificações, passando de rituais marcadamente familiares e comunitários de grande exteriorização de sentimentos e com elevada participação social para uma realidade mais recatada e recolhida, em que todo o processo ritual é da responsabilidade das agências funerárias, sendo que atualmente muitas das crenças e rituais já não se praticam. Esta modificação é consequência de uma maior escolaridade e da emigração, que permitiu o conhecimento de novas realidades, da modernização e urbanização da sociedade, assim como de uma mudança nos padrões de trabalho. Apesar dos rituais se estarem a perder na freguesia dos Canhas, este trabalho torna-se num importante documento etnográfico de preservação da cultura e história de um povo.

Palavras-chave: Morte; Rituais Fúnebres; Etnografia; Freguesia de Canhas.

ABSTRACT

It is often said that the only certainty in life is death. Death and the idea of mortality are, therefore, a reality that all people must live with. On a day-to-day basis, people find it difficult to understand this reality and face it as an event that is integral to human existence, such as birth. The theme of death is, thus, transversal to all cultures, and it is important, in the light of transcultural relationships, to understand how people deal with death, what rituals are associated with it and how they evolve, as the society and mentalities evolve as well. Accordingly, the objective of the present study is to know the evolution that has occurred in rituals, perceptions and experiences about death and dying, in the parish of Canhas, which is a small parish in the municipality of Ponta do Sol, located in the Autonomous Region of Madeira, and which in recent years has seen its population progressively decrease. The causes of this decrease are the increase in the unemployment rate and the search for better life conditions, leading to a high rate of emigration. In the past, the main destinations were South Africa, Brazil, Curaçao and especially Venezuela. At present, England is the main emigration destination. To achieve the proposed objective, a qualitative approach was adopted, with interviews being carried out with the inhabitants of the parish of Canhas, in order to learn about the old funeral rituals of the parish, as well as the current situation and the reasons for its evolution. The answers revealed that the rituals associated with death and dying, in this parish, underwent major changes, going from markedly family and community rituals of great expression of feelings and with high social participation towards a more demure and collected reality, in which the whole process of the ritual is the responsibility of funeral agencies and, consequently, many of the beliefs and rituals are no longer practiced today. This change is the result of greater schooling and emigration, which allowed the knowledge of new realities, the modernization and urbanization of society, as well as a change in working patterns. Although the rituals are being lost in the parish of Canhas, this work becomes an important ethnographic document for the preservation of the culture and history of a people.

Keywords: Death; Funeral Rituals; Ethnography; Canhas's Parish.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VI
ÍNDICE	VIII
ÍNDICE DE FIGURAS	III
ÍNDICE DE TABELAS	IV
INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
1. Definição de vida.....	9
2. Definição de morte.....	12
3. A perda e o luto.....	16
4. Consequências e reações emocionais à morte	19
5. Ritos e rituais de passagem da morte para o luto	22
6. Morte e religião.....	24
6.1. A morte segundo a tradição cristã.....	25
METODOLOGIA	28
1. Objeto de Estudo.....	28
2. Questões de partida	29
3. Objetivos	29
3.1 Objetivo geral.....	29
3.2 Objetivos específicos.....	30
4. Paradigma metodológico – qualitativo	30
5. Método de recolha dos dados – Entrevista	33
6. Método de análise dos dados – Análise de conteúdo	35
7. Pressupostos éticos.....	37
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	39
1. A freguesia dos Canhas	39
1.1. Caracterização.....	39
1.2. Origem da freguesia dos Canhas.....	41
1.3. Caracterização sociodemográfica	42
1.4. Património cultural	45
2. Análise e discussão das entrevistas.....	50
2.1. Fatores influenciadores da perceção da morte	50
2.2. Celebração dos funerais no passado, nos Canhas	53
2.3. O Luto no passado na freguesia dos Canhas.....	70

2.3.1. Mitos e crenças sobre a morte.....	74
2.4. Mudança e razões para a transformação.....	76
2.5. A atualidade nos Canhas	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
Anexo I– Grelha de Codificação de Entrevistas	105

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Ilha da Madeira, com a área de Canhas em Destaque.....	39
Figura 2: Panorâmica da freguesia dos Canhas, Madeira, onde se visualiza a igreja da Piedade.....	40
Figura 3: Paul da Serra.....	40
Figura 4: Capela da Nossa Senhora dos Anjos	46
Figura 5: Exterior da Igreja de Nossa Senhora da Piedade	47
Figura 6: Exterior da Igreja de Nossa senhora de Fátima - Carvalhal	48
Figura 7: Uma das cruzes da Via Sacra dos Canhas.....	49
Figura 8: Monumento de Santa Teresinha do Menino Jesus.....	49
Figura 9: Velório numa casa da freguesia dos Canhas em finais dos anos 70	55
Figura 10: Velório em casa na freguesia dos Canhas, pormenor do caixão.....	57
Figura 11: Funeral nos Canhas, pormenor do caixão forrado a preto com estrelas.....	57
Figura 12: Funeral de um “Anjinho” nos Canhas, pormenor do caixão branco.....	58
Figura 13: Avenca e flor de pessegueiro	58
Figura 14: Velório nos Canhas, pormenor da sala enfeitada com avencas. Foto do fim dos anos 60, início dos anos 70	60
Figura 15: Homens e Irmãos da Mesa, depois da família enlutada	63
Figura 16: Mulheres de luto, duas a duas, num funeral da freguesia dos Canhas	64
Figura 17: Funeral nos Canhas, com várias crianças em primeiro plano	65
Figura 18: Funeral nos Canhas, com várias crianças em primeiro plano	66
Figura 19: Outro pormenor de um funeral nos Canhas, onde se pode ver o quadro da Paixão de Cristo	66
Figura 20: O luto usado pelas mulheres dos Canhas	71
Figura 21: Pormenor de um funeral de uma pessoa nova ou solteira nos Canhas	72
Figura 22: As flores nos rituais fúnebres da atualidade	81
Figura 23: Cortejo fúnebre, nos Canhas, nos anos 90.....	82
Figura 24: Caixinha das almas, localizada na estrada regional 222	86
Figura 25: Pormenores da missa celebrada ao amanhecer no dia dos fiéis defuntos no cemitério	87
Figura 26: Cemitério na década de 90 (esquerda) na atualidade (direita), notória a mudança visual no tipo de lápides.....	89
Figura 27: Pormenor de um dos espaços do cemitério onde ficam sepultadas as crianças “os anjinhos”	89

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização dos/as entrevistados/as.....	35
Tabela 2: Tabela de codificação de entrevistas	37
Tabela 3: Evolução da população da freguesia dos Canhas.....	43
Tabela 4: Distribuição da população dos Canhas por grupos Etários.....	45

INTRODUÇÃO

O conceito da morte constitui o elemento central do presente trabalho de investigação. Enquanto conceito, ele pode ser perspectivado através de diferentes óticas, desde a religiosa, à filosófica, à científica ou biológica (Gonçalves, 2007), tendo sido, aliás, as duas primeiras as responsáveis por desencadear a empresa humana de desvendar esse mistério (Moreira & Lisboa, 2006, Pereira, Pinheiro, Bezerra e Mezerra, 2015). Neste sentido, a exploração do mesmo conceito convoca uma diversidade de leituras, entre as quais a intercultural, porquanto esta faz inevitavelmente referência à diversidade cultural existente nas sociedades.

As sociedades definem-se, sobretudo atualmente, tendo em consideração o relevo assumido pelo fenómeno da globalização, pela convergência entre pessoas das mais variadas origens étnicas, que cumprem um conjunto de tradições culturais caracterizadoras de uma identidade própria. Ora, no domínio das relações interculturais, é reconhecida a naturalidade das diferenças (a sua riqueza), mas também, acima de tudo, a necessidade de promover a sua aceitação e normalização nos vários contextos.

Desta forma, mesmo que as referidas diferenças étnicas, culturais, religiosas, hoje ainda, sejam muitas vezes usadas como fator de exclusão social, no contexto da interculturalidade, elas estão protegidas pela ideia de que devem ser globalmente respeitadas como herança cultural representativa da riqueza do ser humano na sua particularidade, na sua regionalidade, contribuindo para formar um património que, sendo singular, é pertença de todos e representativo da riqueza do ser humano e da sua vivência. Aqui, estão incluídos, naturalmente, os rituais e ritos da morte como parte desse património, como elementos que participam da herança mencionada que recebem a atenção devida no nosso trabalho de investigação. Isso mesmo veremos no caso particular da Freguesia de Canhas, escolhida para estudo.

A morte e a consciência de que se vai morrer são, por conseguinte, dois elementos que fazem parte da condição humana. Essa certeza da irreversibilidade da morte acarreta algum temor, transformando-a mesmo numa ameaça ao Eu. Neste sentido, o confronto direto do homem com a ideia da morte corresponde ao seu confronto com aquela que é a sua falta de controlo e a sua impotência. No ser humano, o desconhecimento perante a morte suscita uma carga

emocional generalizadamente negativa, que resulta da percepção da sua impotência perante esse desconhecido, mas também da sua certeza de que se depara com algo que é assumido (nomeadamente pela visão científica) como inevitável, associando-se à ideia de finitude, apesar de todas as tentativas para alcançar a imortalidade (Silva et al., 2012).

Ora, uma das formas que o ser humano encontrou para colmatar essa perspetiva foi a de aceitar a morte como um ritual de passagem e não propriamente com um fim, lidando assim com a sua complexidade de um modo mais pacífico (Mergulhão, 2020). Para além disso, serviu-se também dos recursos da ciência para estender a vida, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Ao longo do tempo, foram evidentes os benefícios advenientes dos avanços científicos produzidos, que não só trouxeram o aumento da esperança média de vida, como também o aumento da esperança de que o prolongamento dessa mesma vida poderia significar a derrota da morte, isto é, contribuíram para afastar da mente humana a ideia de finitude, substituindo nela o medo da morte pelo idealismo associado à ideia de uma hipotética imortalidade (Mergulhão, 2020, p. 20).

Através da medicina, o homem foi descobrindo formas de prevenção e tratamento para determinadas doenças ou mesmo a sua cura, desenvolvendo, a par disso, estratégias relacionadas com o seu desejo de prolongamento da vida, nomeadamente estratégias relacionadas com o rejuvenescimento. Na verdade, para essa falsa crença de que tudo podia ser moldado e mesmo subjugado à vontade humana, muito contribuíram as conceções positivistas modernas ocidentais (Kovács, 2008; Pazin-Filho, 2005). Como sabemos, a medicina não foi ainda capaz (nem sabemos se essa é uma possibilidade objetivamente realizável) de evitar o fim da vida desta forma tão completa. Com todos os seus muitos e significativos avanços, em termos farmacológicos, como ao nível das técnicas terapêuticas e cirúrgicas, a melhoria já identificada que a ciência médica trouxe não reúne consenso entre os estudiosos desta matéria. Alguns deles consideram mesmo que a sua intervenção, em dado momento, se tornou mais abusiva do que benéfica, como é o caso de Illich (1975).

Illich (1975), não considera que exista uma relação direta entre o progresso da medicina e o desaparecimento de certas doenças, conforme descrito. Pelo contrário, ele acredita que a sua eficácia é mais ilusória do que concreta. A sua crença é de que os números das doenças como a tuberculose, a cólera, ou a febre tifoide, tendo alcançado níveis máximos nesse ano em que escreve a sua obra, 1975, foram diminuindo, independentemente da ação da medicina,

nomeadamente por causa do desenvolvimento da nutrição, do das medidas sanitárias, da higienização, etc., que teriam muito mais peso do que a intervenção médica direta. O tratamento e o diagnóstico precoce são, neste caso, desvalorizados pelo estudioso, uma visão que contradiz até a perspectiva atual sobre a intervenção deste domínio na vida do homem.

O facto de a ciência médica não ter conseguido por termo à morte enquanto fim último da vida do homem, tendo alcançado apenas o seu adiamento, é encarado por alguns investigadores como uma das suas grandes limitações (Kovács, 2008; Pazin-Filho, 2005). Neste sentido, mais do que encarar a morte como uma falha da medicina, muito embora a missão desta seja, claramente, também vencê-la, é legítimo aceitá-la como um processo natural da nossa existência ou uma parte integrante da nossa vida. Independentemente disso, na perspectiva de Pazin-Filho (2005), se considerarmos todos os avanços científicos e tecnológicos conseguidos no âmbito da medicina, ao longo dos vários momentos da sua evolução, certo será que a mesma será capaz de produzir a cura para todas as doenças, sendo apenas uma questão de tempo até que este objetivo seja alcançado e a morte finalmente vencida.

De qualquer forma, importa salientar que, durante toda a sua existência, a forma como o homem tem vindo a lidar com a ideia da morte e da finitude tem conhecido uma evolução importante. Esta evolução acarreta implicações de natureza familiar e social, relacionadas, inclusivamente, com a própria forma como decorre o processo em si. Ariès (1989) salientaria que a forma como o ser humano lida com a morte é cada vez mais indireta. Esta questão não está relacionada com o modo como, no nosso dia a dia, lidamos com a presença da morte como realidade. Por exemplo, os meios de comunicação social tendencialmente banalizam os diversos tipos de circunstâncias em que ela ocorre (transmitindo as cenas de guerra, outro tipo de cenários de violência), associando-a sempre aos sentimentos negativos já conhecidos (Py, Trein, Oliveira & Azevedo, 2006, Souza, 2007), mas não será esse fator a influenciar a forma como o ser humano a conceptualiza, mas sim um conjunto de fatores.

Essa forma é, inevitavelmente, afetada pela própria intervenção que a ciência tem e pela própria diversificação inerente ao seu processo, que pode ser considerada mais repentina (casos de doença súbita ou acidente, por exemplo), ou então mais lenta (casos de doença prolongada), requerendo assim a intervenção de prestadores de cuidados do setor da saúde e não apenas dos familiares da pessoa afetada, isto é, de cuidadores informais. Essa

transferência parcial da morte do ambiente familiar para o ambiente social (como o hospital) criou um certo afastamento entre ela e o ser humano. Como salienta Ariès (1989, p. 258), a morte já não é apenas gerida no seio do ambiente familiar, porque a ciência e os seus meios (o ambiente hospitalar e todos os seus intervenientes) também atuam como intermediários no processo, quando, como nas situações referidas, a pessoa requer mais do que a atenção ou afetividade daqueles que lhe são mais próximos e precisa de uma intervenção clínica, exigida pela situação em que se encontra:

“A morte recuou e trocou a casa pelo hospital: está ausente do mundo familiar do dia-a-dia. O Homem de hoje, em consequência de não a ver suficientes vezes e de perto, esqueceu-a: ela tornou-se selvagem e, a despeito do aparelho científico que a envolve, perturba mais o hospital, lugar da razão e da técnica, do que o quarto da casa, sede dos hábitos da vida quotidiana.”

Essa transferência parcial da morte do ambiente familiar para o social (como o hospital) criou um certo afastamento entre ela e o ser humano (Ariès, 1989), tornando este dependente dos profissionais de saúde, como argumenta Illich (1975), impondo sobre a emoção/humanização/espiritualização uma certa tecnicidade, uma industrialização que o mesmo autor atribui a uma certa crise das instituições (1975,).

A este propósito, é importante referir a já mencionada perspectiva de Illich (1975), que vê a medicina institucionalizada como uma ameaça para a saúde, porque a mesma veio criar a dependência das pessoas relativamente à ação dos seus profissionais. A este processo de influência da medicina, quer nos países ricos quer nos em desenvolvimento, o autor denomina de “medicalização da vida”. A mesma é considerada um instrumento de ação política, que beneficia uma indústria e não as pessoas. Daí resultam alguns males sociais, nomeadamente a forma como a saúde foi expropriada e a forma como a dor, a invalidez e a morte deixaram de constituir desafios pessoais para se transformarem em problemas técnicos, uma questão que suscita a sua defesa de que devem ser impostos limites ao exercício da medicina profissional (Illich, 1975, p. 10).

É preciso, no entanto, salientar que Illich (1975), conquanto não compartilhe estritamente da visão ortodoxa da igreja católica, cuja desburocratização defendia, exerceu o sacerdócio durante algum tempo, pelo que esta sua visão resulta da sua defesa de que seria necessário encontrar alternativas institucionais à sociedade tecnológica, nomeadamente mais centradas no acompanhamento espiritual do que na exclusiva ação médica. É neste sentido que compara o exercício da medicina à prática do exorcismo por parte dos sacerdotes (1975). É

a partir desta perspectiva que o autor aborda a iatrogenia clínica, fazendo também referência à iatrogenia social, que envolve a “medicalização da vida” (1975, p. 32), a qual considera um subproduto de uma sociedade superindustrializada, resultante da influência da indústria sobre a sociedade, da crise das instituições (1975).

Nesse caso, o medicamento chega a substituir os profissionais de saúde e a medicalização, que ocorre tanto nos países industrializados como nos países em desenvolvimento, abrange as várias etapas da vida (infância, adolescência, velhice), de modo que o médico se apropria da vida das pessoas (1975, p. 53, p. 55), porque elas dependem dele tanto na doença como na saúde. Ora, diferentemente, as religiões “sempre proporcionaram o apoio social de resignação diante da desgraça apresentando uma lógica e um estilo para dignificar o sofrimento.” (1975, p. 65. Tradução nossa.). Deste modo, a visão do autor resulta da perspectiva de que o desenvolvimento civilizacional produziu a negação da dor e da própria morte, alterando a forma como o homem lida com os dois processos:

La moderna civilización médica cosmopolita niega la necesidad de que el hombre acepte el dolor, la enfermedad y la muerte. La civilización médica está planificada y organizada para matar el dolor, eliminar la enfermedad y luchar contra la muerte. Esos son nuevos objetivos que nunca antes han sido líneas de conducta para la vida social. La civilización médica ha transformado el dolor, la enfermedad y la muerte, de experiencias esenciales con las que cada uno de nosotros tiene que habérselas, en accidentes para los que debe buscarse tratamiento médico. (1975, pp. 115-116)

O que isso implica para Illich (1975) é que a medicina, ou civilização, converte a morte e a dor em problemas, enquanto a cultura atribui-lhes um significado, enfrentando-as. De acordo com a revisão feita pelo mesmo autor, até pelo menos ao século XVII, estas experiências tinham um sentido cósmico, metafísico (1975, p. 135), conforme se depreende da representação iconográfica. A partir do período da Restauração, pós-Revolução Francesa (1790), a medicina e os profissionais de saúde foram ganhando um novo papel. O autor distingue, nessa representação, seis etapas: 1) a dança dos mortos do século XIV; 2) a dança do Renascimento, convite do homem esqueleto, ou “Dança da Morte?”; 3) a cena do dormitório libertino do Antigo Regime; 4) o médico do século XIX que se interpõe entre o paciente e a morte; 6) a morte sob a assistência intensiva do hospital. A história da morte natural constitui, na sua opinião, a história da medicalização na luta contra a morte (1975, p. 159). Esta nova imagem da morte ajuda a perceber o corpo humano mais como objeto, quando antes ele era ainda tratado como pessoa (1975, p. 172).

A perspectiva de Illich, não descurando a importância que a intervenção médica tem nas várias etapas de vida do ser humano, num certo sentido consideradas exageradas pelo autor, visa sublinhar um aspeto muito importante da relação que o ser humano foi desenvolvendo com a morte ao longo do tempo: o desenvolvimento civilizacional transformou grandemente a forma como ele lida com o processo. Assim, tornou-se mais importante a eliminação da dor, da morte, do que a aceitação da doença e da própria morte.

Essa experiência mais cósmica ou metafísica (vivida, por exemplo, no século XIV) foi dando lugar a uma constante mais mundana (no período pós-Revolução Francesa (1790) e, sobretudo, a partir do desenvolvimento exponencial da medicina no século XIX. O corpo humano, mesmo na situação limite da morte, nos primeiros tempos referidos, possuía ainda características humanas, tendo sido objetificado, com o auxílio da ciência (Illich, 1975, p. 172).

Ora, os ritos e rituais associados à morte, conforme estudados tanto por Durkheim (1996), como por Bayard (1996), Elias (2001), Catroga (2010), Van Gennep (2011), obedecem a diferentes finalidades e possuem um determinado significado (Van Gennep, 2011). Eles sofreram, aliás, algum desenvolvimento, ao longo do tempo, como é o caso dos rituais fúnebres (Segalen, 1999). Alguns destes mesmos rituais fúnebres, segundo a perspectiva de Ariès (1990), tendo sofrido pequenas alterações, não chegaram a acompanhar em absoluto as mudanças estruturais da sociedade.

O que é certo, tanto de acordo com o mesmo autor (Ariès, 1990), como também com Elias (2001), é que o progresso civilizacional mudou a atitude das pessoas perante a morte, como observamos no caso da influência da medicina que, tendo alcançado o prolongamento da vida, conseguiu ao mesmo tempo afastar o pensamento humano da sua finitude, contribuindo para a ênfase do idealismo da imortalidade (Mergulhão, 2020, p. 20).

Contrariamente àquela que era a posição outrora adotada, a ideia da passagem para a morte tem vindo a acolher maior aceitabilidade (Segalen, 1999). A sua celebração é, no entanto, caracterizada pela variação contextual e social. Se, nas comunidades rurais, a sua forma modesta é evidente, nas comunidades burguesas, urbanas, dos finais do século XIX, a sua dimensão faustosa também é muito evidenciada.

A par disso, o tempo dedicado à vivência da dor, do luto, tem vindo a ser reduzido, no espaço privado ou doméstico (a casa), como no público (na vida social). Neste, as manifestações públicas de luto vão sendo reduzidas, tais como o hábito de envergar o negro, tendo repercussões também sobre o rito em si. Ao longo do tempo, a simplicidade passou a ser a marca mais característica do próprio rito, que abdicou por vezes do recurso à cerimónia religiosa e palavras proferidas durante a mesma, no local da sepultura, momento durante o qual era aberto espaço para a manifestação da dor.

Mantendo-se embora a congregação das pessoas diante da morte, da partida de quem ali está de corpo presente, a verdade é que a influência religiosa, que assumia aqui mais do que em qualquer outra circunstância, uma centralidade efetiva, nessa sua “última passagem”, tende a retrair-se. Em muitos casos, na celebração de enterros religiosos, o rito ganhou outras formas, embora se mantenha ainda essa ideia de que o grupo presente se reúne nesse propósito comum, partilhando ainda do seu ideal comunitário. Neste sentido, verificando-se uma redução da influência religiosa, não se verifica uma quebra total dos laços entre a comunidade, que ali presencia uma dor individual, demonstrando a sua empatia para com ela estando presente.

A nossa reflexão, no trabalho presente, tem a ver principalmente com o modo como o ser humano vivencia a morte, em particular na freguesia dos Canhas, da qual somos naturais, e na qual observámos como decorrem os rituais fúnebres. De acordo com esse nosso objetivo principal, procedemos à análise da evolução histórica desses rituais nessa mesma freguesia, no período de 1974 até à atualidade. Há, aliás, da nossa parte, uma grande proximidade pessoal e manifesto interesse académico relativamente a esse tema, que tem, assim, um grande relevo, do ponto de vista também dos estudos interculturais. Para além de ser um estudo sobre a nossa própria terra natal, o presente trabalho é um estudo com enfoque sobre a importância da diferença étnica, cultural.

O interesse por este tema surgiu na sequência do falecimento de um familiar muito jovem da nossa família, há cerca de quinze anos atrás. A tenra idade dessa mesma pessoa ditou que os rituais fúnebres que lhe foram dedicados assumissem contornos específicos, que aqui exploramos em termos abrangentes, os quais produziram um grande impacto na nossa memória, pela forma que assumiram. Esta memória, sendo de grande intensidade pessoal, despertou o nosso interesse pela temática, mas todos os momentos que fazem parte dela são

também uma herança cultural que integra a identidade de todo de uma comunidade, identificando a sua especificidade dentro de uma globalidade.

Seguindo Frade (2001), a nossa dissertação de mestrado foi estruturada de acordo com o método científico que considera o seguinte conjunto de etapas como imprescindíveis. Nesta primeira etapa do nosso trabalho, a Introdução, identificámos o problema de forma clara e concisa, utilizando-a como orientação para o curso a seguir pela investigação. Na sua segunda etapa, procedemos ao Enquadramento Teórico exigido, no qual foi realizada a respetiva revisão da literatura, com vista à abordagem dos principais aspetos teóricos envolvidos, reportando-nos para tal ao estado da arte sobre o conceito de morte, os seus respetivos rituais e ritos, recorrendo para tal a monografias e demais documentos de investigação considerados relevantes para o estudo, que constam da exigida referência bibliográfica geral final.

No capítulo referente à Metodologia, foram apresentados os métodos e as técnicas de recolha e análise de dados, seguindo-se a este um quarto, referente à Apresentação de Resultados, no qual se confirma a Análise e Discussão dos Resultados. Finalmente, através da Conclusão, apresentámos não apenas os elementos mais importantes apurados através da investigação empreendida, como também refletimos sobre as suas próprias limitações, deixando alguma recomendação/sugestão para futuras investigações incidentes igualmente sobre a temática que decidimos abordar. Desta forma, ainda que esta tenha partido, em primeira instância, de uma motivação pessoal, a sua leitura é de natureza intercultural, porque consideramos a diversidade cultural da Freguesia de Canhas, a sua identidade própria, sublinhando-a como herança cultural e património que a todos nós pertence e deve ser preservado, na memória e no documento.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Definição de vida

Antes de definir o conceito de morte, é importante tecer, primeiramente, algumas considerações acerca da definição do conceito de vida. As primeiras tentativas formais de alcançar tal conceito não são, naturalmente, recentes. Elas remontam à Antiguidade, nomeadamente à Grécia antiga, onde Aristóteles apresentaria, pela primeira vez, essa definição. Na sua obra *Sobre a alma*, o filósofo argumenta que todos os seres vivos vivem segundo dois princípios: a matéria e a forma (Coutinho, 2005). Neste sentido, ele associa a vida à sua substância não física, à corporalidade, salientando:

Chamamos ‘vida’ à auto-alimentação, ao crescimento e ao envelhecimento. Todo o corpo natural que participa da vida será, conseqüentemente, uma substância composta. E como se trata de um corpo de certa qualidade – é, pois, um corpo que possui vida –, a alma não será o corpo, porque o corpo não está entre as coisas que são ditas de um sujeito. (in António Pedro Mesquita (coord.), pp. 61-62).

A par de Aristóteles, também outros filósofos se questionaram sobre a origem e o próprio significado da vida, do mundo e dos seres vivos (Veneu-Lumb & Costa, 2012). Por esta razão, apresentar uma definição clara e concreta desse conceito não constitui tarefa fácil, precisamente por todos os aspetos morais, éticos, científicos, religiosos, sociais, entre outros, que ele acarreta. Perante tal complexidade, são várias as áreas de conhecimento que a procuram definir, pelo que tal definição não reúne consenso (Veneu-Lumb & Costa, 2012). Em retrospectiva, é possível detetar a preocupação em se definir vida, percebendo-se que foram várias as perspetivas que prevaleceram em diferentes épocas da humanidade, o que também nos permite afirmar que, apesar de atualmente não reunir consenso, a definição de vida foi sofrendo alterações e a compreensão sobre a mesma foi evoluindo ao longo do tempo.

De acordo com a revisão da literatura realizada, é possível referir que as visões científicas e as religiosas são aquelas que sobressaem nas tentativas de definição do conceito de vida, predominando no seu já longo percurso histórico. A mesma literatura permite ver que a discussão em torno desta temática coloca, frequentemente, esses dois discursos em polos opostos. O estudo de Veneu-Lumb & Costa (2012), que contrasta os discursos científico e religioso de professores de Ciências do Ensino Secundário e de indivíduos comuns, acerca

da definição da vida humana, conclui precisamente haver essa falta de consenso e uma diversidade de opinião no que diz respeito à conceptualização da vida. Os mesmos autores (Veneu-Lumb & Costa, 2012) verificaram, pois, alguns pontos em comum entre os dois grupos, mas constataram a falta de consensualidade, bem como a importância que os dois fatores, a ciência e a religião, desempenham na definição do conceito de vida humana.

Essa perspectiva permite-nos, no entanto, perceber que existem duas principais correntes de pensamento, cujo contributo para a definição do conceito de vida deve ser considerado. Por um lado, temos as correntes de pensamento que assentam na religião, por outro, temos as que assentam na ciência, sendo de considerar, neste domínio em particular, as correntes de pensamento do pensamento científico contemporâneo (Corrêa, Silva, Meglhioratti & Caldeira, 2008). No âmbito da Biologia Teórica ou filosofia teórica (Emmeche & El-Hani, s.d.), emerge uma perspectiva diferente de definição de vida, que obedece a um conjunto de requisitos, de acordo com Emmeche e El-Hani (1999, como citado por Corrêa et al., 2008; p. 27):

ser geral e abranger todas as formas possíveis de vida; ser coerente com a compreensão dos sistemas vivos na ciência moderna; apresentar elegância conceitual, com conceitos claros e bem definidos, sendo capaz de organizar uma grande parte do campo do conhecimento da biologia e ser suficientemente específica para distinguir sistemas vivos de sistemas que obviamente não são vivos.

No âmbito da ciência contemporânea, Emmeche e El-Hani (1999, como citado por Corrêa et al., 2008) prestaram um contributo importante na definição do conceito de vida. Através dos requisitos citados, esses autores evitaram que outras correntes surgissem e que se traduzissem, meramente, numa lista de características de definição de vida em função de um determinado paradigma. Por estas razões, hoje são contempladas várias teorias assentes no conceito de vida (Corrêa et al., 2008; Emmeche & El-Hani, s.d.):

- A vida como autopoiese;
- A vida como seleção de replicadores;
- A vida como interpretação de signos;
- A vida como sistemas autónomos com evolução aberta.

Também Coutinho, Mortimer e El-Hani (2007), assumindo igualmente o conceito de vida como um conceito polissémico, procuraram também construir um perfil conceitual de vida,

pelo que, tendo em conta os aspetos epistemológicos e ontológicos, identificaram três níveis de compreensão do conceito de vida:

- Internalista: que inclui concepções nas quais a vida é entendida como um conjunto de processos ou propriedades inerentes ao indivíduo vivo (Coutinho et al., 2007, p. 115);
- Externalista: visão que traduz uma compreensão da vida como algo externo e separado do indivíduo, sendo “frequentemente vista como algo que vem de fora ou que tende a uma finalidade para além do ser vivo” (Coutinho et al., 2007, p. 115);
- Relacional: esta abordagem perspetiva a vida “como uma relação entre entidades e/ou sistemas, sendo a própria definição dada em termos de relações” (Coutinho et al., 2007, p. 115).

Em suma, o conceito de vida é complexo, desde logo porque a sua abordagem é realizada a partir de diferentes óticas. Independentemente disto, é primordial falar sobre ele na sua qualidade de direito fundamental do homem, reconhecido tanto no plano nacional, como no plano internacional. No plano nacional, a Constituição da República Portuguesa (CRP), no seu artigo 24.^o, consagra o direito de qualquer cidadão à vida, considerando-o inviolável, tendo sido, por isso, proibida a pena de morte no país. No plano internacional, a “Declaração Universal dos Direitos Humanos” (ONU) reconhece esse direito. Nesta Declaração, que assenta no reconhecimento do direito equitativo do Homem (em sentido lato), sem distinção de raça, credo, cor, sexo, estatuto social, religião, língua, filiação política, origem ou nacionalidade, à liberdade e igualdade, é determinado que “todo o indivíduo tem direito à vida” (Artigo 3^o), sendo que esta é considerada dentro do referido princípio da liberdade (Artigo 13^o, 1), seja esta de pensamento (Artigo 18^o) ou outra, num contexto de livre acesso à educação (Artigo 26^o, 1) (ONU). Ainda neste âmbito, é importante fazer referência à Convenção para a Proteção dos Direitos do Homem e da Dignidade do Ser Humano Relativamente às aplicações da Biologia e da Medicina², a qual considera, no seu artigo 2.^o,

1 Constituição da República Portuguesa, acedida em:
<http://www.parlamento.pt/Legislacao/paginas/constituicaorepublikaportuguesa.aspx>.

2 Convenção para a Protecção dos Direitos do Homem e da Dignidade do Ser Humano Relativamente às aplicações da Biologia e da Medicina, acedida em:
<http://www.arsalentejo.min-saude.pt/utentes/ces/Documents/Convenção%20de%20Oviedo.pdf>.

que “os interesses e o bem-estar do ser humano devem prevalecer sobre os interesses da ciência e da sociedade”.

Após a abordagem à definição de vida, volta-se o foco para a definição de morte, sendo este o conceito central do presente trabalho.

2. Definição de morte

À semelhança do que se verifica em relação ao conceito de vida, a definição de morte pode igualmente ser perspectivada sob diferentes óticas (seja na ótica religiosa, filosófica ou biológica) (Gonçalves, 2007), levantando variadas controvérsias e dilemas éticos (Lima, 2005). Como afirma Lima (2005, p. 6), o seu conceito “é um amálgama de ideias filosóficas, teológicas e científicas acerca do que é essencial à existência humana”. Na verdade, o ser humano procurou desvendar os mistérios envoltos nas questões relacionadas com o final da vida e com o seu destino e, desde cedo, os saberes filosóficos e religiosos procuraram responder a tais questões (Moreira & Lisboa, 2006). Alias, conforme Pereira, Pinheiro, Bezerra e Mezerra (2015, p. 2)

A morte sempre foi considerada um desafio a ser vencido pelo ser humano; prolongar a vida, ainda nos dias de hoje, é meta explícita dos profissionais de saúde. Desde os tempos mais remotos, as tentativas de restauração da vida são usadas a fim de se reestabelecer a vitalidade do ser humano após um mal súbito.

Numa tentativa de definir morte, Gonçalves (2007) explica que esta pode significar morrer ou estar morto, afirmando que

Morrer é o processo que conduz a estar morto e que ocorre em vida, portanto, pode ser experimentado; quando se diz que a morte de alguém foi muito longa, usa-se o termo no sentido de morrer. Estar morto é um estado que ocorre após a morte, não fazendo parte da vida. A morte está entre o morrer e o estar morto. (Gonçalves, 2007, p. 245)

A definição de morte foi evoluindo ao longo do tempo, sendo que, a partir da segunda metade do século XX, as teorias sobre o conceito de morte sofreram um grande impulso (Gonçalves, 2007). Até há bem pouco tempo, acreditava-se que a mente e o corpo deixavam de funcionar em simultâneo e por isso, o indivíduo estava morto quando deixava de respirar (morte respiratória) ou quando o seu coração parava de bater (morte cardíaca). Contudo, foi de facto o desenvolvimento tecnológico que marcou a modernidade e alterou a ideia de morte enquanto fenómeno único (Lima, 2005). Aliás, na modernidade, o desejo de conhecer a

morte tem como grande objetivo dominar a mesma e a recusa de que faz parte do ciclo natural da vida (Kovács, 1992).

Ao longo do tempo, foram sendo apresentados vários conceitos e desenvolvidos vários critérios para a definição do conceito de morte. No entender de Lima (2005, p. 7), o conceito de morte faz transparecer “a compreensão social dos limites possíveis da vida e baseia-se na experiência vivida. Relaciona-se de forma complexa com o conhecimento científico”. Já os critérios de morte, por sua vez, espelham “o que julgamos necessário acontecer – à luz do conhecimento fisiopatológico – para que aquilo que estabelecemos como morte possa ocorrer” (Lima, 2005, p. 7). A mesma autora explica que foram emergindo diversas definições e apresentados diversos critérios associados às mesmas. Dos vários conceitos, a morte foi entendida como: a perda de fluidos vitais; a separação da alma; a perda irreversível da capacidade de integração do corpo e a perda irreversível da capacidade de consciência e integração social (Lima, 2005). Os critérios de morte que foram sendo assumidos são vários, entre eles o cessar irreversível do funcionamento de todas as células, tecidos e órgãos; do coração e dos pulmões; de todo o encéfalo; do córtex cerebral; do tronco cerebral e da capacidade corporal da consciência (Lima, 2005).

Atualmente, de acordo com a literatura revista sobre o tema da morte, esta divide-se em vários tipos, isto é, a mesma literatura contempla diferentes mortes, de acordo com os diferentes critérios apresentados. A título de exemplo, temos a morte cardiorrespiratória, a morte do tronco cerebral (ou morte cerebral global - holocerebral), a morte cerebral superior (neocortical ou morte cortical) e a morte encefálica (Gonçalves, 2007; Lima, 2005).

No que diz respeito à morte cardiorrespiratória, ela foi considerada a primeira forma de constatar a paragem total do corpo (Gonçalves, 2007), caracterizando-se pela ausência de atividade mecânica cardíaca, pulmonar e cerebral (Pereira et al., 2015). A morte do tronco cerebral reflete a perda de atividade cerebral, correspondendo à “perda irreversível da consciência, associada à perda da respiração. Segundo estes autores, à morte do tronco cerebral segue-se inevitavelmente a assistolia (paragem cardíaca)” (Lima, 2005, p. 8). Importa referir, no entanto, que, no passado, a manutenção de indivíduos que tinham perdido a função cerebral total ou do tronco cerebral e que estavam ligados a ventiladores até sofrerem uma paragem cardíaca levantaram bastantes questões de ordem legal, ética, psicológica e económica (Gonçalves, 2007). De facto, uma pessoa que já não tinha atividade

cerebral era assistida através de ventiladores e ficava à espera da ocorrência de uma paragem cardíaca para morrer, pois já não tinha atividade cerebral e a respiração era apoiada por ventiladores. Deste modo, o conceito de morte do tronco cerebral ganhou particular importância, na medida em que este pretendia

que doentes que tinham perdido irreversivelmente a atividade cerebral, portanto, sem hipóteses de sobreviver sem suporte intensivo, não fossem mantidos indefinidamente ligados a um ventilador, sem que tirassem disso algum benefício e facilitar a colheita de órgãos para transplantação. Gonçalves (2007, p.246).

O tronco cerebral desempenha funções vitais, uma vez que é responsável por “comandar a execução das chamadas funções vegetativas: respiração, deglutição, regulação dos ciclos de sono e de vigília, essenciais à manutenção da vida” (Lima, 2005, p. 8). Os critérios para a sua determinação foram evoluindo ao longo do tempo e foram-se tornando cada vez mais precisos (Gonçalves, 2007) e, de acordo com Lima (2005), o critério da sua morte é a paragem irreversível do funcionamento do tronco cerebral e o teste mais adequado para a detetar é a ausência de reflexos do tronco e apneia.

O conceito de morte cerebral superior está associado à questão do estado vegetativo persistente, que se caracteriza pela ocorrência de um dano cerebral com diversas causas e que resulta na perda das funções cerebrais superiores, responsáveis pelo controlo da consciência, cognição e emoções e, por isso, as funções corporais (como a respiração e os ciclos de sono-vigília) permanecem ativas (Gonçalves, 2007). Os testes devem revelar a ausência de funções cognitivas e afetivas, não sendo ainda possível avaliar a perda irreversível da consciência e interação social (Lima, 2005).

Por fim, a morte encefálica corresponde à

Paragem irreversível do funcionamento do organismo como um todo, sendo o todo maior que a soma das partes. A definição de organismo como um todo é feita em termos fisiológicos, com controlo da respiração, da temperatura, do equilíbrio hidroeletrolítico, da consciência, controlo autonómico, regulação neuro endócrina, comportamento sexual e fome. O organismo como um todo poderia funcionar mesmo sem alguns subsistemas. (Lima, 2005, p. 8)

O seu critério é precisamente a paragem irreversível do funcionamento de todo o encéfalo e os testes devem indicar a ausência irreversível de batimentos cardíacos e de respiração e ausência de resposta nos testes cerebrais (Lima, 2005). A este respeito, importa referir que, em alguns países, a eutanásia ativa, direta ou autêntica já é permitida, tratando-se de uma

“eutanásia deliberada, para acabar com o sofrimento’. Na sua génese etimológica, a palavra ‘eutanásia’, oriunda do grego, significa boa morte, morte piedosa, sem dor, tranquila. É, na perspetiva dos seus defensores, uma maneira digna de morrer” (Assembleia da República, 2016, p. 9).

A problemática da morte é também abordada numa perspetiva que é menos biológica e tem mais a ver com as circunstâncias sociais. Neste aspeto, procura-se também uma definição social da morte, que surge ligada ao envelhecimento da população, na decorrência da melhoria das condições de vida, associadas ao prolongamento desta. Mulkay (1993) considera que a morte social constitui uma resposta às alterações demográficas verificadas nos últimos dois séculos, isto é, que ela terá a ver com o aumento exponencial da esperança de vida nesse período. Essa morte, que está relacionada com a idade do indivíduo, com o seu envelhecimento, implica que uma pessoa se transforma numa “não pessoa”, isto é, ela deixa de ser um agente social ativo e que a sua participação na vida da comunidade é reduzida.

Esse processo identificado por Mulkay (1993) surge associado, por consequência, ao abandono da vida profissional ativa, à denominada aposentação e eventual abandono de atividades quotidianas, muitas vezes como um sinal de que a morte é tanto aguardada como previsível. Desta forma, a morte social, conforme conceptualizada por esse autor (Mulkay, 1993), parece reunir larga aceitação por parte da sociedade no seu todo, no sentido em que esta gradualmente enfrenta a morte de uma forma mais pacificada, muito diferente do que faria no caso de uma morte inesperada que ocorresse com um indivíduo que estivesse na flor da idade, pois esta reveste-se de um carácter mais traumático.

Assim sendo, socialmente, a morte é conceptualizada como um gradual abandono da vida, que está, normalmente, associado à idade da pessoa, ao fim da sua vida profissional produtiva. Neste contexto, essa gradação, de acordo com Pattison (1977) enquadra-se num conjunto de processos sociais que são ativados a partir do momento em que certo indivíduo é aceite como aquele que se encontra na fase de proximidade da morte. O autor identifica um total de cinco processos:

1. A proximidade ideal, que é o princípio do fim, que se verifica a partir do momento em que a pessoa se sente muito próxima da morte, desiste da vida e dá início à sua fase descendente. É verdade que a esperança média de vida aumentou

consideravelmente, mas isso não impede que o afastamento social ou a designada morte sociológica não continue a ocorrer, a par da morte psicológica, que envolve a aceitação pessoal do acontecimento, precedente da efetiva morte clínica ou cerebral, da morte fisiológica ou do corpo, que correspondem ao fim último de tudo.

2. A rejeição social da pessoa. Antes de ocorrer a morte efetiva, conforme descrita na última frase, pode acontecer serem as outras pessoas a rejeitar aquele que estará próximo da morte. Esta sua morte sociológica conduz, eventualmente, à morte psicológica, em virtude do seu isolamento e, finalmente, à morte clínica e morte fisiológica.
3. A rejeição social da morte. Nesta situação, a pessoa que se encontra próxima da morte, bem como os seus familiares e amigos, recusam aceitar a iminência da sua morte. Esta rejeição implica que o acontecimento é depois vivido com grande comoção por estas pessoas que lhe eram próximas, independentemente de saberem que não haveria outro desfecho possível.
4. A rejeição da vida. Neste caso, a pessoa rejeita a vida e esta rejeição faz com que ela se torne psicologicamente doente, equivalendo mesmo a uma morte psicológica, a qual não é superável pelo encorajamento dos que a rodeiam e tentam motivá-la para continuar a viver;
5. A rejeição social da morte por meio de manutenção artificial. Esta situação ocorre quando se dá a negação social da ocorrência da morte psíquica e clínica da pessoa, que é mantida apenas por processos tecnológicos que evitam sua morte fisiológica.

3. A perda e o luto

Desde o nascimento até à sua morte, a vida do ser humano é marcada por um conjunto de perdas de natureza diversa. A perda será, neste sentido, um fenómeno universal, comum a todo o ser humano, que deve lidar com ela ao longo das diversas fases do seu desenvolvimento biológico-mental (Moura, 2006). A vivência da perda, apesar de comum, não deixa de ser difícil de ultrapassar. O luto constitui uma destas vivências, que se expressa de diversas formas na vida do indivíduo (Souza & Pontes, 2006), sendo um conceito que não

está apenas associado à partida física de uma pessoa querida, como explica Ramos (2016, p. 1):

o conceito de “luto” está naturalmente associado ao processo posterior à morte de um ente querido. No entanto, quando estamos perante o término de uma relação amorosa ou a perda de um membro do nosso corpo após um acidente ou após uma cirurgia, ou quando perdemos um animal de estimação, estamos igualmente a falar de luto, ou seja, todas estas situações são exemplos de perdas pelo que o indivíduo passa ao longo da sua vida e que, obviamente, necessita de tempo para ultrapassar esta fase mas, apesar das diversas situações de luto, tendemos a nos cingirmos apenas ao luto associado à morte.

O impacto que a perda tem na vida do indivíduo é de tal forma que ele produz alterações ao nível afetivo, comportamental e cognitivo (Barbosa, 2010). A dor que ela provoca tem uma incidência real, de tal forma que, como escrevem Cazanatto & Martta (2014, p. 549), é “o real que invade, e a simbolização só será possível mais tarde, quando se iniciar o trabalho de luto”, isto é, o indivíduo não é, inicialmente, capaz de dar sentido do sucedido, apenas consegue sentir os seus efeitos. Apenas mais tarde, quando tiver início o que os autores designam de “trabalho de luto” (Cazanatto & Martta, 2014, p. 549), um processo que necessita de um enquadramento diferente, será possível o indivíduo experimentar uma vivência diferente da perda. Por este motivo, Sanders (1999, p. 3) descreve a perda como um estado avassalador, comparável apenas a um fenómeno magnânimo da natureza:

a dor de uma perda é tão impossivelmente dolorosa, tão semelhante ao pânico, que têm que ser inventadas maneiras para se defender contra a investida emocional do sofrimento. Existe um medo de que se uma pessoa alguma vez se entregar totalmente à dor, ela será devastada - como que por um maremoto enorme - para nunca mais emergir para estados emocionais comuns outra vez.

A este respeito, considera-se importante fazer referência à perda na sequência de uma morte súbita e à perda na sequência de uma morte esperada. No caso da morte esperada, as pessoas têm tempo para se preparar para a perda, no caso, da súbita, que é uma morte repentina (Machado, 2013; Moura, 2006), isso não acontece. Por um lado, no caso da morte esperada, em muitos casos, ocorre um luto antecipado, no qual a pessoa vivencia tanto a raiva como a depressão, tendo lugar ajustes nos papéis familiares, o que, de algum modo, facilita o processo de luto (Basso & Wainer, 2011).

Por outro lado, quando se dá a morte súbita e repentina, a surpresa da morte de alguém que é muito querido pode deixar o indivíduo em estado de choque e sem reação (Machado, 2013). A morte súbita, por ser repentina e inesperada, tem um grande impacto na pessoa e na forma

como esta faz o seu luto, podendo mesmo despertar nela a inação, a desorganização, o desamparo, a falta de esperança e a impotência (Kovács, 1992). A este respeito, Almeida et al. (2015) salientam que o desespero, bem como o desapego, o entorpecimento e a dificuldade em expressar as emoções são dos primeiros a surgir nas mortes mais repentinas e inesperadas.

Desta forma, o luto está sempre associado a uma perda, sendo uma reação natural e esperada a esta, uma consequência da mesma (Bouso, 2011). Para além disso, ele também deve ser entendido no contexto de um processo destinado a uma posterior normalização:

um processo normal, saudável e necessário para a cicatrização e elaboração das feridas provocadas a partir da morte do ser amado; consiste em um trabalho subjetivo de estabelecer um novo equilíbrio das referências e representações de espaço, tempo e identidade; tarefa árdua que a pessoa tem que realizar para desinvestir gradualmente a representação saturada do ente amado morto externamente e vivo mentalmente (Almeida et al., 2015, p. 19).

Ora, quando se fala de luto, fala-se de um processo dinâmico, multidimensional e individual, embora seja comum a todos nós (Bouso, 2011), caracterizando-se pela aceitação e compreensão da perda, adaptação criativa à vida e aquisição de significado (Barbosa, 2010).

A perda e a morte levam, inevitavelmente, ao processo de luto, o qual é necessário. E

lidar bem com o luto significa poder enfrentar os sentimentos evocados pela perda, a nova realidade que esta impõe e também poder ter momentos de evitar a dor e se voltar para a vida. Ao perceber que o ente amado não retornará, surge a melancolia e o enlutado necessita de tempo para aceitar a realidade da morte, transformar sua relação com a pessoa perdida e sua própria identidade sem ela. Cada um experimenta o processo de luto à sua maneira. Toda vez que alguém rememora sua perda, volta a sentir uma intensa tristeza, as lágrimas ameaçam invadir novamente seus olhos, mas não muito tempo depois é possível encontrar um conforto (Bouso, 2011, p. vii).

Contudo, é importante reter a ideia de que, apesar de ser comum a todos os seres humanos, o luto é um processo único e singular, pelo que a vivência do luto é individual (Bouso, 2011). Assim sendo, não se pode descurar o facto de que:

o processo de luto é vivenciado de forma particular de indivíduo para indivíduo e pode ser mais ou menos disfuncional, variando consoante a intensidade, os sentimentos, a vinculação, o contexto em que aconteceu... A sua duração tanto pode ser prolongada como breve, tanto pode ocorrer num período de tempo definido ou indefinido e a sua intensidade varia ao longo do tempo, de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. A reação à perda depende muito dos limites impostos pela cultura e sociedade em que o sujeito se insere (Ramos, 2016, p. 14).

4. Consequências e reações emocionais à morte

O luto pode ser considerado uma emoção, assumida como uma síndrome complexa do comportamento humano (Averill & Nunley, 1992 citado por Stroebe, Stroebe & Hansson, 1993). Este é responsável pelo desencadeamento de múltiplas sensações, de natureza sentimental, cognitiva, comportamental e física (Puigarnau, 2010; Worden, 1998). No entender de Barbosa (2010), a morte e as perdas por ela induzidas provocam, entre muitas outras, reações emocionais e afetivas, sendo que o processo de luto evolui ao longo de três fases: choque (negação da perda); desorganização (desespero por aceitar a perda); reorganização (recuperação e aceitação da perda).

Mesmo que o luto seja vivenciado de forma diferenciada por cada um/a, a verdade é que “a maioria das pessoas que passam [*sic*] por situações de stresse, como a perda de um ente querido, desenvolve respostas de confronto desadaptativas”, o que configura “uma estratégia [...] para conseguir lidar com o evento traumático” (Basso & Wainer, 2011, p. 39). Também nesta matéria, Bowlby (2004), um autor que se dedicou ao estudo de questões relacionadas com a morte, a perda e o luto, verificou que as reações à perda são diversas e a sua duração é variável (tanto podem ser semanas, como podem ser meses ou anos), dependendo de cada caso, que é único, assim como a pessoa que vivencia o luto. No entanto, apesar de único e singular, o processo de luto envolve quatro etapas, sendo elas (Bowlby, 2004):

- Entorpecimento: reação imediata ao confronto com a morte, onde o enlutado está em choque;
- Anseio e busca da figura perdida: a pessoa começa a aceitar a morte e, conseqüentemente, a perda. Contudo, ocorre uma procura pela pessoa que partiu e o desânimo, a agitação psíquica, a inquietação e a raiva podem surgir;
- Desorganização e desespero: há uma aceitação de que a pessoa não irá voltar e já não há uma procura pela pessoa perdida, no entanto, o desespero surge perante esta constatação. Além disso, mediante a necessidade de novas dinâmicas e novos padrões, o indivíduo pode sentir-se desorganizado, o que também pode ser justificado pela sua falta de concentração, característica desta fase;

- Maior ou menor reorganização: a pessoa já consegue lembrar-se da pessoa que perdeu com saudade e, se antes o seu sofrimento era avassalador, nesta fase torna-se mais fácil de aceitar e de sentir, recordando as memórias positivas. É também nesta fase que são estabelecidos novos objetivos, pelo que o indivíduo começa a reorganizar a sua vida.

De facto, por todas as características que a perda e o luto apresentam, existem vários sentimentos comuns que surgem no decorrer do processo de luto, sejam eles a tristeza, a raiva, a culpa e autocensura, a ansiedade, a solidão, a fadiga, desamparo, choque, anseio, emancipação, alívio e torpor (Worden, 1991). Também Silva (2018) salienta como reações comuns ao processo de luto as reações físicas, emocionais, comportamentais, sociais e espirituais:

- Reações físicas: respiração curta, boca seca, dor física, alteração do sono, perda da força física;

- Reações emocionais: choque, negação, desespero, tristeza, confusão, culpa, raiva, falta de esperança e sentir-se perdido;

- Reações comportamentais: procura do ente querido que morreu, falta de concentração, desorientação, preocupação e choro;

- Reações sociais: isolamento social, incapacidade para interagir, falta de interesse geral;

- Reações espirituais: perda da fé.

Cada pessoa é, efetivamente, única. Deste modo, muito embora as perdas e o confronto com a morte seja algo comum a todos, a forma como cada um lida com as primeiras e encara a segunda faz com que o processo de luto seja igualmente singular. O próprio contexto familiar específico no qual a pessoa nasceu, as suas experiências, assim como a sua personalidade, influenciam a forma como ela vivencia a morte, a experiência da perda e o processo de luto na sua totalidade em si.

Independentemente dessa singularidade e individualidade, é possível encontrar aspetos comuns na forma como se lida com a morte, com a perda e se faz o luto, sendo as reações mencionadas conaturais ao processo, no sentido em que cada pessoa vivencia a dor da forma que entende ser a melhor para si (Soares & Mautoni, 2013). Assim sendo, fica

visível que as implicações frente à morte são inúmeras e, na maioria das vezes, afetam os enlutados, tornando-os incapacitados na reorganização de suas vidas, tanto no contexto familiar como no social. (...) Os sentimentos de incapacidade, de vulnerabilidade são os preditores das dificuldades intrínsecas da perda; aliás, são os grandes geradores da desorganização que atinge as pessoas que perderam um ente querido. Dentre as dificuldades citadas, é importante apontar o quão difícil se torna a aceitação, a fase de readaptação em preencher o vazio que a pessoa querida deixou. A elaboração de outras perdas anteriores e as crenças relativas à morte também podem ser fatores que interferem no luto (Basso & Wainer, 2011, p. 38).

A investigação sobre o tema da morte observa também quais as consequências associadas a esta e ao luto. A este propósito, ela constata que a fragilidade psíquica é uma das suas mais graves e principais consequências (Magalhães & Melo, 2015). Referindo-se em particular às crianças e adolescentes, Mallon (2011) constata que esta faixa etária apresenta normalmente comportamentos regressivos, como a necessidade de dormir acompanhados, motivada pelo sentimento de insegurança suscitado pelo luto. Para além disso, outra das consequências mais verificada tem a ver com a dificuldade na interação social (Granja, 2013). Parkes (1998) observa ainda quatro consequências principais associadas à perda de um membro da família que desempenhava nesta uma posição estrutural, considerando que estas podem ocorrer de forma isolada ou simultânea:

- O papel ou função desempenhados pela pessoa que faleceu deixam de ser realizados;
- O papel ou função desempenhados pela pessoa que faleceu são transferidos para alguém que não pertence ao sistema familiar;
- O papel ou função desempenhados pela pessoa que faleceu são assumidos por outro(s) membro(s) da família;
- O sistema familiar entra em falência.

Alguns estudos (Holland, 2008; Kosminsky & Lewin, 2009) referem ainda a prevalência dos comportamentos agressivos como consequência do processo de luto na sequência da morte. Neste caso, a pessoa enlutada tendencialmente recorre a substâncias psicoativas, como drogas (legais ou ilegais) e álcool. Nestas situações, de acordo com o estado psíquico da pessoa, é frequente o aconselhamento médico exigir a prescrição de medicamentos, sobretudo em quadros clínicos de suicídio, depressão, ansiedade e outros. Esta medicação, no entanto, aliada ao processo de luto, pode ter efeitos contrários aos pretendidos, prejudicando o paciente, em vez de o ajudar (Soares & Mautoni, 2013). Nestes casos, os comportamentos manifestados correspondem a sentimentos não verbalizados (Mallon,

2011), a pedidos de ajuda por parte de quem se sente dominado por uma série de emoções intensas que desconhece e com as quais não sabe lidar (Holland, 2008; Kosminsky & Lewin, 2009).

Como se depreende do exposto, a morte e o processo de luto têm várias consequências para a pessoa, tanto a nível psicológico como social, pois se, por um lado, provoca o medo (inclusive, o medo da própria morte), a ansiedade, o desespero, por outro lado, este desespero pode refletir-se no coletivo (Campelos, 2006), sendo por isso importante realçar que essa pessoa vai atravessar um conjunto variado de emoções que são naturais ao processo, sendo necessário restringir o uso geral da medicação e olhar a cada caso, como salienta Silva (2018, p. 73). O autor realça, efetivamente, que a pessoa enlutada “passa por variados tipos de reações”, que são físicas, mas também emocionais, as quais se manifestam através do seu comportamento social, “ambas consideradas normais neste processo.” Neste sentido, o mesmo autor (2018, p. 73) observa que a utilização de medicamentos só será recomendada “em casos de suicídio, depressão, transtorno de ansiedade”, pois “a medicação sem ser necessária, pode retardar o processo de luto”.

5. Ritos e rituais de passagem da morte para o luto

A espécie humana é a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres e rituais de passagem da morte para o luto e, por isso, a única que acredita na sobrevivência ou no renascimento dos mortos (Morin, 1982). Na verdade, todos os povos ritualizam os seus mortos e todos eles apresentam uma forma semelhante de reação face à perda por morte de um ente querido (Imber-Black, 1998; Schilindwein, 2001). Os rituais, que são compostos por vários elementos expressivos, que vão desde o gesto à fala (as orações, os cânticos, por exemplo), envolvem uma atuação, tendo uma função catártica. No caso dos fúnebres, eles envolvem uma certa perturbação, que tem a ver com a interrupção causada pela morte, logo, estão também relacionados com a necessidade de repor uma certa ordem perante essa disrupção, o que é conseguido através da interposição de etapas (rituais que seguem uma determinada sequência que visam repor a ordem interrompida (Mergulhão, 2020, p. V). Neste sentido, eles visam repor o equilíbrio perturbado, através da realização de várias etapas.

Os ritos e rituais de passagem da morte para o luto desempenham um importante papel, e segundo Costa (2018, p. 11), os “mitos e ritos estabelecem uma ponte entre vida material e mental, entre narratividade e sensibilidade, entre experiência e percepção, entre natureza e história, entre fenómeno e signo, permitindo ao ser humano reconhecer-se e reconhecer suas circunstâncias”. Os rituais fúnebres são importantes nas sociedades, pois “as mudanças ao longo da vida, incluindo a morte de entes queridos, precisam ser marcadas, pontuadas, de forma que estes acontecimentos recebam a consideração necessária” (Souza & Souza, 2019). Os rituais fúnebres são importantes porque, como escreve Costa (2018, pp. 11-12), eles “permitem repensar a vida dos que morrem e reelaborar a dos que ficam, [abrindo] espaço para tratar de sentimentos, ressentimentos, lembranças e saudades, garantindo reconhecimento de uma identidade que, nascida e desenvolvida desde tenra idade, chega a termo.” De acordo com o mesmo autor (Costa, 2018, pp. 11-12), algumas religiões chegam mesmo a atribuir uma nova designação ao morto, para que, desta forma, seja evidenciado que a morte envolve uma “passagem”, uma “mudança de estado”, até um “nascimento”, designações que visam associá-la a um recomeço, mais do que a um fim, assinalando a presença de quem partiu na vida de quem continua.

Ora, neste sentido, quer os ritos quer os rituais fúnebres têm como propósito homenagear o morto, mas também providenciar conforto a quem faz o luto da sua partida. Como exemplo de ritual fúnebre, os funerais visam “contextualizar a experiência, permitindo as mudanças de papéis e a transição do ciclo de vida.” (Souza & Souza, 2019, p. 5). Como experiência que está associada a um carácter transicional, quer para os que ficam quer para os que partem, ela também fundamenta naqueles a ideia de pertença a uma cultura que oferece respostas de carácter previsível a quem, num momento particularmente delicado, precisa da assistência do grupo para atravessar uma experiência que tem consequências emocionais que se associam ao entorpecimento e desarticulação (Souza & Souza, 2019, p. 5).

Os rituais de luto estão, portanto, associados a diversas funções, entre as quais as referidas por Imber-Black (1998):

- Marcar a perda de um dos membros da família;
- Afirmar a vida como foi vivida pela pessoa que faleceu;
- Facilitar a expressão do luto conforme os valores da cultura;
- Falar sobre a morte e sobre a vida que continua expressando significados;

- Apontar uma direção que faça sentido diante da perda e da continuação da vida dos que ficaram,

Neste contexto, o interesse de estudar o processo de luto e os rituais fúnebres que a ele se associam tem as questões mencionadas por Souza & Souza (2019, p. 1). Através deles, é possível compreender que implicações têm estas manifestações humanas para a vida individual e social, no sentido de perceber como é entendida a morte e a ideia de perda a ela associada. Essa compreensão permite, pois, o aprofundamento de uma visão teórica de um conjunto de práticas que foram sendo desenvolvidas como real suporte aos indivíduos enlutados, tendo sido pensadas “como medidas preventivas para as complicações possíveis, como o luto crônico, o luto adiado, transtornos psiquiátricos ou manifestações psicossomáticas” (Souza & Souza, 2019, p. 1), possuindo uma existência eminentemente funcional. Esta função do ritual, da cerimônia fúnebre, não tem a ver apenas com a prestação de homenagem ao morto, mas também com a preservação da vida de quem faz o seu luto. O ritual, para além de ser um momento de comunhão e cumplicidade, de compaixão, relacionadas com a despedida, é também um instante de renovação, marcando uma inevitável ligação ao sagrado, o início do luto necessário (Herouet, 2013), mas também a permissão para que a vida siga o seu ritmo natural, perante a inevitabilidade da morte, cuja consciencialização se associa também a esse mesmo ritual.

6. Morte e religião

A religião está profundamente ligada à experiência humana, constituindo um apelo não apenas àqueles que enfrentam problemas complexos: “doentes de alma”, diria James (1902, referenciado por Yoffe, 2006), mas aos que apenas sentem necessidade de viver a dimensão espiritual da vida. Os rituais e práticas constituem o seu fundamento (Yoffe, 2006), sendo através deles que ela realiza a sua indagação acerca do mistério da vida e também acerca do próprio mistério da morte. É nela que muitos procuram apoio para certos acontecimentos mais complexos da existência humana. A perda de um ente querido, por exemplo, será uma destas questões. A mesma perda afeta significativamente quer a saúde física quer a emocional dos que passam pelo processo de luto, conduzindo a situações de *stress*, de trauma, que por vezes são solucionadas com recurso a situações extremas como o suicídio. Para estes casos de grande complexidade, a religião apresenta-se como uma forma que facilita a aceitação da morte, conduzindo a um processo de pacificação interna nos afetados.

Nesse processo, as diferentes religiões recorrem a rituais variados que procuram acompanhar a pessoa que fica curando as suas feridas emocionais, ajudando a lidar com a experiência traumática, guiando-a através do processo de “libertação” da pessoa que partiu. Os rituais fúnebres, com as suas diferentes cerimónias de despedida, que são compostas por orações, por meditação, entre outras práticas, são um processo que medeia a aceitação da perda, oferecendo algum conforto espiritual. Desta forma, a religião, no seu sentido lato, atribui significado a um acontecimento que o senso comum não consegue explicar, sendo esse conforto traduzido pela ideia de que há uma entidade superior à qual a pessoa que partiu é entregue, ao mesmo tempo que esta mesma divindade permanece com quem fica (Megari, 2016).

Jung (1965) diria que as religiões são sistemas complexos de representação e preparação para a morte. Para além disso, na sua opinião, uma parcela importante da vida do ser humano constitui um processo natural de preparação para esse estágio, cabendo à religião atribuir-lhe um verdadeiro significado. Essa consciência da inevitabilidade da morte configura uma crise existencial, na qual os indivíduos veem-se forçados a encontrar um sentido para a própria vida (Frankl, 1977). Ora, nesta medida, a crença religiosa seria uma forma de perspetivar a morte, encontrando também um sentido para a própria vida.

A investigação sobre a problemática da morte (Dezutter, Soenens, Luyckk & Bruynell, 2009) salienta, efetivamente, esse papel da religião como uma espécie de guia no processo de luto e transição entre a vida e a morte. A mesma investigação salienta que a religião oferece resposta a questões existenciais como a morte, oferecendo ao indivíduo a ideia de que ele tem algum controlo sobre um acontecimento desta natureza. Desta forma, ela protege-o da ansiedade causada pela perspetiva da sua inevitabilidade (Dezutter, Soenens, Luyckk & Bruynell, 2009). Este será um papel comum a todas as religiões, muito embora possa haver traços distintivos entre cada uma delas no que toca a esta questão, como acontece, por exemplo, com a tradição cristã.

6.1. A morte segundo a tradição cristã

A morte constitui um tema central na tradição cristã. De acordo com a sua doutrina, Jesus, filho de Deus e Salvador do homem, foi enviado à terra por Ele, para salvar esse mesmo homem do pecado: “Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o

mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (João 3:17). O versículo 34 acrescenta: “Porque aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus”. Através desse ato de sacrifício pessoal, Jesus demonstra o seu amor ao próximo. Como é conhecido da narrativa bíblica, morrendo na cruz, Ele ressuscita ao terceiro dia, para subir aos céus e sentar-se à direita do Pai: “Quando acabou de falar-lhes, Jesus foi levado para o céu e sentou-se à direita de Deus. Os discípulos foram pregando por toda a parte e o Senhor estava com eles, comprovando o que diziam com os sinais que acompanhavam a sua mensagem.” (Marcos 16:19-20). Ora, o exemplo de Cristo visa passar a mensagem de que todos os que pecam e mostram arrependimento têm a possibilidade de virem a ser perdoados, desde que pratiquem o bem, juntando-se, assim, a Ele, no céu, após a morte, como sublinham Parkes, Laugani & Young (2003).

Na perspectiva bíblica e soteriológica, isto é, respeitante ao conceito de salvação, o Céu corresponde ao lugar (estado) dos “justos que, em plena união com a J. C., se tornaram semelhantes a Deus, porque O vêem ‘tal como Ele é’ (1Jo 3,2), ‘face a face’ (1Cor 13, 12).” (Enciclopédia Católica Popular) Os mesmos justos encontram-se aí no espírito de comunhão perfeita com a Santíssima Trindade, junto da Virgem Maria, dos anjos e dos bem-aventurados, encontrando a felicidade total. Quando ocorrer o juízo final e fim do mundo, com a ressurreição, terá lugar a transformação do Universo e, conseqüentemente, tanto um novo Céu como uma nova Terra, na qual prevalecerão a justiça e a paz (Enciclopédia Católica Popular). Neste sentido, a religião cristã encara a morte como um ritual de passagem, após o qual se vislumbra a possibilidade de uma nova vida, primeiro celeste, junto de Deus, e, após o juízo final, como vida de plenitude numa nova existência, pacificada de todo o mal, sobretudo como recompensa para o justo merecedor (Carmo, 2001).

A par disso, o inferno, como sugerido pelo próprio vocábulo, será o local inferior, isolado, associado ao tenebroso, “para onde iam os mortos, bons e maus, de maneira que ‘descer aos infernos’ significava morrer.” (Enciclopédia Católica Popular). Segundo os exegetas bíblicos, por aí conviverem bons e maus, quando Jesus Cristo desce aos Infernos, após a sua morte redentora, fá-lo com a intenção de libertar os primeiros, levando-os consigo para o Céu (Enciclopédia Católica Popular). Na tradição da geena, o inferno seria a parte mais profunda, onde habitavam os demónios e, onde, por consequência, iam depois parar os maus. Esta ideia teve origem no vale ravinoso de Jerusalém, local para onde eram atirados os corpos dos condenados, e depois queimados, ficando a arder, tendo sido assimilada pelo Novo

Testamento. Em razão disso, o Inferno ficou associado ao elemento fogo. Apesar de parecer fazer referência a um local, na tradição cristã, o Inferno é mais um estado “de auto-exclusão da comunhão amiga de Deus pelo pecador impenitente que a morte fixou na eternidade de forma irreversível na aversão a Deus.” (Enciclopédia Católica Popular). Ora, o discurso da Igreja sobre este estado tem a ver com a ideia de responsabilização moral, a ideia de conversão, bem como com a ideia da misericórdia de um Deus predisposto ao perdão do pecado (Enciclopédia Católica Popular).

Segundo a fé católica, o conceito de purgatório, está relacionado com a ideia de purificação das reminiscências do pecado, enfrentada pelos que morreram na graça de Deus, até que entrem no Céu. Essas almas são aquelas cuja salvação está garantida. Concordantemente, para a fé católica, “as almas do Purgatório podem beneficiar dos sufrágios dos que ainda vivem, pelo que a Igreja recomenda que se reze por elas, se ofereça a missa por sua intenção e se alcancem indulgências em seu proveito.” (Enciclopédia Católica Popular). Esta doutrina foi estabelecida nos concílios de Florença e de Trento, com base no Antigo Testamento (Macabeus 12,42-45), no Novo Testamento (1Cor 3,15) e na Tradição (cf. Cat. 1030-1031) (Enciclopédia Católica Popular).

Neste contexto, os rituais da morte e do luto são caracterizados por várias fases. Para Bayard (1996), como esses rituais encenam a última relação mantida com a pessoa que faleceu, estão associados a uma atuação. Para além disso, eles, de acordo com Durkheim (1996), despoletam a união comunitária, porque são sociais na sua natureza, sendo formas comunicativas simbólicas baseadas na convenção e repetição (Mergulhão, 2020). Neste sentido, eles fazem parte de uma memória que é coletiva. Bayard (1996) considera que a agonia coincide com a fase inicial do luto. Após a sua ocorrência, o processo enfrenta a fase do velório, as exéquias, as condolências, o luto público, o luto social, representado pelo fato de as pessoas exteriorizarem a dor pelo uso da roupa de cor negra, o luto psicológico, correspondente à vivência individual da perda. Todas estas fases serão depois prolongadas pelo culto ao morto, o qual se concretiza através da visita ritual ao cemitério, mais evidentemente assinalada em datas oficializadas como o Dia de Todos os Santos. Todos os rituais identificados contextualizam a experiência da morte, neste contexto religioso em particular, permitindo a integração cultural e social dos que ficam, bem como o seu acompanhamento psicológico, que surge sob a forma confortativa da ideia de que, no Céu, a pessoa que parte estará na companhia da entidade na qual se crê (Bromberg, 2000).

METODOLOGIA

Neste capítulo, será feita a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados, com o intuito de atingir os objetivos atrás enunciados, garantindo, assim, a fundamentação das opções metodológicas tomadas.

Fortin (2009) refere que é na fase da definição metodológica que se deve operacionalizar o estudo, ou seja, precisar o tipo de estudo, a definição das suas variáveis, o meio onde o mesmo se desenrola, bem como a sua população.

Como explica o mesmo autor (2009, p.372), a metodologia consiste no “conjunto dos métodos e das técnicas que guiam a elaboração do processo de investigação científica”, acrescentando ainda que “é um plano criado pelo investigador com vista a obter respostas válidas às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas”. Desta forma, a metodologia e, por isso, os métodos e as técnicas utilizadas para estudar determinado fenómeno, vão sempre depender do tipo de estudo que se pretende realizar.

1. Objeto de Estudo

Conhecer a evolução que tem ocorrido nos rituais, percepções e vivências sobre a morte e o morrer na freguesia dos Canhas.

A freguesia dos Canhas é uma freguesia portuguesa situada na Região Autónoma da Madeira, pertencente ao concelho da Ponta do Sol, com cerca de 3 769 habitantes, de acordo com o Censos 2011, distribuídos por uma área de 13,30 km².

Á semelhança do restante território nacional, Canhas é uma freguesia envelhecida, sendo que 18,2% da população encontra-se acima dos 65 anos (dados Censos, 2011).

Nos últimos anos, a população dos Canhas tem vindo a diminuir progressivamente devido a elevadas taxas de desemprego e a poucas oportunidades de desenvolvimento, tendo-se verificado um grande movimento de emigração, especialmente para a Venezuela. Ainda assim, as principais atividades económicas da freguesia são o comércio, o turismo, a agricultura e o setor da construção civil.

2. Questões de partida

Para Fortin (2003, p.101) “uma questão de investigação é um enunciado interrogativo claro e não equívoco que precisa os conceitos-chave, especifica a população-alvo e sugere uma investigação empírica”.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2008), as mesmas devem ter os seguintes requisitos, serem realista, uso de linguagem clara e simples, interpretação não ambígua e serem concisas.

No decorrer da definição da temática em estudo, surgiram as seguintes questões:

- Qual é a atitude atual da população residente na freguesia dos Canhas, face a morte comparativamente ao passado?
- Qual a atitude da população residente na freguesia dos Canhas, perante a morte de diferentes elementos da sua população, com diferentes idades e características?
- Como foi a evolução dos rituais funerários ao longo dos anos?
- Existiu o fenómeno de aculturação trazido pelos emigrantes, relativamente aos rituais ligados a morte?
- Que registos sobre esta temática existem na freguesia para transmissão cultural da história da freguesia dos Canhas?

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

A definição de um objetivo geral de um trabalho é um passo muito importante uma vez que é ele que resume e apresenta a ideia central da dissertação, devendo expressar de forma clara qual a pretensão para com a pesquisa, delimitando assim o conteúdo do trabalho (Fortin, 2003). Assim, o objectivo geral desta investigação é:

- Analisar a evolução histórica dos rituais fúnebres na freguesia dos Canhas, desde 1974 até à atualidade.

3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos têm como principal finalidade apresentar os resultados que se pretendem obter por via de uma pesquisa mais detalhada e profunda, procurando, também, relacional de forma mais exaustiva o objetivo geral do trabalho e as particularidades a ele associados, contribuindo, assim, para a delimitação do tema (Fortin, 2003). Deste modo, para o presente trabalho, traçaram-se os seguintes objetivos específicos:

- Concetualizar a morte à luz da sociedade e do seu lugar no ciclo de vida do ser humano;
- Perceber as diferentes perspetivas que os indivíduos possuem perante a morte;
- Caracterizar os principais rituais fúnebres da freguesia dos Canhas
- Conhecer quais os fatores que contribuíram para o (quase) desaparecimento de determinadas crenças e rituais associados à morte;
- De que forma os rituais fúnebres no Canhas foram modificando devido a processos de aculturação.

4. Paradigma metodológico – qualitativo

A metodologia qualitativa já é reconhecida como um campo de investigação com direito próprio, transversal a várias disciplinas. O termo qualitativo implica um destaque às qualidades das entidades e aos processos e significados: um estudo qualitativo valoriza a qualidade socialmente construída da realidade, tendo em conta o quadro construtivista, a relação mais íntima entre o investigador e o objeto de estudo e os constrangimentos situacionais que dão forma à investigação (Denzin & Lincoln, 2000).

De acordo com Creswell (2010), a metodologia qualitativa é vista como um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social e humano.

Serapioni (2000), refere como principais características dos métodos qualitativos a análise do comportamento humano do ponto de vista do ator, a observação naturalista, a

subjetividade, a orientação para a descoberta e para o processo, o seu carácter exploratório, descritivo e indutivo e a não generalização de resultados.

Ao usar-se uma metodologia qualitativa num estudo, espera-se que seja feita uma análise em profundidade relativamente a significados, conhecimentos e atributos de qualidade dos fenómenos em estudo. Como refere Fidalgo (2003, p.178), os dados são “enquadrados e interpretados em contextos holísticos de situações, acontecimentos de vida ou experiências vividas, particularmente significativos para pessoas implicadas.”

Assim, o investigador que adota metodologias qualitativas irá estudar os fenómenos no seu contexto natural e interpretá-los, tendo em conta os diferentes significados atribuídos pelas pessoas aos mesmos (Denzin & Lincoln, 2000).

Deste modo, o nosso estudo será um estudo etnográfico, pelo que se reúne os critérios de um trabalho de metodologia qualitativa, a este propósito Lopez (1999, p 46), defende que: “A etnografia é considerada como uma modalidade de investigação das Ciências Sociais que surge na Antropologia Cultural e Sociologia Qualitativa e se encontra na família da Metodologia interpretativa/qualitativa. É um modelo alternativo à investigação tradicional utilizada pelos Cientistas Sociais para estudar a realidade Social.”

Nas sociedades ocidentais até início desta centúria, o ser humano reconhecia facilmente a sua mortalidade, preparando-se antecipada e serenamente para o que ele designa de “momento final”, o qual era celebrado publicamente. Atualmente o panorama é diferente e a morte passou a ser mais solitária, mecânica, impessoal e desumanizada. Oliveira (1999). Para estudar esta temática e para uma melhor compreensão do fenómeno da morte, como já referido anteriormente, facilmente chegamos a conclusão de que a metodologia a seguir seria a pesquisa qualitativa. Relativamente as vantagens ao optar por esta metodologia, consideramos as seguintes:

- Maior proximidade com a população.
- O trabalho de campo pretende desvendar e compreender as tarefas e relacionamentos profissionais e sociais que formam o trabalho do investigador.

- Ser um contributo para a compreensão das transformações de viver a morte da freguesia dos Canhas.
- Motivação e entusiasmo pela temática em estudo.

Como principais dificuldades na realização deste estudo enumeramos as seguintes:

- Aceitação desta temática pela população, ainda é um assunto que por muitas pessoas é considerado como tema “tabu”.
- Gerir as emoções que possam surgir em determinadas pessoas, ao abordar a temática.
- Dificuldade em encontrar estudos que abordem esta temática na região.

Relativamente ao horizonte temporal, pretendemos incidir o nosso intervalo de tempo desde meados de 1974 do século XX, ano em que se deu a Revolução dos Cravos e ponto de partida para grandes mudanças sociais, até à atualidade.

Nesta linha de atuação, para Flick (2005, p. 148) citando Hammersley e Atkinson “O etnógrafo participa de forma aberta ou encoberta na vida quotidiana das pessoas, num extenso período de tempo: observa o que acontece, escuta o que se diz, faz perguntas, colige efetivamente todos os dados disponíveis, para lançar luz sobre os problemas que o preocupam”. Em determinadas situações e de modo a conseguir um melhor conhecimento sobre o tema em estudo o investigador recorre a abordagens em que mais tem o papel de participante, para assim conseguir um melhor conhecimento do tema, “a partir do seu interior” (p.137). O mesmo autor defende que ultimamente e acompanhando o progresso tecnológico, o uso da fotografia, o filme ou o vídeo, também são meios que o investigador pode recorrer, e que designa de: “observação em segunda mão”,

A este propósito Caria (2002, p.12), refere que: “a etnografia supõe um período prolongado de permanência no terreno, cuja vivência é materializada no diário de campo, e em que o instrumento principal da recolha de dados é a própria pessoa do investigador, através de um procedimento geralmente designado por observação participante.” Para Moreira (2002, p.52), a observação participante em etnografia são: “relatos detalhados do que acontece no dia-a-dia das vidas dos sujeitos e é derivado das notas de campo tomadas pelo pesquisado” (...) “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os

sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

De acordo com Lopes (1999, p 46), “A etnografia é considerada como uma modalidade de investigação das Ciências Sociais que surge na Antropologia Cultural e Sociologia Qualitativa e se encontra na família da Metodologia interpretativa/qualitativa. É um modelo alternativo à investigação tradicional utilizada pelos Cientistas Sociais para estudar a realidade Social.”

5. Método de recolha dos dados – Entrevista

O objetivo do presente trabalho é conhecer a evolução que tem ocorrido nos rituais, perceções e vivências sobre a morte e o morrer na freguesia dos Canhas desde 1974. O que se pretende é, tal como refere Terrasêca (1996), dar forma a uma entrevista em tom de conversa informal, embora com a preocupação de que o seu rumo não menospreze nem deixe esquecidos aspetos fundamentais no guião. Além disso, tal como a autora refere, a compreensão destes aspetos é possível devido às características do tipo de entrevista, que possui um grau de abertura suficiente para não se tornar um instrumento redutor da informação e, desta forma, recolher toda a riqueza que os sujeitos possam pôr nas suas palavras (Terrasêca, 1996).

Neste estudo, optou-se por uma entrevista semiestruturada, também designada semidiretiva (Quivy & Campenhoudt, 2018), permitindo aos entrevistados e às entrevistadas uma abordagem mais livre sobre a temática em questão. De facto, o recurso às perguntas abertas possibilita uma maior liberdade de expressão e da criatividade por parte do (a) entrevistado(a), assim como a oportunidade de reformulação de respostas que, ao mesmo tempo, nos permite orientar o discurso, no sentido de centrar as respostas de acordo com os objetivos da investigação. Este tipo de entrevista, ao deixar o entrevistado mais à vontade, permite que expanda as suas respostas de acordo com a direção que mais considere adequadas e com os aspetos que lhes pareçam mais relevantes, permitindo quer a flexibilidade quer o aprofundamento das questões.

Outra razão que suporta a escolha deste tipo de entrevista reside no facto de esta permitir que, indiretamente, o entrevistador ajude o entrevistado a facultar informação de forma mais

clara e objetiva, tendo em conta que “quando se utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (Bogdan & Biklen, 1994, p.135).

Relativamente ao recurso da entrevista, Moreira (2002, p. 54), refere que a entrevista pode ser definida como “uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente”. Para Flick (2005), tendo como referência Spradley, a observação participante é o método mais utilizado, no entanto as entrevistas são também uma fonte muito importante de obtenção de dados, para este autor a entrevista etnográfica os seguinte elementos distinguem a entrevista de uma “conversa amistosa”: a) pedido específico de entrevista, consoante o tema da investigação; b) explicações etnográficas, o entrevistador esclarece o projeto ou o registo de determinados elementos, explicações sobre a entrevista, sobre certo tipo de perguntas e a maneira aberta de as fazer; c) perguntas etnográficas, ou seja, descritivas, estruturais e perguntas contestadas que fornecem informação sobre as dimensões de significado usadas pelos informantes para diferenciar objetos e acontecimentos do seu mundo.

Relativamente à caracterização dos/as entrevistados/as, optámos por realizá-la sucintamente, dado serem facilmente identificáveis, tendo em conta a pequena dimensão e população da freguesia. (Tabela 1).

Foram realizadas oito entrevistas, dois elementos do sexo masculino e seis do sexo feminino. De referir que tentamos realizar mais entrevistas a elementos do sexo masculino, no entanto nem sempre foi possível, por não se demonstrarem disponíveis para participar.

SEXO	IDADE	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL
Feminino	62	Doméstica / Bordadeira	Viúva
Feminino	69	Doméstica / Ajudante Familiar	Casada
Feminino	80	Doméstica / Bordadeira	Solteira
Feminino	80	Sacristã	Solteira
Masculino	48	Agente funerário	Casado
Feminino	84	Doméstica / Bordadeira	Casada
Feminino	67	Ajudante de padaria	Solteira
Masculino	54	Padre	Solteiro

Tabela 1: Caracterização dos/as entrevistados/as

A realização das entrevistas ocorreu de 10 de novembro de 2020 à 20 de dezembro de 2020, cumprindo as medidas impostas pela Direção Geral de Saúde (DGS), no âmbito da pandemia Covid-19, nomeadamente o distanciamento e uso de equipamento individual de proteção.

6. Método de análise dos dados – Análise de conteúdo

Na abordagem qualitativa, não se privilegia uma amostragem aleatória e numerosa, mas antes uma amostra criteriosa ou intencional, ou seja, a seleção da amostra está sujeita a determinados critérios que permitem ao investigador aprender o máximo sobre o fenómeno em estudo (Vala, 2007).

Tendo em conta o paradigma qualitativo em que se situa esta investigação e a técnica de recolha de informação utilizada, a análise de conteúdo foi a mais indicada e aquela que melhor possibilitou a análise do discurso dos entrevistados.

Os autores Bogdan & Biklen, (1994, p.205) explicam que a análise de conteúdo consiste no “processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou”, o que demonstra que a opção por esta técnica é a mais indicada.

De acordo com Bardin (2009, p.45), o objeto da análise de conteúdo “é a fala, isto é, o aspeto individual e atual (em ato) da linguagem”, ou seja, a análise de conteúdo tem como objeto de estudo a informação revestida de sentido, pelo que foi através desta técnica que

conseguimos compreender os significados que, subjetivamente, se encontram no discurso dos participantes.

A técnica da análise de conteúdo caracteriza-se pela procura de explicação e compreensão, permitindo fazer inferências que, de forma sistemática e objetiva, identifica características singulares e implícitas do discurso, já que “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça (...) é a busca de outras realidades através das mensagens” (Bardin, 2009, p.45).

Na perspetiva desta autora, “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (Bardin, 2009, p.33).

Na opinião de Sousa (2005), a análise de conteúdo “não se trata de um instrumento, mas de um conjunto de procedimentos diversos, incluindo mesmo técnicas diferentes que, pela sua sistematização, analisam documentos de diferentes modos e com diferentes objetivos” (Sousa, 2005, p.264).

A análise de conteúdo propriamente dito é apresentada em forma de tabela de codificação das entrevistas (tabela 2), como se pode verificar no exemplo seguinte:

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Aqui são agregados os grandes temas da entrevista.	Subtemas mais importantes dentro de um determinado grande tema da entrevista.	Fragmentos de texto que se tomam por indicativo de uma característica (categoria e subcategoria).	Encontram-se fragmentos do texto que englobam a unidade de registo, contextualizando a unidade de registo no curso da entrevista.

(fonte: Bardin, 2009, p.32)

Tabela 2: Tabela de codificação de entrevistas

7. Pressupostos éticos

A abordagem da temática da morte e do ato de morrer quase nunca é fácil, sobretudo porque interfere com os sentimentos das pessoas envolvidas na sua discussão. Como tal, o investigador deverá ser sensível a esta questão e revelar alguma capacidade para apoiar os sujeitos que participam do seu estudo. Tendo em conta estes aspetos, a realização do presente estudo envolveu os seguintes pressupostos éticos:

- De maneira a salvaguardar os direitos dos participantes que tomaram parte neste estudo, foi explicado a cada um deles o propósito a que o mesmo se destinaria.
- Em entrevistas prévias, esses mesmos participantes receberam informação relativa a aspetos particulares sobre o estudo, além de serem informados sobre a nossa disponibilidade para qualquer esclarecimento de dúvidas. Foi-lhes igualmente explicado que teriam toda a liberdade de não querer participar no estudo ou de desistir da sua colaboração no decurso do mesmo. Aquando da realização dessas entrevistas, foi elaborada uma minuta de consentimento informado, que lhes foi posteriormente entregue.

- Assumimos, para com esses participantes, o compromisso de explicitar quais as fontes (documentais ou outras) que foram utilizadas.
- De modo a garantir a confidencialidade da informação obtida, foi explicado aos entrevistados que os dados recolhidos serão apenas utilizados para a presente investigação, salvaguardando a sua privacidade e confidencialidade. Aquando da realização das entrevistas, será atribuído um número a cada participante, sendo essa a identificação utilizada quando for efetuada a referência aos conteúdos das mesmas. (E1; E2; E3, ...) de modo a garantir que os dados sejam utilizados apenas para a finalidade do estudo em questão.
- O investigador compromete-se a não divulgar o conteúdo das gravações áudio realizadas a terceiros, sendo o material destruído após a transcrição das entrevistas.
- Nos casos de recolha de documentos fotográficos, será tido em conta a não identificação das pessoas envolvidas, salvo autorização para cedência de imagem. Ao fotografar o cemitério local, será tida em consideração a não identificação das lápides.

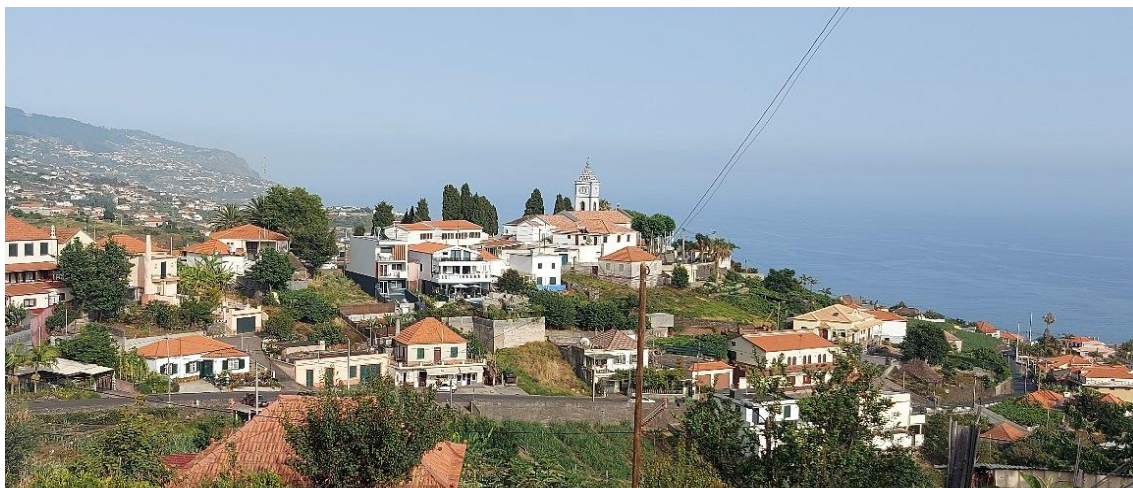


Figura 2: Panorâmica da freguesia dos Canhas, Madeira, onde se visualiza a igreja da Piedade

A paisagem dos Canhas faz desta uma freguesia singular em toda a ilha da Madeira. Esta surge entre o mar, elevando-se até ao único planalto da ilha, o Paul da Serra. Trata-se da única planície existente na ilha (figura 3), para além de ser o seu mais importante recurso hídrico, que alimenta as ribeiras madeirenses, utilizadas para irrigação. Dado o clima extremo que aí se verifica, o Paul da Serra e a freguesia dos Canhas são frequentemente fustigados por temporais, sob a forma de elevada precipitação.



Figura 3: Paul da Serra

É a partir desta zona alta e plana que os terrenos escorregam de forma suave em direção ao oceano, para, de seguida, descerem de forma abrupta para as duas fajãs: a dos Anjos e a da

Madalena. Do lado leste da freguesia encontra-se a Ribeira de Santeago, alusiva à primeira devoção da Freguesia dos Canhas, apresentada mais à frente. Do lado oeste observa-se a ribeira da Madalena, de formação mais recente, sendo o seu curso formado por pedras e pedregulhos que se precipitam, batendo com intensidade nas margens e dando origem a quebradas.

1.2. Origem da freguesia dos Canhas

Vários investigadores dedicados ao estudo do Arquipélago da Madeira concordam que ele já era conhecido na primeira metade do século XIV, nomeadamente entre 1317 e 1336, sendo que em certas cartas cartográficas de 1351, as ilhas da Madeira, Porto Santo, Selvagens e Desertas já se encontravam representadas com alguma precisão. Descoberta em 1419, o seu povoamento começou por volta de 1425, sendo que a parte sul, onde Canhas se situa, começou a ser povoada em 1450, após doação a João Gonçalves Zarco.

É então a João Gonçalves Zarco que se atribui a ideia de erguer o primeiro templo religioso nos Canhas, dedicado a São Tiago (Menor), mesmo antes de o lugar ser habitado, abrindo o precedente para uma nova localidade na ilha da Madeira. Atualmente, no local onde se encontrava este templo primitivo, encontra-se o sítio de São Tiago, local onde se encontra a sinalização do início da freguesia, com a inscrição de Canhas.

Na Madeira da segunda metade do século XV viveu-se um período de grande desenvolvimento e ocupação, verificando-se a fundação de várias aldeias e vilas, que, passado um século, assumiam-se como centros populacionais importantes, sendo por esta altura que a freguesia dos Canhas foi constituída.

A freguesia dos Canhas foi criada por alvará régio a 30 de janeiro de 1577, tendo-se esta efetivado anos mais tarde com a instalação da matriz na capela de São Tiago, fundada, ao que se supõe, por um dos descendentes daquele que deu nome à freguesia, Rui Pires de Canha. Um ano e meio depois, a 10 de julho de 1578, o Bispo do Funchal da altura criava efetivamente a paróquia, sendo, portanto, essa a data de fundação da freguesia. Nesta altura, a capela primitiva de João Gonçalves Zarco tinha passado para a igreja de Nossa Senhora da Piedade, não restando qualquer vestígio deste templo anterior.

Nos primeiros anos do século XVII ergueu-se um novo templo para o qual foi transferida a sede da paróquia e, em meados do século XVIII, outra igreja, que é a atual, é construída.

Nesta freguesia existiram as capelas de Nossa Senhora do Socorro, instituída em 1665, a de Nossa Senhora da Anunciação ou da Encarnação, edificada em 1696 e a de Nossa Senhora do Monte e Sant’Ana, edificada em 1733.

Atualmente, existe na freguesia a capela de Nossa Senhora dos Anjos, cuja construção remonta ao terceiro quartel do século XV. Paralelamente, existiram outras duas capelas, a do Sagrado Coração de Jesus, no sítio do Outeiro e a de Santo André Avelino, no sítio do Carvalhal, que foi demolida e, no seu local, construída a Igreja do Carvalhal.

1.3. Caracterização sociodemográfica

Não existem dados para quantificar o número de habitantes no momento da criação da freguesia dos Canhas, uma vez que o primeiro recenseamento realizado em Portugal que permitiu a contagem total da população apenas se deu em 1864. Antes dessa data, somente se contabilizavam os “fogos”, ou seja, as famílias.

Em 1598 deu-se um recenseamento de todos os “fogos, almas, freguesias e igrejas que tem a Ilha da Madeira” referindo que, acima da vila da Ponta do Sol, nos Canhas, se encontra a freguesia de Nossa Senhora da Piedade, com duas ermidas, a de Nossa Senhora dos Anjos, ao longo do mar, e a de São Tiago Maior, acima, com 80 fogos e 278 pessoas em “sacramento”, ou seja, indivíduos com mais de sete anos. É este, então, o primeiro registo de população na região dos Canhas. Na tabela 3 pode-se observar a evolução da população da freguesia dos Canhas desde o primeiro recenseamento realizado em 1864:

Evolução da população da Freguesia dos Canhas														
1864	1878	1890	1990	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991	2001	2011
3056	3315	3330	3714	4978	5455	6040	5804	5747	5159	4454	3974	3875	3214	3769

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Tabela 3: Evolução da População da Freguesia dos Canhas

Até meados dos anos 30 do século passado, verificou-se um sentido ascendente na população da freguesia, sendo o seu pico na década de 1930, coincidente com o início do Regime do Estado Novo em Portugal. Assim, a elevada taxa de natalidade registada estaria em consonância com as políticas de assistência familiar e materno-infantil do Estado Novo, nos anos 30 e 40, bem como com o seu projeto político-ideológico, assente na previdência social corporativa (Pimentel, 1999), que leva a que o seu principal núcleo seja, efetivamente, «a família e, no seio desta, a maternidade.» (Pimentel, 1999, p. 478).

No nosso país, o direito à assistência havia sido consagrado na Constituição republicana de 1911, ano da criação do Fundo Nacional da Assistência e Direção-Geral da Saúde (Pimentel, 1999, p. 478). Na nova Constituição Portuguesa de 1933, esse direito já não está incluído, mas o Estado é incumbido da defesa da saúde pública e família, da proteção da maternidade (Pimentel, 1999, p. 479). No que diz respeito à assistência familiar, «o Estado propunha-se favorecer a regular constituição da família e o desempenho da sua função educadora» (Pimentel, 1999, p. 480), com prestação de assistência materno-infantil no lar.

Só a partir de 1944, essa assistência ficaria entregue ao espírito naturalmente caridoso do povo português, iniciativa privada e, em último caso, ao Estado (Pimentel, 1999, p. 481). A ideia que prevalecia era a de que a assistência social excessiva estimulava o espírito parasítico (idem, p. 482). Neste sentido, o Estado Novo não foi um Estado-providência e a segurança social só a partir dos anos 70 se concetualizaria, mas o facto é que elegeu, com efeito, a família como núcleo base da sua ação corporativa.

No contexto desse regime, a assistência social, sob a forma de apoio à maternidade e família, visava manter os valores da natalidade elevados, diminuindo o número de filhos “ilegítimos” e a mortalidade infantil. A ideologia natalista desse regime e a influência doutrinária da

igreja católica teria um efeito positivo sobre a matéria, pelo menos até meados da década de 50, época na qual os valores da natalidade diminuíram devido ao lento desenvolvimento económico do país, que resultou num maior interesse pela temática do planeamento familiar. Os números da mortalidade infantil eram, a par disso, igualmente elevados, dada a situação de miséria da população, bem como a deficiente assistência materno-infantil. Só a partir dos anos 50 ocorre um decréscimo desses números (Pimentel, 1999, p. 485).

Como medidas de proteção, foram desenvolvidos alguns apoios às mães pobres e famílias numerosas, vistas como heroínas da nação, pois contribuía para a sua expansão. Na altura, os apoios traduziam-se em «assistência higiénica, social e moral às famílias e às mães» (Pimentel, 1999, p. 493). Havia ajuda pontual sob a forma de géneros e sob a forma de auxílio à empregabilidade do «chefe» de família.

A partir de 1935, foram atribuídos suplementos salariais a trabalhadores com mais encargos familiares (Pimentel, 1999), mas, como se depreende do exposto, a intervenção estrutural desejada foi precária. Assim, o que se verifica, no caso específico da freguesia em análise, é que a mortalidade infantil era bastante elevada, à semelhança do que se verificava também no país. Nos anos 40, nomeadamente em 1941, foram registadas epidemias de sarampo, seguidas de complicações pulmonares e intestinais, que vitimaram um total de 50 crianças.

Entre os anos 30 e 40, a área social de apoio às mulheres restringia-se quase exclusivamente a uma vertente educativa, com cursos para mães, estando ainda longe uma intervenção mais sistémica (Pimentel, 1999, p. 498).

As duras condições de vida, aliadas à falta de oportunidades e a um regime repressor, precipitou um novo movimento migratório de saída da ilha, sendo que, a partir de 1945, verificou-se uma descida acentuada na população. Os principais destinos foram Curaçau (devido às refinarias de petróleo) e o Brasil. A partir de 1950, surgiu um novo destino migratório, a Venezuela.

De facto, e como refere um artigo do *Diário das Freguesias* sobre a emigração dos Canhas “é normal ter família e(i)migrada ou ter tido. Há algumas décadas para cá, esta foi a única solução viável para quem queria construir uma vida melhor numa terra mais próspera.” (*Diário das Freguesias*, 14 de maio de 2018). Este movimento migratório dura até aos dias de hoje, apesar de, atualmente, se verificar um movimento contrário, o de retorno dos antigos

emigrantes da Venezuela e do Brasil, países que um dia foram prósperos, mas que atualmente atravessam graves crises a nível social e económico. Apesar disso, ainda se verificam movimentos migratórios das camadas mais jovens da população, especialmente para países europeus, como é o caso da Inglaterra. Na tabela 3 é possível observar a estrutura demográfica dos Canhas, tendo em consideração os Censos de 2000 e o último, de 2011.

Distribuição da População por Grupos Etários				
Ano	0-14 anos	15-24 anos	25-64 anos	Mais de 65 anos
2001	730	458	1490	536
2011	743	497	1844	685

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Tabela 4: Distribuição da população dos Canhas por grupos Etários.

Como se pode observar na tabela 4, a freguesia dos Canhas acompanha a tendência nacional: um país envelhecido com um grande número de idosos e poucos nascimentos. A população jovem é muito baixa, sendo que muitos jovens na casa dos 20 anos decidem abandonar a freguesia, muitos para estudar, outros para procurar novas oportunidades de emprego, uma vez que, ainda hoje, esta é uma freguesia altamente dependente da agricultura e do turismo, sendo estes os principais setores de atividade da freguesia. Canhas também tinha alguma relevância no setor da construção civil, no entanto, nos últimos anos e com a crise de 2008, tem-se verificado uma elevada taxa de desemprego neste setor.

1.4. Património cultural

Devido à sua geografia, a freguesia dos Canhas é conhecida pela sua beleza natural, estendendo-se do mar até à serra. Além da sua natureza única, Canhas também apresenta uma relevante história e cultura, alicerçada especialmente na religião, desde há muitos séculos.

Um dos monumentos mais antigos da freguesia situa-se junto ao mar, nos Anjos, bem antes dos Canhas se ter tornado freguesia. A Capela de Nossa Senhora dos Anjos, edificada em

1474 e de arquitetura maneirista de planta retangular, contém as imagens do Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora dos Anjos e Nossa Senhora do Desterro (figura 4).



Figura 4: Capela da Nossa Senhora dos Anjos

Durante todos estes anos, a capela sofreu vários restauros, tendo passado por vários proprietários, sendo dos mais importantes Júlia de Atouguia de França Neto (1825-1903), José da Silva Gaspar e Nicolau Artur Coelho da Vera, este último responsável pelas últimas obras de restauro da capela, realizadas no verão de 2001, com a supervisão da Direção Regional dos Assuntos Culturais. Esta capela encontra-se classificada como monumento de valor concelhio, pelo Decreto 95/78 de 12 de setembro.

No coração da freguesia é possível encontrar a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, não se sabendo a data certa da sua construção, sendo que, à data de fundação da freguesia dos Canhas, em 1578, esta já se encontrava edificada, sendo o ponto nevrálgico do crescimento da freguesia (figura 5).



Figura 5: Exterior da Igreja de Nossa Senhora da Piedade

Ao longo dos anos, a igreja foi sofrendo vários restauros, tendo mesmo sido reerguida em 1753, por ordem do rei D. José, devido à sua destruição pelo terramoto de 1748. Esta é uma das igrejas mais ricas e históricas da ilha da Madeira, com destaque para as imagens da Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora de Fátima e o Coração de Jesus.



Figura 6: Exterior da Igreja de Nossa senhora de Fátima - Carvalho

No cimo da freguesia, fica localizada a Igreja de Nossa Senhora de Fátima na paróquia do Carvalho. A paróquia foi criada pelo decreto de 30 de novembro de 1960, do bispo do Funchal D. Fr. David de Sousa. Para a sua edificação foi usado o terreno em que em 1744 tinha sido construída a capela de Santo André Avelino. A Capela foi demolida em 1961 e em 1962 iniciaram-se as obras de construção da atual igreja paroquial e Nossa Senhora de Fátima (figura 6).

Uma das atrações mais emblemáticas do património cultural e histórico da freguesia dos Canhas situa-se na Estrada Regional 222, em direção ao Serrado da Cruz, a denominada “Via Sacra”, constituída por 14 cruzeiras separadas por 100 metros, numeradas em romano e com uma lápide onde se encontra uma inscrição religiosa. Além disso, encontra-se também o nome da pessoa responsável pela construção e os custos dessa mesma cruz (figura 7).



Figura 7: Uma das cruzes da Via Sacra dos Canhas

A Via Sacra acaba no Monumento de Santa Teresinha do Menino Jesus (figura 8), mandado erguer por D. Matilde Cabral de Noronha, com os fundos da comunidade emigrante da freguesia, inaugurado em 1964, sendo este um dos pontos mais visitados no concelho da Ponta do Sol. Este monumento, da autoria dos escultores portugueses Anjos Teixeira e José Ferreira Tadim, inclui ainda uma representação da Via Sacra com as estações a percorrerem um trajeto pela estrada regional até ao monumento.



Figura 8: Monumento de Santa Teresinha do Menino Jesus

2. Análise e discussão das entrevistas

De forma a recolher informações sobre as transformações dos rituais e tradições fúnebres da freguesia dos Canhas, ilha da Madeira, foram realizadas entrevistas a alguns elementos da população da localidade e ao antigo padre, de forma a analisar a perceção e suas representações acerca da morte e dos rituais fúnebres. Foram também recolhidas fotografias junto da população, que pudessem traduzir em imagens o que foi contado em contexto de entrevista. As fotografias, de acordo com quem as forneceu, eram tiradas para serem por vezes enviadas a familiares que se encontravam no estrangeiro.

Recorrendo a uma grelha de codificação que tem como base a metodologia de análise de conteúdo de Bardin, apresentaremos os principais dados retirados da análise das entrevistas, que pode ser consultada no Anexo I no final deste trabalho.

2.1. Fatores influenciadores da perceção da morte

Através da análise das entrevistas, é possível compreender que a perceção da morte no passado acompanhava as condições de vida difíceis na freguesia dos Canhas, sendo que, na voz daqueles que viveram esses tempos, as dificuldades faziam com que se encarasse melhor a morte, com naturalidade, tendo em conta as duras condições de vida:

“as pessoas (...) estavam à espera da morte, as pessoas estavam lá à espera da morte, mesmo à espera da morte... de modo que encaravam melhor a morte (...)”

E2

As condições de vida antes do 25 de abril eram bastante difíceis, não havendo água nem eletricidade nas casas, caracterizadas por uma higiene muito deficitária, o que potenciava o aparecimento de várias doenças. Acompanhando o que acontecia na maior parte de Portugal continental, a freguesia dos Canhas era uma freguesia marcadamente agrícola, de subsistência, sem qualquer tipo de industrialização e com baixos níveis de educação. Antes do 25 de abril, Mota (2014) refere que Portugal, incluindo as suas regiões autónomas, caracterizava-se pela existência de índices, inacreditáveis nos dias de hoje, de analfabetismo, mortalidade infantil, pobreza, falta de acesso a cuidados básicos de saúde, trabalho infantil, isolamento relativamente aos outros países (ainda mais marcado nas longínquas regiões

autónomas), que faziam com que as condições de vida dos portugueses fossem deploráveis. Como referem os entrevistados:

“Agora as pessoas encaram melhor a morte, as condições são outras. Antigamente era a maior tristeza, não havia luz, não havia água.” E1

“(…) havia muita fome, muita falta de higiene, iam para a cama e tavam uns dias, às vezes uns meses, um ano, à espera da morte.” E2

“A pessoa adoecia, vinha um vizinho e trazia um chazinho, dava uma massagem, era um chazinho com as ervinhas que havia na altura e colocava num paninho na cara e era isso que era os remédios da altura.” E1

No passado, as pessoas adoeciam, mas não se dirigiam ao hospital. Ficavam, assim, muitas vezes acamadas, em casa e em sofrimento, à “espera da morte”, sendo encarada com naturalidade a convivência com a doença e com a morte, por parte dos seus cuidadores e familiares. Já o funeral, pelos rituais que envolvia, era encarado como uma experiência que despertava o medo, especialmente por parte dos mais novos. No entanto, a perceção relativamente ao conceito de morte evoluiu, especialmente devido à melhoria significativa das condições de vida após o 25 de abril:

“Depois do 25 de abril já as coisas melhoraram, já conseguimos ter água e luz em casa, compramos um fogãozinho, por causa dos subsídios e do abono.” E1

“Agora já é diferente, se [estão] doentes vão ao médico, quando pioram vão para o hospital.” E2

“Por exemplo, quando eu era pequena, se eu visse um funeral passar no caminho nessa noite, eu também não dormia com medo; lembro-me de uma senhora que morreu com cancro na cara (...) eu fui lá ver e ai Jesus, nessa noite eu não dormi.” E8

Considerando, como referido anteriormente, que a freguesia dos Canhas era uma comunidade rural que vivia de uma agricultura de subsistência, as redes de apoio entre os seus habitantes, como acontece nas sociedades rurais, eram bastante ativas. De acordo com

com Santos (1991), este tipo de sociedades era designado por “sociedade providência”, em que as “redes de relações de interconhecimento, de reconhecimento mútuo e de entreatura baseadas em laços de parentesco e de vizinhança, através das quais pequenos grupos sociais trocam bens e serviços numa base não mercantil e com uma lógica de reciprocidade” (p.37). A vivência em comunidade marcava o seu dia a dia, pelo que a entreatura entre vizinhos e familiares da mesma localidade era uma realidade comum, sobretudo no momento da morte. Esta realidade, porém, alterou-se com a modificação dos padrões de vida e com a elevada taxa de emigração que a localidade viveu:

“Eu acho que houve muita coisa que mudou, as pessoas já não são tão unidas, é cada um por si, cada um na sua casa, as pessoas são mais egoístas. As pessoas foram embarcando e isto só ficou velhos aqui.” E6

“(...) as pessoas ao saírem de casa já têm menos tempo para estar com os vizinhos, já têm menos tempo para a família. Antigamente não cuidar dos pais em casa era um escândalo, agora já é visto como algo normal.” E7

Além das mudanças dos padrões de vida (como o facto de as mulheres domésticas não assalariadas passarem a estar inseridas no mercado de trabalho e não terem disponibilidade para cuidar dos mais idosos) e da própria demografia da aldeia, foram referidos outros dois factores importantes que contribuíram para a alteração da percepção sobre a morte na freguesia dos Canhas: o primeiro prende-se com o aparecimento das agências funerárias, fazendo com que todos os rituais fúnebres deixassem de ser feitos em casa pelos familiares e vizinhos do defunto; em segundo lugar, uma maior escolaridade da população, contribuindo para que certas crenças e atribuição de papéis fossem reformulados, tal como referem os entrevistados:

“Agora qual é que é o procedimento? A agência que se encarregue de tudo.” E7

“(...) as pessoas já começaram a ir mais para a escola e até se formando e há coisas que se deixou de acreditar, depois com isto da internet tudo é diferente.” E7

A percepção relativamente à morte mudou o seu “core”, sendo que esta passou de uma manifestação externa, em que era comum se ouvirem gritos e prantos de sofrimento perante a perda, para um ritual mais reservado e recolhido, que as agências funerárias trouxeram:

“Eu lembro-me de ir aos funerais e era uma gritaria, até me arrepio, faziam um alarido, hoje em dia já vêes eles chorar, mas é diferente.” E7

2.2. Celebração dos funerais no passado, nos Canhas

Por falecerem em casa, os rituais fúnebres tinham como centro a casa da família enlutada, uma vez que, na época, não existiam agentes funerários responsáveis por tratar de todo o processo do funeral:

“(…) não havia os agentes de funerária, as pessoas é que organizavam o funeral. Eu também já fiz recado de enterro, eram normalmente dois homens que tratavam: um para ir à vila tratar dos papéis e outro para dar recado de enterro. Normalmente era um trabalho que não era pago.” E2

“Os preparativos eram tratados com a família e a Câmara e a família e a igreja, não havia intervenção das agências funerária.” E5

O funeral era, assim, organizado pela família, pelos vizinhos e pela comunidade, destacando-se uma dinâmica de entreatada, sendo que os vizinhos prontamente se disponibilizavam para cuidar e acompanhar a família em sofrimento pela perda do seu ente querido. Naqueles tempos, era natural morrer em casa, rodeado dos familiares e pessoas mais queridas.

“Grande parte das pessoas morriam em casa, hoje há uma maior assistência e vão morrer ao hospital. Antigamente morriam acompanhados e rodeados pelos familiares (…)” E5

Uma figura imprescindível na época, referida por praticamente todos os entrevistados, era o *mensageiro*, alguém que tinha como função passar por todas as casas da freguesia a anunciar a morte de um dos seus habitantes. Este *mensageiro* tanto podia ser um adulto como um rapaz, este também responsável por tocar o sino no início da procissão, sinal de que o enterro ia passar.

“Havia um senhor que ia pelas casas, chamávamos “o mensageiro”, que ia pelas casas anunciar que alguém morreu. Depois ele também ia à frente do funeral tocando o sino, dando sinal que o enterro ia passar.” E1

“À frente ia um rapaz com uma campainha para ir dando o sinal do enterro a passar e as pessoas vinham para as portas” E2

“Pela freguesia pagavam a uma criança ou rapazinho que ia pela freguesia a dizer que “fulano tal morreu”.” E6

Um dos artefactos mais importantes no ritual de passagem era a candeia. Tratava-se de uma vela ou lamparina que simbolicamente iluminava o caminho que a pessoa falecida percorreria em direção ao descanso eterno e encontro com Deus (Matos, 2009). A candeia remete-nos para a simbologia da vida eterna à luz da fé. O seu fogo representa Deus e é o fogo do sacrifício (Matos, 2009). Um dos entrevistados recorda precisamente tal simbologia a que nos referimos:

Quando a pessoa [estava] a morrer punha-se uma candeia, na hora que ele [estava] morrendo punha-se na mão, se a gente quando se batiza eles põem um ciro na mão, se quando a gente morre põem um ciro na mão significa a luz do mundo, a luz da graça.” E7

“Havia livros próprios para rezar. Nas casas já havia uma vela para colocar na mão da pessoa que [estava] a morrer. Quando morria, acendiam a vela e aí começavam a ler as orações, eram livros mesmo próprios com as orações.” E6

“aquilo não se chamava vela, era a candeia que se dizia, ficava guardada na cómoda, toda a gente tinha isso em casa, a candeia nunca era apagada, queimava até ao fim, com a lamparina ao lado a arder com azeite.” E4

A porta da casa do defunto ficava sempre aberta, sendo o caixão o elemento central. A família tinha o hábito de cobrir todos os móveis da divisão com lençóis brancos ou, quando necessário, retirava a mobília para que o caixão coubesse convenientemente no espaço escolhido para a celebração do ritual.

“A porta onde tinha um morto não era fechada, as pessoas iam rezando e lendo orações, rezavam as orações da agonia.” E4

“A mobília, havia sítios que era tirada ou tapada com roupa branca; quando o quarto era pequeno, a cama era tirada para dar mais espaço pra caber o caixão.”

E1

Na figura 9, é possível observar o velório de uma idosa na freguesia dos Canhas, no centro da sala principal da casa, de onde toda a mobília fora retirada, para que o corpo fosse o elemento central, para se proceder às devidas orações.



Figura 9: Velório numa casa da freguesia dos Canhas em finais dos anos 70

(foto gentilmente cedida por um dos entrevistados)

O caixão era feito na hora e à medida, sendo constituído por tábuas forradas com um tecido especial, em que se destacavam umas estrelas. O pano geralmente variava conforme a pessoa: se fosse solteira ou uma criança, o pano era branco com estrelinhas. Se se tratasse de uma pessoa com mais idade, o pano era preto com pequenas estrelas.

“Havia um senhor que fazia caixões, não é como estas urnas de agora, eram tábuas que depois forravam com um pano especial para isso e punham umas estrelinhas.”

E4

“A cor do caixão mudava conforme quem morria. Se era solteira, levava o caixão branco e anjinho também era um caixão branco. Se era casado ou viúva, era um caixão preto. Aquilo era só umas tábuas, um pano preto à volta, adornado com umas estrelas amarelas.” E6

“se era uma pessoa mais de idade, era preto e as estrelinhas amarelas na mesma.”
E4

“Aquilo às vezes era mais que um casamento, era toda a noite, enfeitavam o caixão, até a cor do caixão mudava consoante era uma pessoa adulta, uma criança, um casado ou solteiro.” E7

“Era o caixão no meio da casa, o caixão era mandado fazer na hora. Eles tiravam as medidas com um pedaço de cana; havia um senhor que ~~ele~~ fazia os caixões (...)”
E2

Nas figuras 10 e 11, é possível observar em pormenor os caixões utilizados nos Canhas. Pela análise e pelo que foi referido pelas pessoas por nós entrevistadas, os indivíduos que figuram na imagem formavam um casal e tinham já alguma idade, uma vez que os seus caixões se encontravam forrados a preto. É também possível observar as estrelas como elemento decorativo utilizado na época:



Figura 10: Velório em casa na freguesia dos Canhas, pormenor do caixão

(Foto gentilmente fornecida por uma das entrevistadas).



Figura 11: Funeral nos Canhas, pormenor do caixão forrado a preto com estrelas

(foto gentilmente fornecida por uma das entrevistadas)

Já na figura 12, a cor branca do caixão representa o funeral de uma criança, a que se dava o nome de *Anjinho*:



Figura 12: Funeral de um “Anjinho” nos Canhas, pormenor do caixão branco

(foto gentilmente cedida por uma das entrevistadas)

Os caixões eram igualmente decorados com elementos naturais, muitas plantas e flores, especialmente com uma planta chamada avenca (a que os entrevistados referem como *venca*) e flores de pessegueiro, que eram associadas aos mortos, por serem utilizadas nos funerais e possuírem um cheiro característico (figura 13).



Figura 13: Avenca e flor de pessegueiro

As flores e as plantas representam uma última oferta ao defunto, fazendo parte do memorial de quem as oferece. Como refere Godelier (1996), as flores são representativas de

sentimentos bons e puros, como o carinho, o respeito e a saudade da pessoa que partiu. Como relatam as pessoas entrevistadas, os caixões e os locais onde eram feitos os velórios eram bastante enfeitados com flores e avencas, especialmente quando se tratava de crianças. Nas suas palavras:

“Enfeitavam o caixão com umas florinhas, punham muito uma flor que se chamava pessegueiro, pessegueiro de jardim, que deitava um cheiro muito bom; punham à volta do defunto. Quase ninguém gostava de ter essa flor em casa porque diziam que cheirava aos mortos.” E2

“Punham venca (uma planta chamada avenca) à volta do caixão e os amores-perfeitos, quando havia também punham. Lembro-me quando eram crianças levavam sempre muitas flores, amores-perfeitos, rosas...” E3

“Quem tinha cântaros (vasos) de venca punha um em cada lado do caixão, quem tinha punha. Punham também flores mais escuras nas pessoas casadas. Se fosse uma criança ia cheinha de flores, muitas flores.” E7

“O caixão ficava toda a noite aberto, havia aqueles fetos de metro que colocavam num tripé no fundo do quarto.” E6

Na figura 14 é possível observar uma sala completamente enfeitada com avencas, sendo o caixão o elemento central, para ser devidamente velado:



Figura 14: Velório nos Canhas, pormenor da sala enfeitada com avencas. Foto do fim dos anos 60, início dos anos 70

(foto gentilmente fornecida por uma das entrevistadas)

Como foi referido pelas pessoas entrevistadas, as agências funerárias só surgiram posteriormente. Assim, todo o processo de preparação do morto passava pela família, inclusive o vestir. Relatos referem que havia roupas especiais e até alguns acessórios, como é o caso dos escapulários.

“Quem vestia era a família; houve uma altura em que foi o costume de irem vestidas com um manto. Havia mais que uma veste, havia as franciscanas com um vestido castanho e levavam os escapulários que punham ao pescoço no caso de ser dessa irmandade e havia as filhas de Maria.” E6

“Quem vestia o morto era a família.” E4

“Às vezes as pessoas já destinam a roupa que querem levar... Muitas mães destinavam às filhas as roupas que queriam levar...” E6

Quando uma criança morria, era costume os familiares e vizinhos colocarem uma flor na mão desta, para que a “oferecesse” a um ente querido já falecido:

“Havia também uma tradição de quando o morto era uma criança, trazerem uma flor e punham na mão da criança e dizer: “Leva isto ao meu filho, leva isto ao meu marido”.” E2

O velório consistia em orações próprias, orações lidas a partir de livros, a par de recitação do terço. De acordo com os testemunhos recolhidos, eram geralmente as Filhas de Maria, (designação as mulheres devotas de Nossa Senhora), as responsáveis por organizar e orientar os momentos da oração:

“O velório, a gente rezava o terço, havia orações próprias e havia aqueles livrinhos com as rezas. Normalmente eram as filhas de Maria que orientavam essas rezas.”E4

“Um costume religioso que havia era todas as pessoas tinham o seu ofício.” E3

“Eles faziam o velório em casa, passavam a noite inteira a rezar. (...) Juntava-se a família e os vizinhos a rezar e a ler (...)” E6

O velório e os rituais funerários iniciavam-se logo após a morte em casa da família com o corpo em câmara ardente. No entanto os funerais / enterro só aconteciam 24 horas depois do falecimento, finalizando-se com as cerimónias religiosas e a procissão até ao cemitério.

“Às vezes morriam na madrugada e já tratavam de fazer o funeral. O funeral era feito dentro de 24 h após.” E2

“Quando morria alguém, passava-se a noite, eles não enterravam sem ter 24 horas (...)” E8

O préstito formava-se em casa do defunto, estando o corpo em câmara ardente. O caixão era posteriormente transportado por quatro a seis pessoas do sexo masculino, sendo estes familiares ou próximos do defunto. Os *Anjinhos*, designação afetiva atribuída às crianças defuntas que simboliza a sua tenra idade e inocência, eram, normalmente, transportados até ao cemitério por outras crianças. De referir que esta era uma época em que morriam muitas

crianças, maioritariamente por doenças atualmente perfeitamente tratáveis. O transporte em braços denota o respeito e o carinho sentido pelo defunto. A procissão era realizada sempre a pé, dois a dois, separando-se por género e pela cor da roupa. Em primeiro lugar vinham os homens, nomeadamente os *Irmãos da Mesa* com a sua capa vermelha e em seguida as mulheres, sendo que quem vestia luto tinha prioridade no cortejo fúnebre. Deste modo, o defunto percorre o seu espaço familiar, onde estabeleceu a sua vida

“Os funerais eram todos a pé, depois as pessoas vinham para casa, algumas a pé, outras vinham nas carrinhas em cima das carroçarias.” E1

“Antigamente havia sempre divisões, os homens iam à frente do caixão e as mulheres atrás; era como antigamente nas missas, os homens à frente e as mulheres atrás e nos funerais era a mesma coisa, as pessoas de preto iam à frente e as de cores atrás.” E4

“As pessoas iam duas a duas, as pessoas de preto iam à frente, quem ia com roupa de cores ia atrás, tipo como se ia nas procissões.” E2

“Se fosse uma criança, quem levava o caixão eram as crianças. Antigamente, morriam muitas crianças, agora é que não.” E4

“Antigamente morria mais crianças que agora, muitas de meningite. (...) Por exemplo os meus avós tiveram 12 e morreram três, eram os anjinhos, como eles chamavam.” E7

A importância dada à passagem do cortejo fúnebre pelas zonas centrais da freguesia demonstra o sentimento de pesar e respeito prestado pela comunidade. Assim, as lojas fechavam as suas portas à passagem do funeral:

“(...) havia sempre o cuidado de fechar as portas dos bares e outros negócios.” E2

“(...) e uma campainha à frente a “dar sinal de morto” que era para os vendeiros fecharem as vendas. Quando ouviam as campainhas, fechavam, era isso que dava sinal do enterro (...)” E6

“Nos funerais, quando passavam, as pessoas fechavam as portas dos estabelecimentos à pressa.” E7

Nas figuras 15 e 16, é possível observar o ato da procissão e a sua divisão por género: em primeiro lugar, destacam-se os *Irmãos da Mesa* e os homens, seguindo-se as mulheres, sendo que aquelas que se vestiam de luto tinham prioridade relativamente às outras que envergavam outras cores.



Figura 15: Homens e Irmãos da Mesa, depois da família enlutada

(foto gentilmente cedida por uma das entrevistadas)



Figura 16: Mulheres de luto, duas a duas, num funeral da freguesia dos Canhas

(foto gentilmente fornecida por uma das entrevistadas)

À frente, iam sempre as cruzes, seguidas do padre. Os *Irmãos da Mesa* eram quem levava as cruzes, tendo o *Mensageiro* a tarefa de ir à frente a tocar o sino como sinal de passagem do funeral. A encimar o cortejo fúnebre ia o quadro do Sagrado Coração de Jesus, tendo sido posteriormente substituído pelas coroas de flores das agências funerárias.

“Quem era “Irmão da Mesa” levava as cruzes da procissão e ainda levava as cruzes de prata e a Confraria ia com as suas capas vermelhas e uma campainha à frente a dar “sinal de morto.” E6

“No enterro iam as cruzes à frente, depois o senhor vigário a pé, a caixa da cera, os preparativos (...)” E2

“(...) levavam a bandeira das almas, o Sagrado Coração de Jesus, três cruzes que eram mesmo das procissões.” E6

“À frente ia um quadro muito grande do Sagrado Coração de Jesus. Depois estragou e ninguém mandou arranjar, depois, com as funerárias passou a ir uma cruz de flores à frente:” E6

“(...) à frente ia uma bandeira quadrada, era a bandeira das almas. Ia também à frente, mas era pesado e ia a campainha à frente a tocar, quando se ouvia a campainha as pessoas já iam para a estrada ver o funeral passar.” E8

“(...) ia o pendão e a cruz à frente e ia uma pessoa a tocar a campainha.” E3

Há que referir que, até aos anos 80/90, as crianças eram participantes ativas dos funerais, tanto no velório como no enterro, acompanhando todos os seus passos.

“As crianças muito pequenas não vinham para não ficarem nervosos, mas as maiorzinhas já vinham e até rezavam.” E2

“As crianças iam no funeral, iam atrás do caixão. Hoje em dia já não querem...” E6

As figuras 17 e 18 representam cenas de um funeral. Nelas, surgem várias crianças, num primeiro plano. É possível ainda observar nas mesmas a presença do quadro da Paixão de Cristo, um dos artefactos que, normalmente, acompanhavam a procissão do funeral na freguesia:



Figura 17: Funeral nos Canhas, com várias crianças em primeiro plano

(foto gentilmente cedida por uma das entrevistadas)



Figura 18: Funeral nos Canhas, com várias crianças em primeiro plano

(foto gentilmente cedida por uma das entrevistadas)

Tanto a representação iconográfica da Paixão de Cristo como a bandeira das almas podem ser visualizados com mais pormenor na figura 19:



Figura 19: Outro pormenor de um funeral nos Canhas, onde se pode ver o quadro da Paixão de Cristo

(foto gentilmente cedida por uma das entrevistadas)

Havia, em forma de adereço, uma cruz no topo do caixão, que era retirada antes do enterro e entregue à família.

“Antigamente tiravam uma cruz que tinha no caixão e davam à família, hoje em dia essa cruz já está é dentro do caixão.” E4

“Antigamente, davam a cruz à família, agora já ninguém quer ficar com a cruz.” E6

De referir que existiam situações em que não se fazia funeral, como no caso das crianças que nasciam mortas, mas também daqueles que se suicidavam.

“Quando era uma pessoa que se matava, não tinha funeral. Antigamente, havia senhores padres que, quando era alguém que se enforcava ou que se matava, não faziam o funeral, vinham de casa e iam direitos para o cemitério.” E6

“Quando era alguém que se matava já não havia enterro, já ia direitinho para o cemitério, já nem dentro da igreja entrava, não havia missa, não havia nada, nem sei se tinha funeral.” E8

“Quando alguém que se matava, por exemplo, no caso do meu irmão (...) o senhor padre Abel não encomendou ele; o senhor padre (...) disse: “quem assim quer assim tem”, e assim foi (...)” E3

“Mesmo que fosse crianças que nascessem mortos, não faziam enterro, não tinha funeral tão pouco.” E8

A consideração do suicídio como temática de relevância social ocupa, na Antiguidade Clássica, um lugar de relevo, tendo sofrido atualizações ao longo do tempo. No contexto da religião católica, a partir de Santo Agostinho (354-430), por exemplo, o suicídio passou a ser considerado “como uma usurpação da autoridade de Deus e da Igreja”³, de acordo, aliás, com o quinto mandamento do Decálogo cristão (“5.º - Não matarás”), que tem implícito a

3 S. a. «Suicídio». Disponível em: <https://medicinapaliativa.pt/itools/upload/document/blog/190114212232.pdf>. As informações acerca da perspetiva oficial da igreja católica sobre o suicídio e a forma como esta se reflete na operacionalização dos ritos funerários foram retirados do texto que consta desta página *web*.

ideia de a pessoa não pode causar dano nem ao próximo nem a si próprio, quer ao seu corpo quer à sua alma. Para além disso, essa condenação evoca também o exemplo de Judas, que tirou a vida a si próprio, incorrendo nesse pecado, permanecendo como um exemplo de como não proceder, para todos os cristãos.

O suicídio é, desta forma, um ato individual e de autoagressão, tendo sido proibido. No Concílio de Arles, em 452, foi considerado crime; no de Braga, em 562, foi decidido que, num funeral de um suicida, não deveria haver lugar a rituais religiosos. No Concílio de Toledo, em 693, mesmo os que incorriam apenas na sua tentativa eram excomungados. Também São Tomás de Aquino (1225-1274) aponta para a sua ilegitimidade, por considerá-lo um ato contrário ao amor próprio ou caridade para consigo próprio que o homem deve salvaguardar. Na sua opinião, por conseguinte, é ofensivo atentar contra a dádiva de Deus que é a vida, logo, quem atenta contra esta, atenta também contra Ele. A legislação civil cumpriu tendencialmente estas normas, até 1961, sem discriminação da classe social, até à descriminalização do ato de suicídio, com o *Suicide Act*.

Para a igreja católica, portanto, o suicídio constitui um pecado grave, é motivo de excomunhão, pelo que esta atitude institucional justifica o que os testemunhos recolhidos descrevem, por palavras próprias, como sendo uma efetiva negação dos ritos funerários. Estes também se revestem de algumas especificidades no caso nos nados-mortos, como refere o nosso último testemunho. Aquilo a que este mesmo testemunho se refere tem a ver com o primeiro sacramento cristão, o batismo, que será determinante no que diz respeito ao modo como se processa o ritual fúnebre nesse caso em particular. O batismo constituía o ritual de entrada da criança na comunidade católica, configurando-se como um sacramento que trazia alívio espiritual na hora da morte, para as crianças que morriam prematuramente (Pires de Almeida, 2015). Nesse aspeto, a cor branca aludia ao seu estado de pureza, sendo que adquiria o estatuto de “anjinho”.

Nesse aspeto, proporcionava-lhes um enterro “mais alegre”, simbolizado pela cor branca, que aludia ao seu estado de pureza. Através dele, adquiriam o estatuto de “anjinhos”. Ao contrário destas, as que morriam sem a atribuição desse sacramento eram qualificadas de “desgraçadas”, de acordo com a mesma autora (Pires de Almeida, 2015, p. 43), que escreve: “Não só lhes era vedada a porta do paraíso como não eram enterradas em solo sagrado.” (Pires de Almeida, 2015, p. 43). As crianças falecidas sem esse sacramento são consideradas,

por conseguinte, pagãs e a crença é a de que “o primeiro sacramento garantia ao neófito morto a sua entrada no reino celestial. [...] Concedia-lhes um local de enterramento digno, um cerimonial fúnebre, e uma entrada no paraíso.” Neste aspeto, Santo Agostinho, que considerara que o batismo visava eliminar o pecado original do recém-nascido, “desenvolveu a ideia da incontornável condenação das crianças não batizadas ao inferno”, pelo que o batismo assume essa configuração de ritual protetor, de valor salvífico da influência do diabo, que detinha as almas dos bebés que o não possuíam (Pires de Almeida, 2015, p. 44). Como refere ainda a mesma autora: “Nem mesmo as que morriam e que não iam a tempo de receber o batismo de ‘extrema-necessidade’ estavam livres desta imputação.” Elas não estavam, pois, livres da imputação de serem consideradas pagãs. Por consequência, “estavam, à partida, privadas dos direitos do funeral cristão.” (Pires de Almeida, 2015, pp. 45-46).

Evocando, novamente, o já mencionado Concílio de Braga, de 561, no seu artigo 17º é sublinhado que “os catecúmenos que morriam sem batismo não tinham direito a uma comemoração na oblação, nem os seus corpos podiam ser sepultados com salmos.” (Pires de Almeida, 2015, p. 46). Os teólogos católicos desenvolveram, conseqüentemente, o conceito de limbo das crianças, que configurava o local reservado, no além, a estas almas que permaneciam por batizar, mantendo-se, no entanto, a distinção anterior de crianças batizadas e não batizadas. Este lugar intermédio suscita, no entanto, nos pais um novo receio: o da assombração, ou seja, o de que as crianças, insatisfeitas, se tornassem almas errantes (Pires de Almeida, 2015, p. 46). Em consequência, no século XIX, surgiu o denominado “batismo da meia-noite”, no Alto Minho e Trás-os-Montes, aplicado sobre o ventre da mulher cujo bebé pudesse não sobreviver, decorrente à hora que lhe dá o nome e no rio (*ibidem*).

As demais crianças, em situação dita regular, eram consideradas “anjinhos”, tendo direito a um funeral e missa, num ritual que se revestia de alguma serenidade, relacionada com a perfeição, inocência do seu ser puro que partia. O ritual de sepultamento desses “anjinhos” era realizado de acordo com os preceitos pré-determinados (Pires de Almeida, 2015, pp. 47-48), os quais entregavam a criança a Deus nesse espírito. As imagens incluídas acima, que testemunham a realização deste tipo de cerimónia, demonstram bem que as cores festivas, como o branco, substituem o negro, no funeral da criança batizada. Contrariamente, o destino das crianças “pagãs”, ou seja, daquelas cujos pais não foram a tempo de batizá-los, era diferente. Estas não são consideradas “anjinhos”, sendo o seu funeral despojado dessa

“alegria” e revestido mesmo de alguma obscuridade (Pires de Almeida, 2015, p. 51). Como conclui Pires de Almeida (2015, p. 52):

[...] Só após a reforma litúrgica estabelecida pela Constituição Sacrosanctum Concilium de 25 de maio de 1969, é que uma missa fúnebre para os não batizados foi criada. A leitura do salmo 24 (25) ‘Aliviai a angústia do meu coração e livrai-me dos meus tormentos’ ou a do Livro das Lamentações ‘A misericórdia do Senhor não fim, não tem limites a sua compaixão’ (Lam 3. 22-26) assegurou por assim dizer um maior alívio para os pais. E não há muito tempo atrás é que a felicidade eterna para as crianças sem o batismo foi aceite pela Igreja quando, em 2007, o papa Bento XVI aprovou o documento A esperança de salvação das crianças que morrem sem serem batizadas.

2.3. O Luto no passado na freguesia dos Canhas

No passado, quando alguém morria, o luto era um elemento exterior muito importante na vivência da morte e no modo como se lidava com a mesma. Quando o marido morria, a viúva mantinha o luto a vida toda ou até casar novamente. As filhas também usavam o luto completo durante cerca de seis meses a um ano:

“A minha mãe andou 12 anos, mas as viúvas era assim o resto da vida, só se casassem deixavam o luto.” E1

“(...) eu andei um ano fechada de preto para ir à missa, para andar em casa foram seis meses, nem os braços podíamos andar a descoberto.” E1

“No luto, as filhas vestiam-se de luto, até de casaco andavam em casa, com calor ou sem calor e com o lenço na cabeça, se não fosse assim eram criticadas.” E2

“A viúva andava o resto da vida assim; se ficassem viúvas aos 20 anos, andavam o resto da vida de luto há muitos anos atrás” E2

Na figura 20, é possível observar o luto das mulheres, um luto carregado, em que nem os braços se podiam mostrar. Também se colocava um lenço na cabeça, em sinal de respeito:



Figura 20: O luto usado pelas mulheres dos Canhas

(foto gentilmente cedida por uma das entrevistadas)

Já o luto dos homens compreendia o uso de uma faixa negra no braço, que poderiam usar durante um ano:

“Os homens cortavam um pedaço de pano preto e coziavam no casaco, às vezes usavam durante um ano.” E2

“O luto dos homens era levar o punho do casaco para cima ou no funeral punham o casaco em cima da cabeça (...)” E8

Quando o morto tinha idade inferior a 15 anos, não se fazia o luto. Como referido anteriormente, as pessoas vestiam-se de branco no funeral das crianças, porque, para além desta cor simbolizar a sua pureza, através dela, a criança adquiria o estatuto de “anjinho”, de acordo com o seu estado natural de pureza. Tendo já recebido o sacramento do batismo, que garantia a sua entrada no reino dos céus, ela estava preparada para entrar nesse paraíso (Pires

de Almeida, 2015, pp. 43 e ss.). Como tal, o ritual estava associado a uma certa **alegria**, repetida, aliás, pelo repique dos sinos, cuja musicalidade não era sombria, mas celebrativa. Todo o ritual repete a simbologia da entrega da criança com a alegria a Deus, havendo, em razão disso, a sua associação à cor branca, festiva e pura. Os testemunhos seguintes referem-se, precisamente, a esta questão:

“As crianças, se tivessem uns 15 anos já tinham um vestidinho preto, mas se fosse mais pequenina já não punham luto.” E2

“Quando morria uma criança não se punha luto. Eu tive uma prima que lhe morreu uma pequena e ela não tinha roupa branca, então eu até lhe emprestei uma blusa branca (...)” E2

“Se fosse criança não havia luto, só se fosse uma já com uns 15 anos.” E8

Na figura 21, é possível observar a procissão de um funeral, onde se pode perceber tratar-se de um funeral de alguém jovem ou de alguém solteiro pela predominância de roupas brancas:



Figura 21: Pormenor de um funeral de uma pessoa nova ou solteira nos Canhas

(foto gentilmente cedida por uma das entrevistadas)

Uma das tradições associadas ao tempo de luto prende-se com o grau de parentesco com o morto, sendo que as viúvas eram aquelas em que o tempo de luto era mais prolongado, muitas

delas para a vida toda. De acordo com os testemunhos recolhidos, a tradição era realizada da seguinte forma:

“Havia uma lei, quer dizer, não era lei, era uma tradição, era um costume, o pai era um ano e meio, mãe era um ano, avós eram seis meses, tio três meses, prima mês e meio.” E6

“O luto, se fosse por um pai ou mãe, era um ano e meio, as filhas um ano todas vestidas de luto e o resto preto e branco para ir aliviando o luto. As mulheres que eram viúvas aguentavam dois, três, quatro anos e algumas aguentavam a vida toda” E8

As próprias casas eram representativas da fase de luto pelo qual a família estava a passar. Desta forma, as janelas e portas encontravam-se fechadas durante esse período, sendo que nem música se ouvia, por uma questão de respeito e pesar:

“Nas casas ninguém abria as janelas nem deixava as portas abertas, uns seis meses. Nem música nem rádio (...)” E1

Howarth e Leaman (2001), referem que existem várias abordagens relativamente ao significado do luto, mas todas tendem a considerar o luto como fundamental para a ordem social. As experiências de luto e de perda constituem uma parte normativa e inseparável da vida. O luto é visto, nos Canhas, como a exteriorização de um sentimento e, igualmente, um ato de respeito para com o defunto e para com a sua família.

O luto era usado como um sinal de sentimento, as pessoas, quando viam alguém, diziam “Olha, quem foi que morreu?” e as pessoas diziam “Foi o meu pai, a minha mãe” (...) E4

“A questão do luto atravessa gerações, há um respeito da família quer na maneira de vestir, na maneira de socializar, depende muito do contexto. Agora é um luto mais privado, antes havia mais exteriorização.” E5

“O luto era vivido com mais sentimento para o exterior, eu acho que muitas vezes era mais para as pessoas não serem criticadas pela sociedade, as pessoas davam muito valor ao que os outros iam pensar.” E7

2.3.1. Mitos e crenças sobre a morte

A morte, por estar largamente relacionada com a ideia do desconhecido, surge muitas vezes associada a crenças, que evocam a sua presença. Segundo Durkheim (1996), as crenças constituem uma expressão do sagrado e os rituais uma forma de fortalecer a união de grupo, porque assinalam a convergência entre o indivíduo e a sociedade na qual ele se insere, fortalecendo a ideia de pertença à mesma (Mergulhão, 2020, p. 24). Estes rituais estão relacionados com o estreitamento de laços, com a partilha e a ideia de coesão social. Na freguesia dos Canhas, também se verificam essas crenças sobre a morte. Nela, certos animais que evocam essa experiência, como é o exemplo das borboletas noturnas, as corujas e do uivar dos cães. Para os seus habitantes, a presença desses animais em redor das casas simboliza que a própria morte está por perto ou que é concreta a possibilidade de alguém morrer:

“As borboletas pretas dentro de casa à volta das luzes era sinal que alguém ia morrer e normalmente morria alguém conhecido.” E1

“As corujas também é sinal, mas já começam a agoirar uns três meses antes.” E1

“Ou uma coruja a cantar, embora não acredite, mas não gosto.” E7

“Quando os cães uivavam, diziam que ia morrer alguém (...)” E7

Quando estas manifestações eram notadas, os residentes, movidos por um sentimento de superstição que passava de geração em geração, tomavam algum tipo de precaução para afastar a presença da morte:

“Quando os cães uivavam, diziam que ia morrer alguém, então virávamos um sapato ao contrário, que era para evitar essa desgraça, ainda faço isso hoje em dia, porque a minha mãe ensinou a fazer isso.” E7

Uma das crenças mais comuns era a das “feiticeiras”, associada àquelas pessoas que, estando moribundas, demoravam a morrer. Acreditava-se, deste modo, que a pessoa era uma feiticeira e que, por isso, tinha de deixar o seu “mando” a alguém antes de morrer:

“Diziam que havia as feitiçeras, mas isso é mentira. Quem [estava] quase a morrer dizia: “Anda, anda” e punham a mão na outra pessoa e a outra já ficava com o mando (de feitiçera) e pronto, depois já morria, já tinha deixado o mando.” E4

“Quando a pessoa custava a morrer e achavam que era feitiçera, davam uma vassoura, que era para ela deixar o mando. Agora não falam nisso, mas antes era assim e depois pegavam lume na vassoura.” E6

Também se acreditava que era possível saber o que a pessoa estava a visualizar momentos antes da sua morte, dependendo do lado para o qual a sua cabeça se voltava. Se estivesse voltada para o lado direito, essa pessoa poderia estar a visualizar o Céu ou entidades celestes; se estivesse voltada para o lado esquerdo, a pessoa poderia estar a visualizar o Inferno. A dualidade bem/mal levava a que se aplicassem determinados rituais, sobretudo no caso em que se tratasse de entidades malévolas. Nesta circunstância, a pessoa era benzida com água benta, para assim ser afastada do caminho do mal, com o qual aparentava cruzar-se. A bênção com água benta era largamente aplicada, dada a convicção de que a sua aplicação teria efeitos sobre o afastamento do mal. Acreditava-se, ao mesmo tempo, que a pessoa que conseguisse sobreviver à que aparentava ser a sua última hora, teria muitos anos de vida pela frente, uma vez que conseguira ludibriar a morte:

“(...) quando as pessoas estavam quase a morrer e viravam a cabeça para o lado direito é que estavam a ver alguma coisa boa, se viravam para a esquerda é que estavam a ver o demónio, as pessoas iam lá e deitavam água benta e rezavam orações como o “Creio em Deus Pai.” E1

“Também quando a pessoa estava a morrer, deitavam um pouco de água benta para baixo da cama, que diziam que era para afugentar o que era mau.” E6

“Também dizem que quando uma pessoa é dada por morta e não morreu, vive muitos mais anos. (...) Quando o funeral vai torto, vem outro em breve. Morre um solteiro, vão sete atrás.” E4

Em termos de rituais, sem dúvida que o mais referido é o de que, no momento da partida, a família reunia-se em casa, havendo inclusivamente momentos em que se pedia perdão àqueles com quem se tinha falhado em vida, para que a partida fosse feita em paz:

“Eu lembro-me que às vezes as pessoas, parece que esperavam que a família estivesse toda reunida para partir.” E1

“As pessoas quando estavam a morrer às vezes também pediam para ir chamar alguém para pedirem perdão (...)” E1

Outro ritual que vale a pena destacar prende-se com a Visita Pascal, popularmente denominada como Visita do Espírito Santo, muito vivida na freguesia. No ano em que alguém morria, a esmola que a família enlutada oferecia à igreja era recebida solenemente, sem qualquer tipo de festejo, em sinal de respeito e pesar para com o ente querido.

“Quando morria alguém, também quando passava o Espírito Santo com as saloias, nessa casa entravam e recolhiam a esmola, mas não cantavam nessa casa, pelo menos no ano que tinha morrido alguém.” E7

2.4. Mudança e razões para a transformação

Através do processo de entrevista, procurámos também averiguar se houve alguma alteração significativa entre os antigos rituais fúnebres e de luto que foram sendo tradicionalmente praticados e os que hoje estão instalados entre a população. As respostas dadas a esta questão permitem perceber que, ao longo do tempo, foram sendo introduzidas muitas alterações às práticas anteriores que vimos descrevendo.

O que permanece inalterável, naturalmente, é a associação dos rituais fúnebres e da morte à dor, sofrimento. Considerando tratar-se de uma experiência de perda extremamente pessoal, que ocorre em circunstâncias muito diversas, a questão da consciência da finitude, mesmo sendo constitutiva da existência humana, continua a ser vivida de um modo paradoxal. As pessoas encaram-na de forma natural, mas, ao mesmo tempo, nunca estão preparadas para a aceitar a sua ocorrência. Os dois testemunhos apresentados parecem, efetivamente, reunir esta contradição nas suas palavras:

“Eu acho que o encarar a morte era igual. Olha, a gente nasceu para morrer. Eu acho que é mais ou menos.” E6

“Nunca ninguém [está] preparado para aceitar a morte. Acho que continua igual, a maioria não aceita a morte.” E4

Há alguns rituais fúnebres que permanecem inalterados. A recitação do terço, a observação do luto, a aplicação dos sacramentos, ainda hoje são mantidos, sobretudo entre os praticantes religiosos. Houve, no entanto, algumas alterações na forma da sua realização. Estes passaram a ser menos públicos, mais reservados à família, menos vividos em espírito comunitário, como eram vividos antes. Sendo mais voltados para a domesticidade, naturalmente que há uma maior consideração pessoal pela pessoa falecida acima de tudo, por aquilo que seriam os seus desejos e pela salvaguarda das suas vontades, na realização deste cerimonial. Alguns testemunhos assinalam a manutenção da reza do terço com a família do defunto, a referida observação do luto, mas assinalam o distanciamento que se verifica nestas ocasiões entre as pessoas. Neste caso, os elementos religiosos que são mantidos são a recitação do terço, o acompanhamento da família no velório, embora com um maior distanciamento:

“Estas coisas que falamos da parte da casa já não se vê nada ou quase nada, tirando aquela parte que algumas pessoas ainda vão a casa da pessoa que morreu rezar uns dias.” E8

“As pessoas ainda vão a casa das pessoas rezar, a casa do morto, mas também já ouvi dizerem: “É que é o costume agora, senão não abria a porta”. As pessoas precisam estar sozinhas, mais reservadas, a viver a sós a dor da perda (...)” E7

“Daquilo que eu conheço destaco dois rituais, o vestir de luto e ir rezar a casa do defunto.” E5

“Ainda há famílias que rezam o terço em casa uns dias, mas de resto já não se vê nada.” E2

As diferenças entre os rituais de antigamente e os de hoje em dia são, nas palavras dos entrevistados, acentuadas. Em primeiro lugar, já quase ninguém morre em casa. Graças ao melhoramento assistencial ao nível da saúde, as pessoas que se encontram doentes são

encaminhadas para hospital e, geralmente, morrem no hospital. Assim, rituais como o das candeias e o da reunião pela noite fora para velar o morto em casa da família enlutada, perderam-se. Os entrevistados consideram que se perdeu um espírito de união muito forte entre a comunidade, uma vez que, anteriormente, os vizinhos tinham uma participação muito ativa nestes rituais e, inclusivamente, encontravam formas de evitar que a família ficasse só, para que se sentisse apoiada durante todo o processo de morte.

“As pessoas morriam quase todas em casa, quase ninguém morria no hospital.” E1

“As pessoas morriam em casa na paz, juntava-se a vizinhança e a família, o quarto cheio de gente vendo eles ir na paz de Deus Nosso Senhor.” E2

“O povo antigo era mais unido, havia mais alegria, passávamos uma tarde de domingo debaixo de uma laranjeira a contar histórias; hoje em dia é diferente, é cada um na sua casa e Deus na casa de todos” E2

“As pessoas combinavam e iam umas numa hora e outras noutra hora, de modo a família não ficar só, ficava sempre alguém dia e noite enquanto a pessoa não morria.” E1

Atualmente, o funeral deixa de estar a cargo da família, estando essa tarefa sob a responsabilidade das agências funerárias, que tratam de todas as fases dos rituais fúnebres, desde o hospital até ao enterro no cemitério.

“(…) com o passar dos tempos (…) passou a obedecer a outros critérios com a participação das agências funerárias.” E5

Com esta mudança de paradigma ao nível da realização dos rituais fúnebres, muitos dos antigos costumes foram naturalmente caindo em desuso, tornando todo o ritual mais familiar e recatado, associado ao pesar, em vez de uma exteriorização muitas vezes exagerada, à semelhança das antigas carpideiras.

“O que foi tirado dos funerais foi a gritaria que se fazia dentro do cemitério. Gritavam de tal maneira que se ouvia longe, às vezes nem era chorar, era gritar, diziam cada asneira (…) as pessoas agora já não fazem isso, já há outra civilização, outras maneiras.” E2

“(...) agora vão para a capela, que agora já tem hora de fechar.... Juntava-se a família e os vizinhos a rezar e a ler, agora com as capelas mortuárias, tudo é diferente.” E6

“Já em 90 começou a mudar, as agências começaram a arranjar o transporte, porque a Câmara não tinha capacidade de resposta para todo o concelho, era só um carro. Imagina, havia um em cada freguesia, era complicado, depois cada agência teve o seu carro próprio. A partir daí começou a evolução dos rituais, nem diria evolução, diria mais o desaparecimento dos rituais.” E7

A grande emigração para a Venezuela é vista, de igual modo, como um fator determinante na transformação dos rituais, tendo-se introduzido novos costumes na freguesia dos Canhas:

“O costume de ir rezar a casa foi um costume que veio da Venezuela, fazer o novenário, as pessoas que estavam na Venezuela ou que tinham família na Venezuela é que começaram a rezar o terço em casa os nove dias (...)” E4

“Agora avessaram se alguém morre no hospital, depois dele se enterrar irem a casa do morto rezar oito dias, parece que foi um costume que veio da Venezuela e ao fim dos oito dias costumam dar bebidas e doces.” E8

“Iam a casa rezar o terço durante nove dias. Esse costume veio da Venezuela.” E3

“(...) depois passaram a rezar nove dias na casa do morto, foi o costume que veio da Venezuela tem uns 25 anos. Antigamente não me lembro disso acontecer.” E1

2.5. A atualidade nos Canhas

Como se depreende da análise realizada, a evolução social teve repercussões sobre a forma como os rituais hoje se realizam. O contacto da população com outros meios / contextos da emigração, o meio escolar, o do trabalho, com a integração da mulher no mercado de trabalho assalariado de forma progressiva ao longo das décadas, levou a que também esses rituais fossem encontrando novas práticas, de acordo com o tempo e conhecimento disponíveis também. As próprias pessoas expressam que havia uma certa pressão social para que o luto se mantivesse durante um período longo e que, atualmente, as pessoas não têm a disponibilidade que tinham para acompanhar as cerimónias, atribuindo-lhes assim menos

valor. Também referem que é a família, mais do que a comunidade, quem assume a condução do processo fúnebre, ao contrário do que acontecia anteriormente:

“As pessoas também foram estudando e deixaram de dar valor e acreditar nalgumas coisas, por exemplo, porque se fazia o luto tanto tempo, será que valia mesmo a pena?” E1

“Com a modernização, com a falta de tempo, há pouca disponibilidade para acompanhar, por isso as cerimónias religiosas são mais breves, não ultrapassam uma hora.” E5

Como referido no ponto anterior, todo o processo fúnebre era tratado pela família e pelos vizinhos. Atualmente, essas tarefas são delegadas aos agentes funerários, pelo que o funeral se inicia no hospital, dirigindo-se posteriormente para a capela mortuária ou igreja da freguesia onde é celebrada a missa, seguindo-se finalmente para o cemitério.

“Hoje em dia é tudo quase tudo fora de casa, ainda há um caso ou outro que a pessoa fica doente em casa e ainda chamam o senhor padre para dar os sacramentos. Depois (...) vai para o hospital para morrer, ou se morre em casa, só fica umas horas e vai para a morgue do hospital ou para capela que tem ao pé do cemitério e da igreja.” E1

“O funeral já vem do hospital diretamente para a igreja, o senhor padre já não vem a casa, é tudo à pressa.” E2

“A família é que tratava do funeral e da sepultura, agora não, a família dá autorização e a agência é que trata de tudo, hospital, conservatória, a Câmara, o senhor padre. Agora a família só tem de escolher a urna e estar à hora combinada no hospital para fazer o cortejo fúnebre até à capela.” E4

“Grande parte das pessoas vão morrer ao hospital, a família junta-se com a agência funerária na porta do hospital (...)” E5

Hoje em dia, a urna fica aberta na capela mortuária, onde as pessoas depositam flores em sinal de respeito e dão os pêsames à família, não ficando muito tempo a velar o corpo, como

anteriormente acontecia. Passou-se de rituais marcados pela exteriorização de sentimentos de dor para o recolhimento e a contenção em termos de manifestações de pesar:

“O caixão fica umas horas aberto na capela e as pessoas vão lá ver e dar os pêsames à família.” E8

“Agora já temos muitas floristas, se não levar flores é um pobre. Antigamente as pessoas mandavam fazer um ou dois ramos e o restante era feito com flores recolhidas na vizinhança.” E7

“Hoje em dia se o funeral é às 4 horas, a família só vai para a capela à 1 hora, já querem ficar mais sós, é um luto reservado” E7

Na figura 22, também é possível observar os participantes da cerimónia levarem flores para prestar uma última homenagem à pessoa falecida:



Figura 22: As flores nos rituais fúnebres da atualidade

(foto gentilmente cedida por uma das entrevistadas)

No que diz respeito ao acompanhamento do funeral, se anteriormente a procissão era realizada a pé a partir da casa do defunto até ao cemitério, atualmente é realizada de carro,

em marcha lenta, desde o hospital até à igreja /capela mortuária da residência e posteriormente até ao cemitério:

“Quase sempre o funeral vem do hospital, quem pode vai ao Funchal à capela do hospital, quase sempre vai a família e as pessoas mais chegadas, fazem o cortejo com os carros, eles vêm devagar pela via rápida, os carros vêm com os piscas ligados, toda a gente respeita os carros do funeral.” E6

“Hoje em dia, os funerais são mais pequenos, as igrejas já não ficam tão cheias. O funeral sai da capela do hospital e vem de carro até à capela da paróquia, vem os carros a acompanhar.” E8

Na figura 23, é possível observar um desses cortejos fúnebres:



Figura 23: Cortejo fúnebre, nos Canhas, nos anos 90

(foto gentilmente cedida por uma das entrevistadas)

Na foto acima, além do pormenor dos carros a acompanhar o funeral, verifica-se que algumas das pessoas que participam do cortejo fúnebre não se encontram vestidas de preto, confirmando-se, assim, as mudanças nos rituais ao longo dos tempos. Se antes era normal trajar de luto carregado, sobretudo por parte das viúvas que usavam preto até ao fim da sua

vida, atualmente o luto é, muitas vezes, colocado apenas no dia do funeral, por respeito à pessoa e à sua família. No núcleo familiar, e em particular no que concerne às viúvas, o luto já não é tido como socialmente obrigatório:

“Acho que já não se faz quase luto comparado com antigamente.” E1

“Agora já é diferente, as mulheres andam dois ou três meses e acabou e as filhas põem o luto no dia do enterro e acabou. Antes era um ano / um ano e meio (...)” E2

“O luto era uma coisa muito respeitada, as mulheres só voltavam a tirar o luto se voltassem a se casar, agora já é uma coisa demais, tiram quase logo a seguir, nem sequer vestem uma coisa mais escurinha, o luto era uma coisa muito respeitada” E4

“O luto hoje em dia, já não se dá tanto valor ao luto; enquanto antes era a roupa preta que se usava antes, agora já as pessoas não dão tanto valor, agora é mais o sentimento que a pessoa tem.” E8

Uma questão importante a referir é a das redes sociais, cuja influência é reconhecida nos testemunhos recolhidos. As condolências e o pesar acabam por ser manifestados através desses meios digitais, num sinal dos tempos atuais. As redes sociais mudaram a forma como se lida com a morte e com o luto, ampliando os círculos em que este último processo decorre, bem como a sua exposição, inclusive mesclando o que é pertença da esfera privada com o que é do domínio público. Nas diversas redes (Twitter, Facebook, etc.), o diálogo sobre a morte é variável (Nieto, 2016). Este compreende o discurso encomiástico, o debate eventualmente fútil, bem como o sentimento mais profundo, sem nunca deixar de ser exibicionista (exceto no caso em que as manifestações constituem reserva do âmbito privado). O limite de caracteres pode não ser amigo de sentimentos profundos e a concisão pode tendencialmente promover a impessoalidade, mais do que a proximidade. O que se percebe, sem dúvida, dessa convivência entre o que se passa no mundo real e o que se manifesta no digital é que, em período de pesar e luto, a manifestação tem que ser humana, empática, mas não necessariamente exibicionista, porque, afinal, ela veio para ficar:

“Agora já há outras formas de expressar o luto, por exemplo agora com as redes sociais e com o Facebook, as pessoas escrevem muitas vezes uma frase, uma

homenagem à pessoa que morreu, alteram a sua foto de perfil para um fundo escuro ou escrevem a palavra “Luto” (...) E7

Com o passar dos tempos, as novas gerações começaram a ser afastadas dos rituais fúnebres, criando-se nelas um modo diferente de encarar a morte, inclusive o de rejeitar todos os pensamentos acerca da mesma e ainda a existência de um crescente desinteresse pelos rituais fúnebres, quer os do presente, quer os do passado. As crianças deixaram também de participar nos funerais, num esforço dos mais velhos em afastá-las desta realidade.

“Acho que hoje em dia tentamos não pensar na morte, as pessoas preferem pensar que isso não vai acontecer.” E1

“(...) muitos não querem que lhes fale da morte, é uma questão adiada, é quase uma questão pessoal, enquanto no passado era mais uma questão comunitária.” E5

“Hoje em dia as crianças quase não vão aos funerais, raramente se vê uma criança no funeral.” E1

“Agora já não vemos, escondem muito das crianças essas coisas, os pais resguardam muito. Num futuro próximo será ainda pior, certamente os funerais serão só para a família.” E7

“As crianças quase não vão aos funerais, muitas vezes ouvimos “Ah, o meu filho não vai ao funeral, ele é muito pequeno, isso é um choque para ele, ele vai ficar traumatizado” E4

A comunidade da freguesia dos Canhas é predominantemente católica, pelo que os seus rituais fúnebres sempre foram realizados de acordo com os preceitos da mesma religião. Os testemunhos recolhidos indicam, no entanto, que, de acordo com a gradual secularização da sociedade e conseqüente diminuição das práticas religiosas, a generalidade da população foi mostrando menos interesse por essas manifestações, uma questão particularmente visível na sua menor participação no ritual eucarístico:

“A igreja sempre esteve presente de uma maneira ou outra na vida das pessoas. Desde pequenas que íamos à missa, não é como agora (...)” E1

“Enterros de outras religiões, não me lembro, era essencialmente a religião católica.” E4

Independentemente dessa menor participação, a religião católica é ainda considerada como um porto de abrigo, tanto para quem parte como para a sua família, servindo de conforto, esperança e companhia:

“Uma das missões mais gratificante para mim é a de acompanhar os idosos e depois vê-los partir, acompanhados pela família, acompanhados pela oração.” E5

“A igreja católica sempre esteve presente na vida das pessoas, desde quase que nasciam até morrerem, a morte era sempre feita com oração e o padre ia sempre a casa.” E8

Mais recentemente, começaram a aparecer outras religiões na freguesia, nomeadamente a religião evangélica e as testemunhas de Jeová. Sobre esta última, e relativamente aos rituais fúnebres, os entrevistados referem:

“Eu sei que nas testemunhas de Jeová não tem padre, eles vão só ao cemitério com o pastor e fazem umas leituras da Bíblia à beira da cova.” E2

“(…) mas há alguns das testemunhas de Jeová, não levam o Cristo na cruz no caixão nem véus com símbolo de cruz, pode ter desenhado uma pomba ou uma flor. O pastor faz uma celebração à beira da campa e fala da pessoa falecida e depois vai a sepultar.” E4

As denominadas “caixas das almas” são repositórios estabelecidos para depositar ofertas de valor monetário em benefício das almas do purgatório. Elas contêm donativos ou contribuições modestas que são atribuídas pelos fiéis de forma regular, que depois também são recolhidas regularmente. Há neles uma vertente de dedicação às almas dos que partiram, talvez semelhante à prestada nos cemitérios ou mesmo no Dia dos Fiéis Defuntos. Como denota o testemunho recolhido, o donativo destinado às missas faz parte de uma tradição popular, muito embora nem todos os membros desta classe mantivesse escrupulo no seu respeito, quando violado o conteúdo desses repositórios.

“A caixa das almas que tá lá em baixo, as pessoas deitavam dinheiro que era para missas pelas almas, mas eles roubavam muitas vezes; tinha uma pessoa encarregue

de tirar o dinheiro, mas eles roubavam na mesma. As pessoas passavam na estrada e deitavam uma esmola, as pessoas sempre tiveram devoção às almas. Era tirado dinheiro para celebrar as missas pelas benditas almas do purgatório.” (E3)

“Falando nas almas, também as pessoas tem devoção às almas e na caixinha das almas deitam a sua oferta. Quando o correio era do outro lado, as pessoas deitavam mais dinheiro, agora que mudou para este lado, as pessoas passam menos lá e há menos dinheiro. As pessoas iam levantar o dinheiro da reforma e depois sempre deitavam uma esmolinha, agora já não passam lá. Depois era celebrada uma missa pela intenção das pessoas que deram a esmola.” (E4)



Figura 24: Caixinha das almas, localizada na estrada regional 222

O Dia dos Fieis Defuntos, Dia das Almas ou Dia dos Mortos (2 de novembro), realizado globalmente no mês de novembro de cada ano, ocorre um dia depois do denominado Dia de Todos os Santos, 1 de novembro. Atualmente, comemora-se os dois dias nesta última data, que constitui um feriado ainda consagrado no calendário. Essa tradição foi determinada pela igreja católica para que houvesse um dia de oração pelos que partiram e estes não pudessem ser esquecidos e se pudesse ainda rezar pelos seus pecados. Como reportado pelo testemunho, nesse dia, são celebradas missas em memória dos falecidos no ano corrente. No presente, essa cerimônia voltou a ter lugar no cemitério, local onde também decorre a colocação de flores nas sepulturas dos entes queridos, com uma grande adesão popular.

“No dia das almas, as pessoas costumam ir à missa quase sempre. Lembro-me que no tempo do Senhor Padre Miguel, ele dizia o nome de todas as pessoas que tinham morrido nesse ano e fazia uma oração. A missa passou a ser feita há uns 15 anos dentro do cemitério, ninguém ia à missa sem ser de preto e quem não ia de preto levava uma roupa escura. No dia das almas, as pessoas iam muito à missa, a missa nesse dia era sempre cedo para dar tempo às pessoas para poderem ir para casa fazer o seu dia de trabalho.” (E4)



Figura 25: Pormenores da missa celebrada ao amanhecer no dia dos fiéis defuntos no cemitério

As mudanças estruturais da sociedade, como já havíamos mencionado na nossa Introdução, alteraram o modo como as pessoas se relacionam com a morte. No caso dos funerais, isso é notório. A disseminação da informação através dos meios de comunicação de massa já não acontece por meio dos jornais (poucos são os que os leem e se o fazem, fazem-no recorrendo ao seu formato digital), rádios (também elas estenderam a sua influência para o mesmo mundo digital), estações de televisão (não são o meio privilegiado para a disseminação da informação de proximidade), mas sim através da *internet*. Neste caso, as redes sociais como o *Facebook* é aquele que mais rapidamente faz chegar a uma grande quantidade de recetores locais a informação do funeral, instituindo uma dinâmica de partilha muito pouco tradicional. De tal forma assim é que nem mesmo as condolências ou homenagens a quem partiu são prestadas pessoalmente, mas sim através da postagem de mensagem ou fotos na rede, conforme corrobora o testemunho citado.

“A rádio, ainda houve quando a rádio estava aqui, quando deixou de haver rádio na freguesia, o pessoal deixou de ouvir e deixou-se de publicar. E agora é o Facebook... em 30 anos mudou tanto como eu penso que em 100 anos nada mudou.” (E7)

“Agora já há outras formas de expressar o luto, por exemplo agora com as redes sociais e com o Facebook, as pessoas escrevem muitas vezes uma frase, uma homenagem à pessoa que morreu, alteram a sua foto de perfil para um fundo escuro ou escrevem a palavra “Luto”, são maneiras que as pessoas encontram para se expressar, não podemos dizer que é melhor ou pior, são tempos diferentes”. (E7)

Relativamente aos cemitérios, também foram observadas várias mudanças ao longo dos tempos. Antes, havia maior ostentação no adorno das campas. O testemunho seguinte confirma que o gradeamento de ferro, utilizado como se construísse uma nova moradia para quem é sepultado, estava muito presente e ia sempre sendo aumentado, mesmo quando se tratasse de pessoas pertencentes à mesma família. A falta de espaço obrigou a que as pessoas da família acabassem por ter que partilhar uma sepultura em comum. Apesar disso, existindo uma distinção de classe social, na qualidade dos adornos e no cuidado crescente com a aparência das campas, essa foi-se tornando cada vez mais evidente, como ainda hoje é.

“Eu acho que as coisas mudaram muito, mas mesmo muito, por exemplo se formos comparar os cemitérios, durante muitos anos houve no cemitério as galerias de ferro, tem algumas com mais de 50 anos, a seguir como era muito, muito ferro no cemitério, por vezes nos funerais para passar com o caixão até era difícil passar entre uma e outra, agora e conforme vão sendo retiradas, já não é repostos. Há pessoas que a família tem campa própria, agora não é assim. As pedras de mármore pode ter uns 15 anos, mas a organização é a mesma, só se for de familiar, às vezes fica no mesmo.” (E7)

“Não tinha campas, não havia campas, depois apareceu umas varandinhas, mas isso não era para toda a gente, isso era para quem era mais rico, normalmente era para aquelas pessoas que compravam aquele pedacinho de terra, sempre foi assim. Essas campas de ferro foi mais tarde.” (E3)

“As placas, não havia naquele tempo, essas placas penso que no tempo da minha mãe ainda não tinha, há uns 40 anos atrás não tinha nada daquilo assim, como é que se diz, as campas. Depois é que começaram essas pedras, como é que se diz isso, as placas. Quando a minha irmã morreu há cinco anos em maio, uma pedra era 650 euros, então eu disse à minha sobrinha: “Então se a gente há-de dar 650 por uma pedra, é melhor esse dinheiro ser para missas.” (E3)



Antes

Agora

Figura 26: Cemitério na década de 90 (esquerda) na atualidade (direita), notória a mudança visual no tipo de lápides.

Nesses mesmos cemitérios, para as crianças, (figura 27) estavam reservadas parcelas mais pequenas de terra, cuja dimensão estava de acordo com a sua pequenez aquando da morte. Elas têm também a ver com a necessidade de sinalizar a diferença entre elas, inocentes, e os adultos, considerando-se importante manter essa divisão.

“No cemitério sempre tinha um pedacinho mais pequeno para enterrar as criancinhas, ainda hoje em dia se vê. Não era do tipo aqui enterrou-se uma pessoa grande, ao lado enterrava se uma criancinha. Não! Eles tinham sempre um cantinho no cemitério; ainda hoje em dia a gente vê lá um cantinho mas pequenino.” (E3)



Figura 27: Pormenor de um dos espaços do cemitério onde ficam sepultadas as crianças “os anjinhos”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observaria já Aristóteles (Sobre a alma), o conceito de vida estaria associado à matéria e à forma. Outros, depois dele, refletiram sobre esta matéria, constatando a sua inerente complexidade e polissemia, que resulta primeiramente do ângulo adotado na sua abordagem. Direito consagrado na “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, a vida convoca o seu contrário: o conceito da morte. Este seu oposto vincula-se à ausência de matéria e de forma. Esta ideia perpassa por algumas das perspectivas que, ao longo do tempo, vieram a influenciar este mesmo conceito. Seria o caso, por exemplo, da perspectiva religiosa e filosófica.

Para além dessa perspectiva, também as perspectivas científicas e biológicas foram responsáveis por desencadear no ser humano o desejo de desvendar o mistério da morte. Revestindo-se de igual complexidade, o conceito de morte depende de tais perspectivas e está sujeito ao tempo, tendo evoluído particularmente na segunda metade do século XX, de acordo com critérios de natureza médica, amplamente por nós descritos, ou critérios de natureza social, quando é ponderado o desempenho do indivíduo a este nível (atividade/inatividade). Em qualquer dos casos, está presente a aproximação da ideia de fim, do fim concreto da vida, do que é considerado o fim útil da vida.

Um facto incontestável é que o conceito da morte está inevitavelmente presente durante toda a vida, pois esta não existe sem o seu contrário. Também muito presente é o sentimento de perda e o sentimento de luto. A perda é expressa de diversas formas ao longo da existência do indivíduo e não está apenas relacionada com a partida definitiva de um ente querido. Apenas o luto está diretamente associado a esta partida, mesmo que, enquanto conceito, seja hoje extensível a outras situações de vida (ex. término de uma relação), (Ramos, 2016). A perda, tem consequências emocionais sobre a vida do indivíduo, sendo auxiliada pelo luto, um processo que permite que os seus efeitos se façam sentir. Será este o facilitador do processo de perda, sendo indissociável desta, como sua consequência imediata. A perda e a morte conduzem ao processo de luto, que constitui uma reação emocional.

O ser humano, confrontado com o seu desconhecimento perante o mistério da morte, que tendencialmente associa a uma certa negatividade, procurou colmatar tal perspectiva aceitando o processo da morte como um ritual de passagem e não como um fim, lidando de

forma mais pacífica com um problema tão complexo. O mesmo ser humano é o único ser que acompanha a morte de ritos e rituais fúnebres que assinalam a passagem da morte para o luto, acreditando ora na sobrevivência ora no renascimento dos mortos, ensaiando cerimônias que se revestem de um profundo arcaísmo.

Como foi observado, na freguesia dos Canhas sempre foram realizados rituais fúnebres de acordo com os preceitos da religião católica. A participação nesses rituais e os próprios foram sendo sujeitos a diversas alterações que decorreram do desenvolvimento sociocultural desse universo local da ilha da Madeira, afetando a sua vivência, o tempo a eles dedicado, mas não o seu sentido. Esses rituais, compostos por orações, canções, constituem uma atuação de função catártica, que, sendo fúnebres, visam repor a ordem que foi perturbada pela instauração da morte. Na sociedade, os rituais fúnebres assinalam mais uma mudança ocorrida (Souza & Souza, 2019), mas também abrem espaço à reflexão sobre a vida dos que partiram e dos que ficam permitindo a lembrança e o pensamento (Costa, 2018). Eles têm tanto o objetivo de prestar homenagem a quem parte como o de prestar assistência a quem fica, durante uma experiência de carga emocional profunda (Souza & Souza, p. 2019). Ora, assinalar a perda, afirmar a vida, permitir o luto, o discurso sobre a morte e sobre a vida, a reflexão sobre o que fará sentido depois da perda para quem fica, facilitar o momento de comunhão com a comunidade, a renovação com o sagrado, são aspetos facilitados por esses rituais.

Desta forma, os testemunhos recolhidos permitem concluir que a realização destes rituais advém de uma necessidade, pois constituem uma forma de amparar a comunidade que, ao mesmo tempo, se prepara para a despedida dos seus entes queridos, promovendo a aceitação de tal separação, tendencialmente pacífica, de acordo com o credo religioso adotado e os seus preceitos, nomeadamente a crença na vida para além da morte, subjacente à qual estão muitas das práticas enquadrantes desse momento.

Se, inicialmente, de acordo com as condições de vida difíceis do período pré 25 de Abril, a aceitação da morte era vivida com maior naturalidade e tolerada, até porque as próprias condições e a esperança média de vida eram também aí menores, com uma mortalidade infantil (os denominados “Anjinhos”) muito elevada, por motivo de doença, deu-se, depois, uma alteração. Nesse período, o sofrimento associado à morte era mitigado pela ideia de que as pessoas afetadas por esse acontecimento podiam passar por ele em união com a

comunidade, acompanhados por esta, que prestava apoio a esses enlutados, através das orações ou rezas, da luz, por meio das candeias, lamparinas ou velas, através da comida e bebida com que os acompanhavam igualmente. Para além disso, o ritual decorria em casa, o centro do acontecimento, até ao momento da realização do cortejo fúnebre, o que fornecia a possibilidade de um ambiente intimista, reservado.

Ainda no final dos anos 80, início dos anos 90, a família tinha a seu cargo a realização de todos os rituais fúnebres. Dado que a morte ocorria em casa, havia uma maior proximidade entre vivos e mortos. No entanto, com o aparecimento gradual das agências funerárias, associado a evolução socioeconómica, o mesmo processo passou estar entregue a empresas especializadas. A partir do momento em que se dá a institucionalização e burocratização do ritual, essa relação tradicional com o morto foi ganhando outras formas. Esta especialização trouxe os caixões feitos à medida, decorados de acordo com o género, estado civil e idade, estando a cor branca associada à morte das crianças batizadas e pessoas solteiras, enquanto a cor negra era reservada às pessoas casadas ou mais idosas, num processo de sectorização que fica entregue a pessoas externas ao agregado familiar, isto é, ao mercado. Neste, os caixões e as casas continuavam a ser decorados, ora com avencas ora com flores de tonalidades mais escuras, exceção feita aos das crianças, nos quais abundavam as flores mais claras, porque se tratava de entregar um inocente a Deus, que o receberia no reino dos céus.

O processo de luto, inicialmente, era vivido de forma mais rigorosa do que atualmente, até porque era exercido um certo controlo social sobre as pessoas para que assim fosse.

Nesse processo, o ser humano foi, em primeiro lugar, assistido pela experiência religiosa, desde sempre ligada à vertente espiritual. Os rituais e práticas estão ligados a esta mesma vertente, sendo nela que o ser humano procura apoio para o processo de luto. Através da religião, é-lhe mais fácil aceitar a morte, curar as suas feridas emocionais, razão por que os rituais fúnebres, cerimónias de despedida, contemplam orações que oferecem conforto espiritual, facilitando a aceitação da perda. A mesma religião oferece o sentido para o mistério da morte que o ser humano sujeita a tanta indagação, dando mesmo sentido à sua vida.

A comunidade censurava caso as famílias enlutadas não cumprissem o uso do negro pelo tempo adequado, caso não cumprissem o dever de recolhimento e silêncio, fechando as portadas das janelas, como ordenava a tradição. Mais intensas e rigorosas, as práticas do luto

variavam, no entanto, de acordo com o grau de parentesco mantido com a pessoa falecida, de acordo com o gênero da mesma e a causa da sua morte. Quando a idade da pessoa falecida era inferior a 15 anos de idade, nem o luto nem o enterro eram marcados pela cor negra, prevalecendo o branco.

A tradição cristã encara, efetivamente, a morte como um ritual de passagem e esta sua visão implica a possibilidade de existir uma nova vida para além. Neste contexto religioso, os rituais da morte e do luto, caracterizados por várias fases, sendo formas comunicativas simbólicas baseadas na convenção e na repetição (Mergulhão, 2020, p. 14), encenam a relação mantida com a pessoa falecida (Bayard, 1996, p. 430) e, sendo sociais, despoletam a união comunitária (Durkheim, 1996), bem como o processo de luto e posterior culto dos mortos, contextualizando para o homem a experiência da morte, ao mesmo tempo que facilitam a integração social dos vivos, marcada pela perda.

Independentemente disso, o gradual acolhimento de outros credos entre a população, de acordo com os últimos testemunhos registados, trouxe alterações aos rituais fúnebres, como seria de esperar. Para além disso, a assimilação de outros costumes trazidos do contexto da emigração teve o mesmo efeito.

Algumas das crenças tradicionalmente passadas de geração em geração (como a de saber se a pessoa comunicava com o mal se, à hora da morte, o seu rosto estivesse voltado para o lado esquerdo, requerendo neste caso o benzimento para afastar esse mal, ou se comunicava com o bem, se o seu rosto estivesse voltado para a direita) foram, no entanto, perdendo o seu relevo, em virtude da globalização, que trouxe o contato com novos costumes, da aquisição de maior instrução por parte desta, que foi alterando a sua forma de pensar, em contato com diferentes realidades, elementos que atuaram como agentes de mudança, a par do aumento da empregabilidade, retirando as pessoas dos ambientes estreitos da comunidade para outros, numa socialização que afetou a forma de pensar esses rituais e as crenças relacionadas com os mesmos na freguesia dos Canhas. Em consequência, não terá sido a concetualização da morte a ser afetada por estas circunstâncias, mas sim os rituais concretos que a formalizavam, porque foi alterada a sua duração, a intensidade com que eram vividos, sobretudo entre as gerações mais jovens, que atualmente encontram uma simplificação do que antes existia. No século XX, o progresso da medicina alterou a esperança média de vida e essa visão simbólica

sobre a morte, que perde familiaridade e sociabilidade. Hoje, a distância do simbolismo antigo é ainda maior.

A experiência da morte é vivida de forma diferente, de acordo com as diferentes culturas e sociedades, bem como com o estatuto socioeconómico das pessoas. Parkes (2003) salienta, efetivamente, que cada cultura apresenta rituais que lhes são específicos e crenças que também assumem alguma variabilidade. A padronização desses rituais envolve, portanto, aspetos que dizem mais respeito ao credo religioso seguido, mas há também a considerar o que é herança popular e foi sendo passado de geração em geração, até deixar de fazer sentido naquele que é o tempo presente.

No trabalho que apresentamos, e no qual estudámos a particularidade assumida por esses ritos e rituais na freguesia de Canhas, vimos que eles são tradições passadas de geração em geração, mas que estão sujeitas aos sinais do tempo, isto é, não sendo integralmente alterados, na verdade ostentam marcas do momento no qual se vão realizando, fruto da influência que o progresso civilizacional neles vai deixando.

Fica, no entanto, aquela que é a sua memória, evocada pelos vários testemunhos aqui reunidos. Apenas a memória impede o seu total desaparecimento e, assim, a nossa contribuição será nesse sentido, por ter ficado aqui o registo de um conjunto de rituais e crenças ancestrais associados à experiência da morte, que nos permite ver a diferença entre a forma como esta era vivida e o modo como ela hoje é processada.

Uma das grandes limitações do presente estudo tem a ver com uma questão global que afetou todos os quadrantes da nossa vida coletiva: a pandemia Covid-19. Devido às restrições que a mesma impôs, houve alguma dificuldade na recolha dos testemunhos. A maior parte das entrevistas realizadas visavam participantes de alguma idade, que deveriam ser ouvidos de forma presencial. Uma parte significativa dos mesmos tinham dificuldades de diversa natureza, desde problemas auditivos a problemas de outro tipo, tendo tornado impossível a realização telefónica da sua auscultação. Havendo restrições a nível do contato pessoal, foi um grande desafio conseguir o material aqui apresentado. Mesmo assim, dentro das dificuldades vividas, conseguimos o melhor e construímos um trabalho de investigação que é também um documento que regista, para memória futura, os rituais e crenças que fizeram parte da experiência do luto e morte e dos seus rituais na freguesia dos Canhas, ao longo de muito tempo.

O presente estudo foi realizado nessa freguesia muito circunscrita da ilha da Madeira, a freguesia dos Canhas. Considerando a importância, quer a nível cultural quer mesmo religioso, da temática abordada, seria relevante que fosse feito um levantamento mais profundo dos rituais e crenças associados à experiência da morte, mas a nível regional e não apenas local. Para além disso, seria igualmente interessante que fosse realizado um estudo comparativo entre a Região Autónoma da Madeira e a Região Autónoma dos Açores, eventualmente abrangendo o próprio território continental, para apurar o tipo de aproximação que se verifica nessas regiões geográficas, bem com as diferenças mais significativas, novamente deixando o seu registo. A sua ritualização permanece, mas sofreu profundas alterações (de tal forma que é pelas redes sociais que também se presta condolências aos enlutados ou se presta homenagem aos falecidos), fruto da evolução das sociedades e das mentalidades, este poderá ser o início de um novo ciclo de estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, E; Leitune, C; Seger, A; Terner, M &Silva, D. (2015): Dor e Perda: Análise do processo de luto. *Revista de Psicologia da IMED*. 7 (1), p. 15-22.

Ariès, P. (1989). *Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média*. Lisboa. Editorial Teorema.

Aristóteles (2010). *Sobre a alma*. António Pedro Mesquita (coord.). *Obras Completas de Aristóteles*. Volume III. Tomo I. Lisboa: INCM.

Barbosa, A. (2010). Processo de Luto. In Barbosa, A. & Neto, I. (eds.), *Manual de Cuidados Paliativos*, pp. 553-631. Lisboa: Faculdade de Medicina.

Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Basso, L. & Wainer, R. (2011). Luto e perdas repentinas: Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 7(1), 35-43.

Bayard, J. (1996). *Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer?* São Paulo: Paulus.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bouso, R. (2011). A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. *Acta Paulista de Enfermagem*, 24(3), vii-viii.

Bowlby, J. (2004). *Perda, Tristeza e Depressão*. São Paulo: Martins Fontes Ed.

Bromberg, M. H. (2000). *A Psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas: Livro Pleno

Campbell, J. (1991). *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.

Campelos, I. (2006). *A Ansiedade e o Medo da Morte nos Profissionais de Saúde*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Carmo, A. (2001). *Antropologia das religiões*. Lisboa: Universidade Aberta.

Catroga, F. (2010). «O Culto dos mortos como uma poética da ausência». *ArtCultura*, 12(20), pp 163-182. Disponível em

<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/11315>. Consultado a 17 de junho de 2021.

Cazanatto, E., & Martta, M. (2014). A perda de um(a) filho(a) jovem no romance Paula, de Isabel Allende. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(3), 540-554.

Corrêa, A., Silva, P., Meglhioratti, F. & Caldeira, A. (2008). Aspectos históricos e filosóficos do conceito de vida: contribuições para o ensino de biologia. *Filosofia e História da Biologia*, 3, 21-40.

Costa, M. (2018). Partidas: luto, ritos e memória. *Novos Olhares*, 7(2), 7-14.

Coutinho, F. (2005). *Construção de um perfil conceitual de vida*. Tese de doutoramento, Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte.

Coutinho, F. & Mortimer, E. & El - Hani, C. (2007). Construção de um perfil conceitual para o conceito biológico de vida. *Investigações em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 115-137.

Creswell, J. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Bookman.

Denzin, N. & Lincoln, Y. (2000). *The discipline and practice of qualitative research*. London: Sage Publications.

Dezutter, J., Soenens, B., Luyckk, K. & Bryneel, S. (2009). The Role Of Religion in Death Attitudes: Distinguishing Between Religious Belief and Style of Processing Religious Contents. *Death Studies*, 33 (1), 73-92.

Durkheim, É. (1996). *As formas elementares da vida religiosa*. Martins Fontes, São Paulo.

Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Emmeche, C. & El-Hani, C. (s.d.). Definindo vida, explicando emergência. Disponível em: <http://www.nbi.dk/~emmeche/coPubl/99.DefVida.CE.EH.html>.

Enciclopédia Católica Popular. (2021). “Céu”. Disponível em:

http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=320. Consultado a 25 de junho de 2021.

Enciclopédia Católica Popular (2021). “Inferno”. Disponível em:

http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=999. Consultado a 25 de junho de 2021.

Enciclopédia Católica Popular (2021). “Purgatório”. Disponível em:

http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1595. Consultado a 25 de junho de 2021.

Fidalgo, L. (2003). *(Re)Construir a Maternidade Numa Perspectiva Discursiva*. Lisboa: Instituto Piaget.

Fortin, M. (2009). *O Processo de investigação: da conceção à realização*. Loures: Lusociência.

Frankl, V. E. (1977). *Man's search for meaning: An introduction to logotherapy*. London: Hodder & Stoughton.

Granja, A. (2013). *A morte e o luto em contexto escolar Das vivências na primeira pessoa à (re)significação do conceito de escola acolhedora*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Godelier, M. (1996). *O enigma da dádiva*. Lisboa: Edições 70, Lda.

Gonçalves, F. (2007). Conceitos e Critérios de Morte. *Nascer e Crescer - Revista do Hospital de Crianças Maria Pia*, XVI (4), 245-248.

- Herouet, R. (2013). Rites et rituels funéraires: Fonctions, objectifs, bénéfiques. Disponível em: http://wiki.geneasens.com/dictionnaire/rites_et_rituels_fun%C3%A9raires.html.
- Howarth, G. & Leaman, O. (2004). Morte e Arte de Morrer. Portugal: Editora Quimera.
- Holland, J. (2008). How schools can support children who experience loss and death. *British Journal of Special Education*, 36(4), 411-424.
- Illich, I. (1975). *Nemesis medica. La expropiación de la salud*. S. l.; Barral. Disponível em: <https://www.ivanillich.org.mx/Nemesis.pdf>.
- Imber-Black, E. (1998). Os rituais e o processo de elaboração. In Walsh, F. & McGoldrick, M. (Eds.), *Morte na família: Sobrevivendo às perdas* (pp. 229-245). Porto Alegre: Artmed.
- Jung, C. G. (1965). The soul and death. In Feifel, H. (Ed.), *The meaning of death* (pp. 3-15). New York: McGraw-Hill Book Company.
- Kosminsky, P., & Lewin, D. (2009). Counseling Approaches for Bereaved Adolescents. In Balk, D. & Corr, C. (Eds.), *Adolescent Encounters*
- Kovács, M. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2008). Desenvolvimento da tanatologia: Estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia*, 18(41), 457-468.
- Lima, C. (2005). Do conceito ao diagnóstico de morte: controvérsias e dilemas éticos. *Medina Interna*, 12 (1), 6-10.
- Machado, C (2013). Viver com a Perda em Rando. In Barbosa, A. (coord.), *Olhares sobre o Luto*. Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
- Magalhães, M. & Melo, S. (2015). Morte e Luto: O Sofrimento do Profissional da Saúde. *Psicologia e Saúde em Debate*, 1(1), 65-77.

Mallon, B. (2011). *Working with Bereaved Children and Young People*. London: Sage Publications.

Matos, A. (2009). Os símbolos e a simbologia religiosa: o papel da igreja católica. *Revista Brasileira da História das religiões*, 1 (3), 1-11.

Meneses, C.; Silva, F. (1984): *Elucidário Madeirense*, Funchal, SRTC / DRAC, 1984 (Facsimile da edição de 1946), Volume 1 (A – E). p 225-226.

Megari, L. (2016). *Religion and Death*. Disponível:

https://www.researchgate.net/publication/309704047_Religion_and_Death.

Mergulhão, B. (2020). *O silêncio que fala: os ritos fúnebres como performance e o cemitério como lugar de memória*. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Moreira, A. & Lisboa, M. (2006). A morte – entre o público e o privado: Reflexões para a prática profissional de enfermagem. *Revista de Enfermagem UFRJ*, 14, 447-454.

Morin, E. (1982). *O Homem e a Morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Mota, A. (2014). *Da Ditadura Política à Ditadura Financeira*. [em linha].

http://www.aofa.pt/artigos/Antonio_Costa_Mota_Coloquio_Portugal_Antes_e_Deapos_do_25_de_Abril.pdf.

Moura, C. (2006). *Uma avaliação da vivência do luto conforme o modo de morte*. Brasília: Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia.

Mulkay, M. (1993). Social death in Britain. In Clark, D. (ed.): *The Sociology of Death: Theory, Culture, Practice*, Oxford, Blackwell Publishers, pp. 31-49.

Nieto, M. (2016, Ago 22). «Como as redes sociais mudaram a forma de lidar com o luto e a morte». *El País*. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/tecnologia/1471622152_106143.html. Consultado a 28 de junho de 2021.

ONU – Portugal (www.onuportugal.pt). «Declaração Universal dos Direitos Humanos». Disponível em <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2018/01/Declaracao-Universal-dos-Direitos-Humanos.pdf> Consultado a 18 de junho de 2021.

Pattinson, E.H. (1977). *The Experience of Dying*. New Jersey: Prentice-Hall.

Parkes, C. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus Editorial.

Parkes, C. M. (2003). *Morte e Luto Através das Culturas*. Lisboa: Climeps Editores.

Parkes, C. M., Laugani P., & Young, B. (2003). *Death and bereavement among cultures*. Londres: Routledge.

Pazin-Filho, A. (2005). Morte: Considerações para a Prática Médica. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 38(1), 20-25.

Pereira, R., Pinheiro, M., Bezerra, A. & Mezerra, K. (2015). Parada cardiorrespiratória e reanimação cardiopulmonar: conhecimento de enfermeiros de um hospital público no Alto Sertão Paraibano. *INTESA – Informativo Técnico do Semiárido*, 9 (2), 01-10.

Pimentel, I. (1999). «A assistência social e familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40». *Análise Social*. XXXIV (2º, 3º), 477-508. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218799127Z7uLZ4su1Vg14KQ1.pdf>. Consultado a 27 de junho de 2021.

Pires de Almeida, F. (2015). «Felizes os que morrem ‘Anjinhos’: batismo e morte infantil em Portugal (séculos XVI_XVIII)». *Erasmus: Revista de historia bajomedieval y moderna*. Disponível em: <https://revistas.uva.es/index.php/erasmo/article/view/907/806>. Consultado a 28 de junho de 2021.

Puigarnau, A. (2010) *Las Tareas Del Duelo – Psicoterapia del duelo desde un modelo integrativo-relacional*. Barcelona: Paidòs.

- Py, L., Trein, F., Oliveira, J.F. & Azevedo, D.L. (2011). O tempo e a morte na velhice. In: Freitas, E.V et al. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 1, 1350-1359.
- Quivy, R & Campenhoudt, L. (2018). *Manuel de recherche en sciences sociales*. Paris: PUF.
- Ramos, V. (2016). O Processo de Luto. Disponível em:
<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>.
- Sanders, C. (1999). *Grief. The Mourning After: Dealing with Adult Bereavement*. New York: Jonh Wiley & Sons, Inc.
- Santos, B. (1991), "State, Wage Relations and Social Welfare in the Semi periphery: the Case of Portugal", in SPOSATI, Aldaiza, RODRIGUES, Fernanda, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* N.º42.
- Schilindwein, R. (2001). Aspectos psicológicos da terminalidade do luto e do morrer. *Revista Científica em Psicologia*, 1(1), 19-30.
- Segalen, M (1999). *Sociologia da Família*, Ana Santos Silva (trad) Lisboa, Terramar.
- Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciências da Saúde Colectiva*, 5(1), 187-192.
- Silva, C. (2018). Luto: uma descrição sobre os processos de elaboração do enlutado. *Revista FAROL*, 6(6), 61-77.
- Soares, E. & Mautoni, M. (2013). *Conversando sobre o luto*. São Paulo: Àgora.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Souza, A. & Pontes, S. (2006). As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. *Analytica*, 5(9), 69-85.

Souza, C.A. (2007). A 'Interdição' da Morte nos Telejornais [Artigo]. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. (Org.). Comunicações e artigos científicos, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 1-15.

Souza, C. & Souza, A. (2019). Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 35.

Stroebe, M., Stroebe, W. & Hansson, R. (1993). *Handbook of Bereavement: theory, research and intervention*. Cambridge: University Press.

Terrasêca, M. (1996). *O Instrumento de Pesquisa: a entrevista. In Referenciais Subjacentes à Estruturação das Práticas Docentes – Análise dos Discursos dos/as professores/as*. Porto: FPCEUP.

Terrin, A (2004). *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo, Paulus.

Turner, V. (1973). «Symbols in African ritual». *Science, New Series*. 179(4078), pp. 1100-1105. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/4ed4/992678b86e629323b06ac199ce8ac95af7d7.pdf>.

Consultado a 17 de junho de 2021.

_____1974a. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. São Paulo: Vozes.

_____1974b. *Dramas, fields, and metaphors*. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press.

_____1982. *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. Nova Iorque: PAJ Publications.

_____2005. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Rio de Janeiro: Eduff.

Vala, J. (2007). A análise de conteúdo. In: *Metodologia das ciências Sociais*. 14ª edição. Porto: Afrontamento, p. 101-128.

Van Gennep, A. (2011). *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações e etc*. Petrópolis: Vozes.

Veneu-Lumb, F. & Costa, M. (2012). Reflexões e discursos sobre a vida humana: Novos subsídios para aulas de ciências. *Ciência & Educação*, 18 (2), 403-418).

Worden, J. (1991). *Grief Counseling and Grief Therapy. A Handbook for the Mental Health Practitioner*. London: Routledge.

Worden, W. (1998). *Terapia do Luto. Um manual para o profissional de saúde mental*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Yoffe, L. (2006) Efectos positivos de la religión y la espiritualidad en el afrontamiento de duelos. *Revista Psicodebate*, 7, 193-205.

Sites

«Suicídio». Disponível em:

<https://medicinapaliativa.pt/itools/upload/document/blog/190114212232.pdf>. Consultado a 28 de junho de 2021.

Anexo I– Grelha de Codificação de Entrevistas

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
A Morte nos Canhas	Principais fatores que influenciam a percepção	<ul style="list-style-type: none"> - Antigamente pessoas “a espera da morte” - melhoria das condições de vida (água e luz, medicamentos) - Evolução positiva pós 25 abril - Homens morriam mais cedo que as mulheres - Desligamento da missa - Pessoas ficavam “à espera da morte” - Tudo feito em casa - Afirmção social, cultural e religiosa - Emigração - Falta de sentido de comunidade - Medo da morte - Trabalho fora de casa - Menos relações de vizinhança - Mais educação - Internet - Funerais mais 	<p>“as pessoas estavam era na cama, com grande sofrimento, estavam à espera da morte, as pessoas estavam lá a espera da morte, mesmo à espera da morte... de modo que encaravam melhor a morte” E2</p> <p>“Agora as pessoas encaram melhor a morte, as condições são outras. Antigamente era a maior tristeza, não havia luz, não havia água” E1</p> <p>“havia muita fome, muita falta de higiene, iam para cama e tavam uns dias, às vezes uns meses, um ano à espera da morte” E2</p> <p>“Agora já é diferente se tão doentes vão ao médico, quando pioram vão para o hospital.” E2</p> <p>“A pessoa adoecia vinha um vizinho e trazia um chazinho, dava um massagem, era um chazinho com as ervinhas que havia na altura e colocava num paninho na cara e era isso que era os remédios da altura.” E1</p> <p>“Depois do 25 de abril já as coisas</p>

		<p>privados</p> <p>- A agência funerária trata de tudo</p>	<p><i>melhoraram, já conseguimos ter água e luz em casa, compramos um fogozinho, por causa dos subsídios e do abono.” E1</i></p> <p><i>“As pessoas morrem mais tarde, o homem morria dos 55 aos 60, as mulheres dos 60 aos 65, as mulheres duravam mais tempo.” E2</i></p> <p><i>“quando eu era pequena, quase toda a gente ia a missa, não havia um casal que não fosse a missa, agora ninguém quase vai” E2</i></p> <p><i>“Agora já é diferente se tão doentes vão ao médico, quando pioram vão para o hospital.” E2</i></p> <p><i>“A pessoa adoecia vinha um vizinho e trazia um chazinho, dava um massagem, era um chazinho com as ervinhas que havia na altura e colocava num paninho na cara e era isso que era os remédios da altura.” E1</i></p> <p><i>“Antigamente era tudo em casa. Agora é sempre a desculpa que toda a gente trabalha, mas esquecem se que os que estão velhos é que trabalharam para</i></p>
--	--	--	---

			<p>eles.” E4</p> <p>“Eu acho que houve muita coisa que mudou, as pessoas já não são tão unidas é cada um por si, cada um na sua casa as pessoas são mais egoístas. As pessoas foram embarcando e isto só ficou velhos aqui.” E6</p> <p>“Por exemplo, quando eu era pequena, se eu visse um funeral passar no caminho nessa noite, eu também não dormia com medo, lembro-me de uma senhora que morreu com cancro na cara (...) eu fui la ver e ai Jesus, nessa noite eu não dormi” E8</p> <p>“As pessoas ao saírem de casa já têm menos tempo para estar com os vizinhos, já têm menos tempo para a família. Antigamente não cuidar dos pais em casa era um escândalo, agora já é visto como algo normal.”E7</p> <p>“as pessoas já começaram a ir mais para a escola e até se formando e há coisas que se deixou de acreditar. Depois com isto da internet tudo é diferente.” E7</p> <p>“Eu lembro-me de ir aos funerais e era uma gritaria, até me arrepio, faziam um alarido, hoje em dia já</p>
--	--	--	---

			<p>vês eles chorar, mas é diferente.” E7”</p> <p>“Agora qual é que é o procedimento: a agência que se encarregue de tudo.” E7</p>
Pontos convergentes com o passado	<ul style="list-style-type: none"> - Não aceitação da morte - O fator religioso acompanha ainda a morte 	<p>“nunca ninguém tá preparado para aceitar a morte. Acho que continua igual, a maioria não aceita a morte.” E4</p> <p>“Eu acho que o encarar a morte era igual. Olha, a gente nasceu para morrer. Eu acho que é mais ou menos.” E6</p> <p>“O fator religioso acompanha várias religiões, a morte deixou de ser para uma freguesia mas passou a haver divulgação” E5</p>	
Pontos divergentes com o passado	<ul style="list-style-type: none"> - Morte em casa - Ritual das velas (candeias) e rezas - Família do moribundo sempre acompanhada - Falta de condições - Mais união da comunidade - Mais respeito no passado 	<p>“As pessoas morriam quase todas em casa, quase ninguém morria no hospital” E1</p> <p>“As pessoas morriam em casa na paz, juntava-se a vizinhança e a família, o quarto cheio de gente vendo eles ir na paz de Deus, Nosso Senhor.” E2</p> <p>“As pessoas no dia de nossa senhora das candeias, compravam as candeias (uma vela, mas mais pequena),</p>	

		<ul style="list-style-type: none"> - Laicidade dos cemitérios - Agências funerárias - Muitas mortes de crianças no passado - Muitas doenças sem tratamento - Galerias de ferro no passado 	<p>essa candeia colocavam nas mãos da pessoa até ela morrer.” E1</p> <p>“As pessoas rezavam e diziam “nossa senhora venha busca-la”, diziam coisas assim.”E1</p> <p><i>“As pessoas combinavam e iam umas numa hora e outras noutra hora, de modo a família não ficar só, ficava sempre alguém dia e noite enquanto a pessoa não morria.” E1</i></p> <p><i>“As pessoas traziam também uns candeeiros para por a dar claridade porque não havia eletricidade nas casas” E1</i></p> <p><i>“O povo antigo era mais unido, havia mais alegria passávamos uma tarde de domingo debaixo de uma laranjeira a contar histórias, hoje em dia é diferente é cada um na sua casa e Deus na casa de todos” E2</i></p> <p><i>“Sofriam mais, respeitavam mais o luto, mas aceitar a morte não, uns aceitam e outros não.” E4</i></p> <p><i>“A partir de 1870, os cemitérios deixaram de ser católicos para não haver discriminação.”E5</i></p>
--	--	--	---

			<p><i>“com o passar dos tempos passou a ficar aos cuidados da família e passou a obedecer a outros critérios com a participação das agências funerárias.” E5</i></p> <p><i>“. Antes, eu acho que morria muitas criancinhas pequenas, muitos anjinhos.” E6</i></p> <p><i>“De maneira que havia tanta classe de doenças, havia uma que matava de repente, havia outra que tava que eles ficavam defeituosos ou surdos ou moucos, não sei se era o tifo.” E7</i></p> <p><i>“Durante muitos anos houve no cemitério as galerias de ferro, tem algumas com mais de 50 anos” E7</i></p>
	Celebração dos funerais no passado	<ul style="list-style-type: none"> - Figura do “Mensgeiro” - Funerais a pé/carroças - Crianças maiores presentes - Funeral organizado pelas pessoas - Inexistência de agentes funerários - Funeral feito em 24h - Caixão feito à medida 	<p><i>“Havia um senhor que ia pelas casas, chamávamos “o mensageiro”, que ia pelas casas anunciar que alguém morreu. Depois ele também ia a frente do funeral tocando o sino, dando sinal que o enterro ia passar.” E1</i></p> <p><i>“A frente ia um rapaz com uma campainha para ir dando o sinal do enterro a passar e as pessoas vinham para as portas” E2</i></p> <p><i>“Pela freguesia pagavam a uma</i></p>

		<p>no meio da casa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilização de flores - Oferta de flores se morto uma criança - Rituais de procissão - Negócios fechados - Importancia do velório - Ajuda dos vizinhos - Não se fazia lume na casa do defunto - Caixão forrado com panos especiais - Crianças levavam caixão de morto criança - Porta de casa do morto sempre aberta - Lamparina de azeite - Divisão na procissão por género e cores - Cruz do caixão para a família - Morte em casa com os familiares - Não havia intervenção agencias funerárias - Todas as casas com 	<p><i>criança ou rapazinho que ia pela freguesia a dizer que “fulano tal morreu”.</i>” E6</p> <p><i>“Os funerais eram todos a pé, depois as pessoas vinham para casa algumas a pé, outras vinham nas carrinhas em cima das carroçarias”</i> E1</p> <p><i>“Às crianças muito pequenas não vinham para não ficarem nervosos, mas as maiorzinhas já vinham e ate rezavam.”</i> E2</p> <p><i>“não havia os agentes de funerária, as pessoas é que organizavam o funeral. Eu também já fiz recado de enterro. Eram normalmente 2 homens que tratavam: um para ir a vila tratar dos papéis e outro para dar recado de enterro, normalmente era um trabalho que não era pago.”</i> E2</p> <p><i>“Às vezes morriam na madrugada e já tratavam de fazer o funeral. O funeral era feito dentro de 24 h após.”</i> E2</p> <p><i>“Era o caixão no meio da casa, o caixão era mandado fazer na hora. Eles tiravam as medidas com um pedaço de cana, havia um senhor que ele fazia os caixões”</i> E2</p>
--	--	--	---

		<p>vela</p> <ul style="list-style-type: none"> - Livros especiais de oração - O morto vestido pela família - Diferentes vestes - Homem com fato ou mangas de camisa - Irmãos da mesa de capa vermelha - Cor do caixão mudava de acordo com o defunto - Quadro do Sagrado Coração de Jesus na procissão - Suicídios sem direito a funeral - Família pagava bebidas aos participantes - Nados mortos sem funeral - Acordados toda a noite - Taxa de passagem nos concelhos - 12h após a morte caixão selado - Crianças chamadas de 	<p><i>“Havia um senhor que fazia caixões, não é como estas urnas de agora, eram tábuas que depois forravam com um pano especial para isso e punham umas estrelinhas” E4</i></p> <p><i>“Enfeitavam o caixão com umas florinhas, ponham muito uma flor que se chamava pessegueiro, pessegueiro de jardim que deitava um cheiro muito bom, ponham à volta do defunto. Quase ninguém gostava de ter essa flor em casa porque diziam que cheirava aos mortos.” E2</i></p> <p><i>“Punham venca (é uma planta, as pessoas dizem venca) a volta do caixão e os amores-perfeitos quando havia também ponham. Lembro-me quando eram crianças levavam sempre muitas flores, amores-perfeitos, rosas” E2</i></p> <p><i>“Quem tinha cântaros de venca punha um em cada lado do caixão, quem tinha punha. Punham também flores mais escuras nas pessoas casadas. Se fosse uma criança ia cheinha de flores, muitas flores” E7</i></p> <p><i>“Havia também um tradição de quando o morto era uma criança, trazerem uma flor e punham na mão da</i></p>
--	--	--	---

		<p>anjinhos</p>	<p><i>criança e dizer: “leva isto ao meu filho, leva isto ao meu marido.”</i> E2</p> <p><i>“No enterro iam as cruces a frente, depois o senhor vigário a pé, a caixa da cera, os preparativos”</i> E2</p> <p><i>“As pessoas iam duas a duas, as pessoas de preto iam a frente, quem ia com roupa de cores ia atrás, tipo como se ia nas procissões.”</i> E2</p> <p><i>“havia sempre o cuidado de fechar as portas dos bares e outros negócios.”</i> E2</p> <p><i>“Quem era “irmão mesa” levava as cruces da procissão e ainda levava as cruces de prata e a Confraria ia com as suas capas vermelhas e uma campainha à frente a dar “sinal de morto”</i> E6</p> <p><i>“O velório, a gente rezava o terço, havia orações próprias e havia aqueles livrinhos com as rezas. Normalmente eram as filhas de Maria que orientavam essas rezas.”</i> E4</p> <p><i>“Não era em casa da pessoa, mas íamos a casa do vizinho, as outras pessoas ajudavam, até porque na casa em que morria</i></p>
--	--	-----------------	--

		<p><i>uma pessoa, não se costumava fazer lume onde havia um defunto, por isso, os vizinhos responsabilizavam-se.” E4</i></p> <p><i>“Sei que não se podia fazer lume, mas a razão eu não sei, era quase como um sentimento, talvez um sinal de respeito.” E4</i></p> <p><i>“forravam com um pano especial para isso e punham umas estrelinhas. Se era uma pessoa solteira ou uma criança, era um pano branco e com estrelinhas, se era uma pessoa mais de idade, era preto e as estrelinhas amarelas na mesma.” E4</i></p> <p><i>“Se fosse uma criança, quem levava o caixão eram as crianças. Antigamente, morriam muitas crianças, agora é que não.” E4</i></p> <p><i>“A porta onde tinha um morto não era fechada, as pessoas iam rezando e lendo orações, rezavam as orações da agonia. Ate já se tinha a vela, aquilo não se chamava vela, era a candeia que se dizia, ficava guardada na cómoda, toda a gente tinha isso em casa, a candeia nunca era apagada, queimava até ao fim, com a lamparina ao lado a</i></p>
--	--	--

		<p><i>arder com azeite.”E4</i></p> <p><i>“Quando a pessoa tava a morrer, punha-se uma candeia, na hora que ele tava morrendo punha-se na mão, se a gente quando se batiza eles põem um ciro na mão, se quando a gente morre põem um ciro na mão significa a luz do mundo a luz da graça” E7</i></p> <p><i>“Antigamente, havia sempre divisões, os homens iam à frente do caixão e as mulheres atrás. Era como antigamente nas missas, os homens à frente e as mulheres atrás e nos funerais era a mesma coisa, as pessoas de preto iam à frente e as de cores atrás. “ E4</i></p> <p><i>“Antigamente, tiravam uma cruz que tinha no caixão e davam à família, hoje em dia, essa cruz já esta é dentro do caixão.” E4</i></p> <p><i>“Antigamente, davam a cruz à família e davam à família (repetitivo?). Agora já ninguém quer ficar com a cruz.” E6</i></p> <p><i>“Grande parte das pessoas morriam em casa, hoje há uma maior assistência e vão morrer ao hospital. Antigamente morriam acompanhados e rodeados pelos</i></p>
--	--	---

		<p>familiares” E5</p> <p>“<i>Os preparativos eram tratados com a família e a câmara, e a família e a igreja, não havia intervenção das agências funerária.</i>” E5</p> <p>“<i>Havia livros próprios para rezar. Nas casas já havia uma vela para colocar na mão da pessoa que tava a morrer. Quando morria, acendiam a vela e aí começavam a ler as orações. Eram livros mesmo próprios com as orações..</i>”E6</p> <p>“<i>Quem vestia era a família. Houve uma altura em que foi o costume de irem vestidas com um manto, havia mais que uma veste</i>” E6</p> <p>“<i>Havia as franciscanas, um vestido castanho, e levavam os escapulários que punham ao pescoço, no caso de ser dessa irmandade. Havia as filhas de Maria</i>” E6</p> <p>“<i>Os homens iam com um fato ou em manga de camisa. Os que eram irmãos da mesa levavam a capa vermelha.</i>” E6</p> <p>“<i>A cor do caixão mudava conforme que morria. Se era solteira, levava o caixão branco</i></p>
--	--	---

			<p><i>e anjinho também era um caixão branco. Se era casado ou viúva, era um caixão preto. Aquilo era só umas tábuas, uma pano preto à volta, adornado com umas estrelas amarelas” E6</i></p> <p><i>“Aquilo às vezes era mais que um casamento, era toda a noite, enfeitavam o caixão, ate a cor do caixão mudava consoante era uma pessoa adulta, uma criança, um casado ou solteiro.” E7</i></p> <p><i>“À frente ia um quadro muito grande do Sagrado Coração de Jesus. Depois, estragou e ninguém mandou arranjar. Depois, com as funerárias, passou a ir uma cruz de flores à frente:”E6</i></p> <p><i>“Quando era uma pessoa que se matava, não tinha funeral. Antigamente, havia senhores padres que, quando era alguém que se enforcava ou que se matava, não faziam o funeral. Vinham de casa e iam direitos para o cemitério.” E6</i></p> <p><i>“Quando era alguém que se matava já não havia enterro, já ia direitinho para o cemitério, já nem dentro da igreja entrava, não havia missa, não havia nada, nem sei se tinha</i></p>
--	--	--	--

		<p><i>funeral. “ E8</i></p> <p><i>“Naquela altura quando iam a um funeral, tinha de pagar vinho e cerveja para aqueles que iam ao funeral, iam para um bar que tinha lá nas murteiras” E8</i></p> <p><i>“Mesmo que fosse crianças que nascessem mortos, não faziam enterro, não tinha funeral tão pouco,” E8</i></p> <p><i>“Ficavam a noite toda fora, era aguardente, era canja, aguentavam a noite toda acordados.” E7</i></p> <p><i>“Já em casa era a família que fazia, punham a venca, (avenga) água com azeite para a lamparina, tipo com um pedacinho de cortiça e um pavio e punham à frente do caixão e um copo de água benta com um raminho de alecrim e iam benzendo o morto conforme iam chegando.” E7</i></p> <p><i>“lembro-me da minha mãe falar que tinham de pagar uma taxa por todos os concelhos por onde passavam, isto em tempos antigos e após 12 h da morte tinham de vir em caixão fechado, a urna tinha de vir selada em zinco e ninguém podia</i></p>
--	--	--

			<p>abrir.” E7</p> <p>“Antigamente morria mais crianças que agora, muitas de meningite... Por exemplo os meus avos tiveram 12 e morreram três, eram os anjinhos como eles chamavam.” E7</p>
	Razões da transformação	<ul style="list-style-type: none"> - Rituais importados - Emigração - Mudança de crenças - Mudança de “maneiras” - Modernização - Aparecimento das capelas mortuárias - Aparecimento das agências mortuárias 	<p>“antigamente rezavam em casa até o morto estar em casa, depois passaram a rezar nove dias na casa do morto, foi um costume que veio da Venezuela, tem uns 25 anos.” E1</p> <p>“O costume de ir rezar a casa foi um costume que veio da Venezuela, fazer o novenário, as pessoas que estavam na Venezuela ou que tinham família na Venezuela é que começaram a rezar o terço em casa os nove dias” E4</p> <p>“Agora avessaram se alguém morre no hospital, depois dele se enterrar irem a casa do morto rezar oito dias, parece que foi um costume que veio da Venezuela e ao fim dos oito dias costumam fazer dar bebida e doces.” E8</p> <p>“As pessoas também foram estudando e deixaram de dar valor e acreditar nalgumas coisas, por exemplo porque se fazia o luto</p>

			<p><i>tanto tempo, será que valia mesmo a pena.”</i> E1</p> <p><i>“O que foi tirado dos funerais, foi a gritaria que se fazia dentro do cemitério, gritavam de tal maneira que se ouvia longe, as vezes nem era chorar era gritar, diziam cada asneira (...) as pessoas agora já não fazem isso, já há outra civilização, outras maneiras.”</i> E2</p> <p><i>“Com a modernização, com a falta de tempo, há pouca disponibilidade para acompanhar, por isso as cerimónias religiosas são mais breves, não ultrapassam uma hora.”</i> E5</p> <p><i>“Agora vão para a capela, que agora já tem hora de fechar ... Juntava-se a família e os vizinhos a rezar e a ler. Agora com as capelas mortuárias, tudo é diferente.”</i> E6</p> <p><i>“Já em 90 começou a mudar, as agências começaram a arranjar o transporte, porque a Câmara não tinha capacidade de resposta para todo o concelho, era só um carro. Imagina, havia um em cada freguesia, era complicado, depois cada agência teve o seu carro próprio. A partir daí começou a</i></p>
--	--	--	---

			<i>evolução dos rituais, nem diria evolução, diria mais o desaparecimento dos rituais.” E7</i>
O Luto em Canhas	Vivência no passado	<ul style="list-style-type: none"> - Durante seis meses/1 ano luto completo para as filhas - Luto para o resto da vida nas viúvas - Luto terminava com novo casamento - Janelas e portas fechadas durante seis meses - Não se ouvia música - Móvel coberta com roupa branca - Faixa negra nos homens - Luto não necessário abaixo dos 15 anos - Roupa branca para as crianças - Luto como sentimento - Luto como uma questão de respeito - Luto conforme o grau 	<p><i>“eu andei um ano fechada de preto para ir a missa, para andar em casa foram seis meses, nem os braços podíamos andar a descoberto.” E1</i></p> <p><i>“as filhas vestiam-se de luto até de casaco andavam em casa, com calor ou sem calor e com o lenço na cabeça, senão fosse assim eram criticadas.” E2</i></p> <p><i>“A minha mãe andou 12 anos, mas as viúvas era assim o resto da vida, só se casassem deixavam o luto.” E1</i></p> <p><i>“A viúva andava o resto da vida assim, se ficassem viúvas aos 20 anos andavam o resto da vida de luto, há muitos anos atrás” E2</i></p> <p><i>“Nas casas ninguém abria as janelas nem deixava as portas abertas, uns seis meses. Nem musica nem rádio” E1</i></p> <p><i>“A mobília havia sítios que era tirada ou tapada com roupa</i></p>

		<p>de parentesco do morto</p> <p>- Exteriorização</p> <p>- Atualmente luto mais recatado</p>	<p>branca” E1</p> <p>“Os homens cortavam um pedaço de pano preto e coziavam no casaco, as vezes usavam durante um ano.” E2</p> <p>“O luto dos homens era levar o punho do casaco para cima ou no funeral punham o casaco em cima da cabeça” E8</p> <p>“As crianças se tivessem uns 15 anos já tinham um vestidinho preto, mas se fosse mais pequenina já não punham luto” E2</p> <p>“Quando morria uma criança não se punha luto, eu tive uma prima que lhe morreu uma pequena e ela não tinha roupa branca, então eu até lhe emprestei uma blusa branca” E2</p> <p>“Se fosse criança não havia luto, só se fosse uma já com uns 15 anos.” E8</p> <p>“O luto era usado como um sinal de sentimento, as pessoas, quando viam alguém, diziam “Olha, quem foi que morreu?” e as pessoas diziam “Foi o meu pai, a minha mãe”” E4</p> <p>“A questão do luto atravessa gerações, há</p>
--	--	--	---

			<p><i>um respeito da família quer na maneira de vestir, na maneira de socializar, depende muito do contexto. Agora é um luto mais privado, antes havia mais exteriorização.”</i> E5</p> <p><i>“Havia uma lei, quer dizer, não era uma tradição, era um costume, o pai era um ano e meio, mãe era um ano, avós eram seis meses, tio três meses, prima mês e meio.”</i>E6</p> <p><i>“O luto, se fosse por um pai ou mãe, era um ano e meio, as filhas um ano todas vestidas de luto e o resto preto e branco para ir aliviando o luto. As mulheres que eram viúvas aguentavam dois, três, quatro anos e algumas aguentavam a vida toda”</i> E8</p> <p><i>“O luto era vivido com mais sentimento para o exterior, eu acho que muitas vezes era mais para as pessoas não serem criticadas pela sociedade, as pessoas davam muito valor ao que os outros iam pensar. “</i> E7</p> <p><i>“É a tal coisa, um luto menos exposto, mais recatado.”</i> E7</p>
	Rituais que se mantêm	- Reza do terço	<p><i>“Ainda acontece as pessoas irem a casa dos vizinhos e familiares, rezar o</i></p>

		<p>- Sacramentos</p> <p>- Não se faz nada em casa</p> <p>- Luto</p>	<p><i>terço durante nove dias, mas é algo mais restrito e não é um todos os sítios da freguesia.” E1</i></p> <p><i>“Estas coisas que falamos da parte da casa já não se vê nada ou quase nada, tirando aquela parte que algumas pessoas ainda vão a casa da pessoa que morreu rezar uns dias.” E8</i></p> <p><i>“As pessoas ainda vão a casa das pessoas rezar, a casa do morto, mas também já ouvi dizerem: “É que é o costume agora, senão não abria a porta”.” E7</i></p> <p><i>“Daquilo que eu conheço destaco dois rituais, o vestir de luto e ir rezar a casa do defunto.” E5</i></p> <p><i>“Ainda há famílias que rezam o terço em casa uns dias, mas de resto já não se vê nada” E2</i></p> <p><i>“Também ainda se chama o senhor padre para ir dar os sacramentos quando uma pessoa esta mais doente” E1</i></p> <p><i>“Hoje em dia já é muito diferente, não se faz quase nada em casa.” E4</i></p>
Rituais e crenças	Mitos e crenças em	- Sinais da morte: borboletas pretas,	<i>“As borboletas pretas dentro de casa a volta</i>

	relação à morte	<p>corujas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Direção da cabeça (direita bom, esquerda mau) - As pessoas esperavam pela família toda ou alguém para pedir perdão antes de morrer - Flor quando o morto era uma criança - As “feiticeiras” - Dia das Almas - Crenças populares - Água benta na pessoa que estava a morrer - Superstições - Saloias (compasso) 	<p><i>das luzes, era sinal que alguém ia morrer e normalmente morria alguém conhecido.” E1</i></p> <p><i>“As corujas também é sinal, mas já começam a agoirar uns 3 meses antes.”E1</i></p> <p><i>“as pessoas estavam quase a morrer e viravam a cabeça para o lado direito é que estavam a ver alguma coisa boa, se viravam para a esquerda é que estavam a ver o demónio, as pessoas iam lá e deitavam água benta e rezavam orações como o “Creio em Deus Pai” E1</i></p> <p><i>“Eu lembro-me que as vezes as pessoas parece que esperavam que a família estivesse toda reunida para partir.” E1</i></p> <p><i>“As pessoas quando estavam a morrer as vezes também pediam para ir chamar alguém para pedirem perdão” E1</i></p> <p><i>“Havia era tradição de quando o morto era uma criança, trazerem uma flor e punham na mão da criança e dizer: “leva isto ao meu filho, leva isto ao meu marido”, estes já tinham morrido e as pessoas acreditavam nisso.” E2</i></p> <p><i>“Diziam que havia as</i></p>
--	-----------------	---	--

		<p><i>feiticeiras, mas isso é mentira. Quem tava quase a morrer dizia “anda, anda” e punham a mão na outra pessoa e a outra já ficava com o mando (de feiticeira) e pronto, depois já morria, já tinha deixado o mando” E4</i></p> <p><i>“Quando a pessoa custava a morrer e achavam que era feiticeira, davam uma vassoura, que era para ela deixar o mando. Agora não falam nisso, mas antes era assim e depois pegavam lume na vassoura.” E6</i></p> <p><i>“No dia das almas, as pessoas costumam ir a missa quase sempre. Lembro-me que no tempo do Sr Padre Miguel, ele dizia o nome de todas as pessoas que tinham morrido nesse ano e fazia uma oração.” E4</i></p> <p><i>“Também dizem que quando uma pessoa é dada por morta e não morreu, vive muitos mais anos.../Quando o funeral vai torto, vem outro em breve. /Morre um solteiro, vão sete atrás.” E4</i></p> <p><i>“Também quando a pessoa estava a morrer, deitavam um pouco de água benta para baixo da cama, que diziam que era para afugentar o que</i></p>
--	--	---

			<p>era mau.” E6</p> <p>“Quando os cães uivavam, diziam que ia morrer alguém, então virávamos um sapato ao contrário, que era para evitar essa desgraça, ainda faço isso hoje em dia, porque a minha mãe ensinou a fazer isso. Ou uma coruja a cantar, embora não acredite, mas não gosto.”E7</p> <p>“Quando morria alguém, também quando passava o Espírito Santo com as saloias nessa casa entravam e recolhiam a esmola, mas não cantavam nessa casa, pelo menos no ano que tinha morrido alguém” E7</p>
	Papel da igreja/outras religiões	<ul style="list-style-type: none"> - Predominância da igreja católica - Desligamento atual relativamente à igreja - Testemunhas de Jeová - Acompanhamento dos idosos e das famílias - Igreja católica muito presente na vida das pessoas 	<p>“A igreja sempre esteve presente, de uma maneira ou outra na vida das pessoas. Desde pequenas que íamos a missa, não é como agora” E1</p> <p>“Enterros de outras religiões, não me lembro, era essencialmente a religião católica” E4</p> <p>“Eu sei que nas testemunhas de Jeová não tem padre, eles vão só ao cemitério com o pastor e fazem umas leituras da bíblia a beira da cova.” E2</p>

			<p>“mas há alguns das testemunhas de Jeová, não levam o Cristo na cruz no caixão nem véus com símbolo de cruz, pode ter desenhado uma pomba ou uma flor. O pastor faz uma celebração à beira da campa e fala da pessoa falecida e depois vai a sepultar.” E4</p> <p><i>“Uma das missões mais gratificante para mim é a de acompanhar os idosos e depois vê-los partir acompanhados pela família, acompanhados pela oração” E5</i></p> <p><i>“A igreja católica sempre esteve presente na vida das pessoas, desde quase que nasciam até a morrerem, a morte era sempre feita com oração e o padre ia sempre a casa.” E8</i></p> <p><i>“De outras religiões ... não me lembro de funerais não católicos. Agora começam a aparecer outras religiões (...) mas antes só me lembro da religião católica.” E7</i></p>
A atualidade	Como se celebram os funerais (antes Covid-19)	<ul style="list-style-type: none"> - Rituais fora de casa - Funeral rápido - Tudo tratado pela agência funerária - Cortejo até ao 	<p><i>“Hoje em dia é tudo quase tudo fora de casa, ainda há um caso ou outro que a pessoa fica doente em casa e ainda chamam o senhor padre para dar os sacramentos... vai para o hospital para morrer, ou se morre em</i></p>

		<p>cemitério</p> <ul style="list-style-type: none"> - Funeral vem do hospital - Cortejo vagaroso com os carros - Funerais mais pequenos e reservados - Caxão aberto na capela - Importancia das floristas - Crianças não participam 	<p><i>casa só fica umas horas e vai para a morgue do hospital ou para capela que tem ao pé do cemitério e da igreja.” E1</i></p> <p><i>“O funeral já vem do hospital diretamente para a igreja, o senhor padre já não vem a casa e tudo à pressa.” E2</i></p> <p><i>“A família é que tratava do funeral e da sepultura, agora não, a família dá autorização e a agência é que trata de tudo, hospital, conservatória, a Câmara, o senhor padre. Agora a família só tem de escolher a urna e estar à hora combinada no hospital, para fazer o cortejo fúnebre ate à capela” E4</i></p> <p><i>“Grande parte das pessoas vão morrer ao hospital, a família junta-se com a agencia funerária na porta do hospital” E5</i></p> <p><i>“depois vem em cortejo até a igreja que fica junto a cemitério, depois é feito o cortejo até a entrada na igreja.” E5</i></p> <p><i>“Quase sempre o funeral vem do hospital, quem pode vai ao funchal a capela do hospital, quase sempre vai a família e as pessoas mais chegadas.</i></p>
--	--	---	--

		<p><i>Fazem o cortejo com os carros, eles vem devagar pela via rápida, os carros vem com os piscas ligados, toda a gente respeita os carros do funeral.” E6</i></p> <p><i>“Hoje em dia, os funerais são mais pequenos, as igrejas já não ficam tao cheias. O funeral sai da capela do hospital e vem de carro até à capela da paróquia, vem os carros a acompanhar.” E8</i></p> <p><i>“Hoje em dia se o funeral é às 4h, a família só vai para a acapela à 1h, já querem ficar mais sós, é um luto reservado” E7</i></p> <p><i>“O caixão fica umas horas aberto na capela e as pessoas vão lá ver e dar os pêsames à família” E8</i></p> <p><i>“Agora já temos muitas floristas, se não levar flores é um pobre. Antigamente as pessoas mandavam fazer um ou dois ramos e o restante era feito com flores recolhidas na vizinhança. “ E7</i></p> <p><i>“As crianças em funerais quase que desapareceu, há quem ainda leve, mas as vezes nem vão na procissão do funeral.” E7</i></p>
--	--	--

	Como se vive luto	<ul style="list-style-type: none"> - Quase inexistente - Pouco respeito pelo luto - Luto vivido com dor - Relevância do motivo da morte - Luto apenas na família mais próxima - O luto como sentimento - Luto só no funeral - Papel das redes sociais 	<p><i>“Acho que já não se faz quase luto comparado com antigamente.” E1</i></p> <p><i>“Agora já é diferente, as mulheres andam 2 ou 3 meses e acabou e as filhas põem o luto no dia do enterro e acabou, antes era um ano / um ano e meio.” E2</i></p> <p><i>“O luto era uma coisa muito respeitada, as mulheres só voltavam a tirar o luto se voltassem a se casar, agora já é uma coisa demais, tiram quase logo a seguir, nem sequer vestem uma coisa mais escurinha, o luto era uma coisa muito respeitada” E4</i></p> <p><i>“É vivido com muita dor e confrontado com oração, as pessoas procuram respeitar o luto de cada pessoa de cada família. Depende também das situações, se é alguém que deixa filhos, se é alguém muito novo, se é morte natural se foi acidente.” E5</i></p> <p><i>“A família mais próxima ainda põe uns dias uma roupinha mais escura, mas estas gerações mais novas já não ligam a isso àquelas mais velhas da minha geração ainda vestem uns tempos” E6</i></p> <p><i>“O luto hoje em dia, já não se dá tanto valor</i></p>
--	-------------------	---	---

			<p><i>ao luto; enquanto antes era a roupa preta que se usava antes, agora já as pessoas não dão tanto valor, agora é mais o sentimento que a pessoa tem.” E8</i></p> <p><i>“O luto hoje em dia, raramente se põe luto fechado. Só se for mesmo no dia do funeral.” E8</i></p> <p><i>“Agora já outras formas de expressar o luto, por exemplo agora com as redes sociais e com o Facebook, as pessoas escrevem muitas vezes uma frase, uma homenagem à pessoa que morreu, alteram a sua foto de perfil para um fundo escuro, ou escrevem a palavra “Luto”” E7</i></p>
	Perceção das novas gerações	<ul style="list-style-type: none"> - Crianças não vão a funerais - Tentativa de não pensar na morte - Não vão a funerais - Anúncio do funeral no Facebook - Desinteresse nos rituais 	<p><i>“Hoje em dia as crianças quase não vão aos funerais, raramente se vê uma criança no funeral.” E1</i></p> <p><i>“Agora já não vemos, escondem muito das crianças essas coisas, os pais resguardam muito. Num futuro próximo será ainda pior, certamente os funerais serão só para a família.” E7</i></p> <p><i>“As crianças quase não vão aos funerais, muitas vezes ouvimos “Ah, o meu filho não vai ao funeral, ele é muito pequeno, isso é</i></p>

			<p><i>um choque para ele, ele vai ficar traumatizado”</i> E4</p> <p><i>“Acho que hoje em dia tentamos não pensar na morte, as pessoas preferem pensar que isso não vai acontecer”</i> E1</p> <p><i>“muitos não querem que lhes fale da morte é uma questão adiada, é quase uma questão pessoal, enquanto no passado era mais uma questão comunitária.”</i> E5</p> <p><i>“Daqui a uns anos eles nem acreditam que as pessoas morriam em casa. Antigamente ia um magote de gente aos funerais, agora ainda vai algumas pessoas , mas daqui a uns tempos já não vai quase ninguém.”</i> E2</p> <p><i>“havia mesmo pessoas que eram pagas para ir dizer as horas dos funerais, ele ia passando e dizia “ Tal pessoa morreu, tal hora e tal dia é o funeral”. Agora é o Facebook.”</i> E4</p> <p><i>“As novas gerações já não ligam muito a isso, agora para eles a morte é morrer no hospital e vir a igreja e enterrar o corpo.”</i> E6</p> <p><i>“Mas já esta canalha mais nova já não se lembra de quase nada.</i></p>
--	--	--	---

			<i>A verdade é que já não se faz quase nada.” E8</i>
--	--	--	--